

No Meu Próprio Caminho

Sobre:

O livro é uma biografia ficcional do autor, as pessoas presentes e muitos dos diálogos e situações são reais, porém enfeitadas numa narrativa ficcional de Road-Book. A literatura entra em jogo para deixar a vida ainda mais magica nessa jornada de autodescoberta. A escrita nesse livro se aproxima mais do convencional e se afasta do estilo beat do autor, mas é algo necessário pelo valor da historiam, & no fim esse é um texto sobre uma fase da vida de uma pessoa comum como você... em seus medos, delírios e sonhos... tentando entender quem é.

Sumario:

Prologo	06
Apresentação	
Parte 1	20
Parte 2	30
Parte 3	42
Parte 4	45
Parte 5	52
Parte 6	65
Parte 7	72
Parte 8	90
Parte 9	113
Parte 10	127
Parte 11	138
Parte 12	
Parte 13	
Parte 14 Parte 15	
Parte Final	195

PROLOGO

É 20 de novembro de 2026, eu caminho sob o nascer do sol da madrugada de um sábado frio, posso sentir minha respiração ofegante enquanto avanço passo a passo de uma longa e tortuosa estrada, me encontro nos interiores do Paraná em alguma região onde nem sequer sei o nome, tudo que me resta são poucas notas de dinheiro e uma garrafa de Whisky que nem tenho o costume de beber, comprei de um ambulante que viajava com sua filha mais nova, ao olhar para ela de longe dava para confundir com um garoto. eles não tinham muito dinheiro e viviam como nômades, mas nunca vou me esquecer do sorriso doce e inocente daquela criança que me fizera gastar minhas últimas notas graúdas. Às 8 horas da manhã eu caminhava pela estrada vazia de uma mata seca e áspera na esperança de uma carona até a cidade mais próxima, meu café da manhã foi um chiclete que perdera o gosto com poucos minutos de mastigação, só Deus sabe como o dia poderia piorar.

Às 10 horas eu tentava imaginar o que meus amigos poderiam estar fazendo naquela hora, se estariam eles ainda dormindo de baixo de lençóis frescos e sobre uma cama macia que há dias eu não sabia como era, se estavam tomando um gostoso banho de água morna ou um delicioso café da manhã, que saudade eu senti naquele momento, saudade de casa, dos meus amigos, meus amores, do meu conforto!..., mas imaginar me ajudava a prosseguir. Às 14 horas sentia meus pés queimarem sobre o asfalto, o sol que um dia fora meu amigo me castigava com açoites de enxaqueca, minha barriga tremia de dor por estar fazia, meu corpo se mexia em estado automático como um código de computador e nada passava naquela estrada de desolação. As 17 não sabia mais quem eu era, já não pensava nem me importava mais, não

conseguia levantar a mão para os poucos carros que passavam ao meu lado, me sentir sujo, miserável, aquele é um dos piores estados para um homem estar, então as 18 horas eu parei de andar, olhei para o crepúsculo que se fechava no céu alaranjado e cai batendo meus joelhos ao chão, então eu chorei, chorei como uma criança, chorei como nunca havia chorado, chorei envergonhado pois sempre me diziam que homem não chora.

Sozinho e desamparado eu desisti, tudo que queria era voltar para minha casa e ter os velhos confortos materiais de uma vida normal que todos almejam, eu queria poder jogar games e ver TV até tarde da noite, poder pedir fastfood com sorvete enquanto saia com uma garota em meu carro, queria ter um trabalho fixo que me tirasse daquele sofrimento da fome ou do chão duro, pois Deus havia me abandonado e meus olhos se fechavam como se aquele dia fosse o meu último, eu desci até o último andar do inferno de Dante para acabar como um desconhecido, um completo sem nome, me sentia como uma pedra a rolar no meio do nada, meus ideais haviam morrido, tudo que tentei provar para o mundo não passava de mera utopia hiponga de um jovem que fizera escolhas erradas.

Nesse último suspiro de escuridão me surgiu a luz no fim do túnel que dera energia a meus pulmões, uma estrela que brilha sobre mim dizendo "Não acabou, ainda é cedo para desistir, então brilhe, brilhe minha louca criança pois eu sou contigo". Então eu vi o outdoor de um posto de gasolina que refletia o entardecer, balanguei até o vazio local que estava fechado e provavelmente abandonado, então vi um grupo de vagabundos ao fundo do local, sem terras, moradoras de ruas pobres e miseráveis, eram uns sete e eu me sentia parte deles, então me aproximei e vivi a cena que nunca vou esquecer.

Perguntei onde estava e uma moça que cozinhava uma sopa de restos em uma mini fogueira de papelão me respondera "Paulo Frontin", uma cidadela de 7 mil habitantes. Como um nada em lugar nenhum

poderia me impactar tanto em pouco tempo? o nome da mulher era Natasha, ela me perguntou;

"Você tá perdido?"

Respondi com profunda melancolia apenas um "estou" mas para mim mesmo fui mais longe;

"Estou, estou perdido no mundo, perdido em meu consciente, perdido na vida, perdido em minhas ilusões".

Pude ouvir aquela resposta que vem como um balde de água fria, um choque de realidade de pessoas em situação de rua a tanto tempo que talvez nem se lembrem mais como é ter outra vida;

"Aqui garoto, todos estão perdidos".

Ela me convidou para me sentar e descansar com eles pois a comida logo ficaria pronta, não tinha comida suficiente nem para os sete então por que dividir com um estranho? Me sentei junto a roda onde eles fizeram entorno da fogueira, aquele fogo iluminava o breu que se formava, então o mais velho dos homens perguntou quem eu era, eu não queria falar que eu estava ali por opção já que todos foram levados a estar ali pelas peripécias e complexidades da vida, então inventei que não tinha ninguém no mundo, depois disso pude escutar um dos homens falar apaixonado.

"Pois eu tenho uma pessoa que amo, nossa como ela é bonita, seu nome é Tereza, ela é a dondoca mais bonita que já vi".

Ele era um homem barrigudo pela cerveja presumo eu, era um moreno espontâneo, os outros o chamava de Barriga, ele me mostrou a foto dela e era bem bonita sim, mas a foto era bem antiga, ela era branca, jovem e tinha cabelos caracóis.

"Eu a conheci na minha juventude, cara! como eu pegava todas, era uma chuva de bucetas... (risadas), mas quando conheci Tereza eu mudei, eu sabia que pra ela eu teria que ser homem sério".

Um dos homens que não lembro qual o perguntou o que houvera ocorrido para ele acabar onde judas perdeu as botas e Barriga começou a contar sua história.

"Em 91 mataram um homem em minha cidade, Moema - Minas Gerais, o pai da Tereza me odiava por ser negro, tenho certeza que ele armou pra cima de mim pra que eu não ficasse com a filha dele o filho da puta, no dia seguinte fui preso e apanhei pra caralho, consegui fugir graças um zelador que me conhecia, o engraçado que ele sabia que eu era inocente porque ele não era flor que se cheire. Quando fugi eu me infiltrei numa caravana que vinha trabalhar numa colheita de algodão aqui no Paraná, desde então vago por aqui nessa merda de lugar, mas é o que tenho então o que adianta reclamar, tem gente em situação pior".

"Você já a viu depois disso?" - Perguntou Natasha para ele.

"Não, acho que nunca vou ver, mas sei que ela não acreditou nesses rumores, sei disso, porém eu ia amar poder ver ela de novo, dizer que depois dela nunca amei ninguém mais nesse mundo, é claro que fudi com várias garotas, mas nunca amei ninguém que não fosse ela!"

Eu adoraria dizer que no fim o Barriga à encontrou em sua cidade Natal, que ele foi atrás de seus sonhos e pode ver a amada pela última vez como um emocionante conto de romance de Emily Brontë, mas provavelmente isso nunca aconteceu, provavelmente ele morrerá alguns anos a seguir naquela mesma cidade pacata devido ao seu alcoolismo, nunca mais o revir, nunca revir ninguém daquele dia, mas carrego todos em minhas memórias.

Meu estômago estava aos berros quando Natasha repartiu a sopa entre todos, eu comi aquela sopa feita com feijões velhos de marmitas requentadas, frutas praticamente estragadas de feira, e ossos de animais que os açougueiros jogavam fora, normalmente me recusaria a comer algo assim, mas por incrível que pareça aquela foi uma das refeições mais saborosas que já comi em toda minha vida, ainda tive a sorte de poder repetir já que Natasha deixou sobras em seu prato, nunca esquecerei aquele gosto e aroma encorpado que sinto agora em meu nariz. Enquanto comia; os observa falar de suas garotas e transas, de seus medos e sonhos, histórias engraçadas que faziam todos rir, além do Barriga e da Natasha havia o mais velho, Rodrigo, ele batia na casa dos 70 anos, serviu o exército nos anos 70 e 80, nos anos 90 entrou em carreira policial, diz ele que esteve no massacre do Carandiru do lado da polícia, e aquilo foi tão traumático que viveu a vida a base de remédios até enlouquecer de vez, então perdeu a esposa, perdeu filhos, se tornara violento, batera tanto em terceiros que foi espançado pela vida, pois querendo ou não, ao bater você abre sua guarda para apanhar de volta.

O homem que sugava uma Lasca de osso de porco era o Aristides, todos o chamavam de Baiano, ele era baiano igual a mim, era o mais engraçado, era atrapalhado por natureza e falava tão errado que era como se criasse um novo idioma, sua história é como a de milhares de pobres negros e nordestinos no Brasil que tentam buscar uma vida melhor em outras bandas mas acabam sendo explorados e quando o capitalismo julga que eles não servem mais, são abandonados e largado as traças. Tinha os amigos de infância Bingo e Ricardo, adultos sérios que viviam ali com seu cachorro tobi, isso antes dele morrer atropelado por um esnobe que nem sequer parou pra ver se era uma pessoas ou um bicho, todos estão com pressa ali, porém quem mais me chamou atenção foi a mais nova do grupo, seu nome era Elisa, ela não parecia pertencer àquele mundo, a Natasha me disse que ela teve problemas com drogas e hoje está ali, ela nunca tá com os outros, sempre afastada, sempre triste.

Após o almoço eu dividir com todos meu Whisky que fora passado de mãos em mãos e bocas em bocas até ir se acabando aos poucos, como era bom aquele clima de noite estrelada, a ventania que batia sobre nossos rostos e nos vazia admirar as estrelas no céu enquanto compartilhávamos histórias.

"Ainda penso em sair dessa vida sabes?" - diz Aristides - "Penso eu em ter escola, arrumar meu barraco, cangabeijar um broto lindo de dador."

"Daqui tudo que tu vai conseguir é uma pinga e uma vaga no inferno."

Resmunga Rodrigo fazendo todo mundo rir, inclusive eu.

"Pode rir de mim, mas quando tiver em minha mansão e chamar vocês pra ir se banhar na piscina você vai se arrepender."

"Se você tivesse uma mansão nem ligaria pra gente" - diz Barriga. "Quem disse? eu jogaria na cara de vocês todos os dias."

"Já se eu tivesse uma casa chamaria todos vocês pra ir morar comigo, no fundo todos vocês são legais" - diz Natasha deixando o clima leve, naquele instante todos respiraram fundo se permitindo sonhar.

"Conta outra " _ Dúvida Rodrigo.

"Tem razão, eu levaria todos menos o Rodrigo. "

Toda essa situação mexeu muito comigo pois me mostrou que até onde parece que os olhos da benevolência não olham, onde os vagabundos são jogados aos esporos, onde os chamados escórias da sociedade vivem; até ali existe amor, até ali há bondade e companheirismo mútuo.

E a noite passava como uma melodia suave que só perdera o som para a canção cantada por barriga que ecoava na vastidão do escuro, era uma música antiga, um samba que até hoje me lembro a letra. "Eu também... um dia fui uma brasa...
acendi... muita lenha no fogão
E hoje o que é que eu sou, quem sabe de mim é meu violão
Mas lembro que o rádio que hoje toca, iê iê iê o dia todo,
Tocava saudosa maloca...
Gosto dos meninos desse tal de lê lê lê
pois com eles tocam a voz do povo
E eu que já fui uma brasa -- se assombrar posso acender de novo..."

Ninguém ali era cantor profissional, cantavam canções em tons desafinados e fora do tempo, na verdade mal, mal sabiam as letras por inteiro e mesmo assim era tão bonito quanto um poema renascentista. Meus olhos se viraram para Elisa, ela estava escrevendo algo num caderno velho, lembro-me de seus cabelos cor de fogo, ruivos e sujos como de uma garota que crescerá na roça, suas roupas simples e suas longas meias de pares diferentes. Perguntei a ela o do porquê estava ali, no início ela era seca e desagradável, mas percebi que não era porque ela era uma pessoa ruim ou amarga e sim uma forma de autodefesa, ela passara por coisas na vida que a deixaram daquele jeito, todos somos assim em certo ponto de nossas vidas.

"Eu te conheci hoje, porque deveria falar da minha com você?"

Bem, nesse ponto ela até está certa, mas não é isso que nos torna seres sociáveis? a capacidade de ouvir e compartilhar experiências e histórias que nos marca de certo ponto de vista, disse isso a ela o que a fez rir.

"Eu fugi de casa aos 17 anos de idade garoto, deixe-me lembrar o resto, ah... fui abusada durante 7 anos da minha vida. Sete anos calada como uma pedra, sabe quantas noites eu chorei sozinha? Parei de contar na verdade. Não foram poucas, garoto. Quando contei pra minha amada mãe ela me deu um tapa, disse pra mim parar de querer chamar atenção

com um assunto tão sério e que eu parecia uma puta, ela sabe que nunca gostei do meu pai mesmo antes dos abusos, é claro que ele não é meu pai verdadeiro, ela o ama, até mais do que eu, então simplesmente dei o fora. e essa é minha história, que diferença faz agora?"

Ao ouvi-la não entendia como tamanho sofrimento podia ser relatado de forma tão seca e crua, ela falava com ironia e desdém de sua própria história como se fosse algo distante dela. O triste é você querer dizer algo que possa mudar ou confortar de alguma forma, mas você não sabe o que falar, você não sabe o que fazer e tudo que você faz é sentir pena e soltar palavras vazias.

"Eu sinto muito"

"Tudo bem, garoto, já não me abala mais"

"Você deve odiar ele, não é?"

"Na verdade, não, eu só tenho pena, pena de uma alma miserável e vazia, tenho certeza de que ele é infeliz o suficiente, e isso basta, eu poderia tá em uma casa luxuosa se tivesse vendido meu corpo, mas prefiro tá aqui, na terra dos meus sonhos encantados. Eu não sou triste garoto, eu só estou cansada".

Isso foi um resumo que consigo lembrar em minha mente de toda conversa que tivemos, de certo modo tudo que ela falou batia em meus ouvidos como tambores anunciando uma melodia erudita e eu refletia sobre aquilo como se flutuasse à deriva, mas continue a puxar assunto.

"O que escreveu?"

"Um poema, é meu passa tempo."

"Posso ler?"

"Eu não sei se tá bom, mas vai nessa."

Ela me passou o caderno e então me afundei em cada verso, passei um bom tempo lendo e comentando vários poemas o que a fazia falar sobre cada um deles, sem perceber ela estava rindo e empolgada ao falar de seus sentimentos ao escrever; como isso é lindo!

"Qual é o seu sonho?"

Não é a primeira vez que faço essa pergunta a alguém, mas a partir desse dia eu carreguei-a como um mantra na qual gosto de perguntar para quase todas as pessoas que fui conhecer perante minha estrada.

"Meu sonho (risadas), eu não quero o mundo, eu só quero poder ter uma vida digna humanamente falando, uma casa, roupas e uma boa comida, quem sabe lasanha! mas indo pra um lado utópico eu gostaria de escrever livros, livros que possam tocar as pessoas e ser reconhecida por isso, eu escreveria o dia inteiro."

De todos os poemas que li tem um que não sai de meus pensamentos, carrego aquele poema como parte de meu cosmos pois tais palavras me abriram um mundo perdido, me inseriram numa odisseia de restauração mágica, as portas da percepção se abriram para mim.

"Cada vez que eu penso em quem eu sou
Me vejo perdida numa estrada de terra
Cada vez que penso no que já vivi
Sei que me aproximo aos abraços da morte
Ela que é soturna e fria, mas é tudo que tenho
Passo o meu tempo a escrever pois sei que vivê-lo não vale a pena
Choro no silêncio do escuro pois me sinto perdida no mundo
Pra onde ir se nenhum lugar me pertence
Os filósofos passam a vida a desvendar os problemas do mundo
Enquanto os vagabundos passam a vida a viver

Eu sei que não sou ninguém, mas tudo talvez eu possa ser
Cuspam saliva em meu rosto, mas não tirem meus sonhos
Pois eles são meus, e os segurarei até o amanhã
E quando as dores e a tristeza do mundo baterem em minha porta
A fecharei com cadeados de prata
Pois o mundo também é meu e eu ainda não completei metade do
caminho que um dia comecei a trilhar."

Depois de algumas horas caímos no sono debaixo do céu aberto, sendo banhados pelo sereno e as luzes das estrelas reluzentes, cada uma das pessoas que conheci moldaram certa parte do meu caminho, dos mais reclamões aos mais acolhedores. Na manhã seguinte, antes dos galos do amanhecer cantarem eu peguei minha bolsa e retomei minha trilha, me despedir de cada um como se fossemos amigos de longos tempos. Partir sempre é um desafio, mas agora eu tinha uma motivação a mais, estava revigorado, pois o que aprendi com meia dúzia de vagabundos vale mais que a conclusão científica de mil cientistas.

Como pode o mundo ser tão duro com certas pessoas, nos colocam no céu de jardins floridos para em seguida cair num mar de espinhos onde quanto mais tentamos sair mais nos cortamos, e o pior que essa ferida arde, ela nos persegue e parece que nunca se cura. Como pode um homem amar uma mulher e nunca poder à tela? como pode um homem estável perder tudo na vida por desilusões de uma sociedade caótica, como pode alguém ter um sonho de ser algo melhor e ver suas ideais sendo destruídos pela realidade obscura da existência, e por fim... como pode uma criança ter sua inocência perdida por malfeitores destruidores de mundos, de orgulho e de alma?

No fim aceitamos que as coisas simplesmente acontecem mas o que molda a vida é a esperança, a esperança de ser e ter sempre algo melhor, pois poder é ter todos os motivos para odiar a vida e mesmo assim a amar do fundo da sua alma, as pessoas não amam pois estão ocupadas querendo tudo a todo instante, terceirizado suas felicidades para objetos de decoração sem singularidades e plenamente vazias, acham que tudo vem do dinheiro sem se tocar que não passa de papel, quando olham para trás percebem que pegaram a rota do tempo rumo ao envelhecer, então se ligam que a estrada é curta e que não saíram da linha de partida, acampam lá com suas tendas da ignorância e dizem pra si mesmo que tudo valeu a pena, que deixaram um legado de tijolos sobre a terra e alguns minérios em um banco na cidade.

Não eu, eu quero seguir o sol rumo o horizonte do universo, sentindo cada gota de água que cai do céu no dia de hoje pois o amanhã é muito tempo, meu legado será passado de memória e memória de cada pessoa que conheci em minhas trilhas da vida, pois tudo se destrói como efêmeras passagens, mas memórias são imortais, quero caminhar por campos de algodão e ser feliz por estar vivo e isso basta, porque a de querer eu o ouro e luxo se não tenho o mais simples, um motivo para caminhar. Com 37 reais em meu bolso, um sapato velho e com as solas quase rasgadas, com o vento soprando em meu rosto e leves raios ultravioletas me abastecendo de energia, com as colinas sobre meus olhos e os grãos de areia sob meus pés, eu caminhei, caminhei pela longa e sinuosa estrada.

<u>APRESENTAÇÃO</u>

Meu nome é Max, um fruto originário do Brasil e da brasilidade, filho de uma Maria doméstica e de um vaqueiro de interior, neto de avós católicos e comerciantes de feiras de praças, nascido do proletariado de uma cidadela pequena rural, sou genericamente normal e sem talentos especiais, sem poderes místico, sem dom particular ou coisas do tipo, eu sou você, sou mais um de muitos que vagueiam pelo mundo na esperança de ser algo a mais, querendo ter o que nunca tivera, querendo ser o que nossos pais nunca puderam ser e o que eles sonham para que a gente seja, então tudo que podemos carregar são nossos sonhos, sonhos que durante nossas vidas deixamos para trás pois descobrimos que a existência não é algo fácil, descobrimos quando saímos dos campos da infância e inocência que o mundo é mal, que as pessoas são más e provavelmente não vamos muito longe, a história se repetirá e no fim seremos como nossos pais.

Não posso reclamar da minha vida na infância e na adolescência, mesmo não sendo rico e querendo ser rico como todos, nunca passei fome, nunca me faltou o básico, nunca tive que pegar no pesado ou ter que trabalhar porque me faltava algo, vi meus pais darem duro para que eu não tivesse que passar pelo o que eles passaram e sou grato do fundo da alma por isso, mas também não tive uma vida banhada a flores de lírios numa banheira de vidro. Desde pequeno eu crescia ao lado de duas companhias, a solidão e a imaginação. Fui criado na roça onde tive pouco contato com crianças de minha idade, o que me fazia fantasiar história baseadas no que via na TV, alias... a TV e os filmes que eu via nesses momentos de solitude era meu combustível para meu avião de ideias delirantes e uma mente fértil de criatividade, eu passava horas sozinho

rodopiando em cima duma pedra, fantasiando histórias mirabolantes onde eu era um super herói e salvava a mocinha linda que se apaixonava por mim, ou que eu era um cowboy que salvava a cidade de uma manada de touros negros soltos pelas ruas, e no fim eu era aplaudido por todos na cidade.

Quando entrei na escola não era o mais sociável o que me fez fazer amizade com os dois piores alunos da turma, éramos o trio parada dura e colocávamos a escola a baixo de tantas traquinagens, me lembro que no meu primeiro dia eu estava chorando e gritando para ir embora, não conseguia ficar longe dos meus pais o que se tornou um trauma quando ambos se separaram, tenho flashs de brigas intermináveis onde eu e meu irmão mais velho observamos os dois de baixo para cima, nos encarávamos com um certo sorriso pois não entendíamos a complexidade daquilo e como uma separação ia mudar nossas vidas para sempre.

Quando meus pais se separam abracei a solidão como um velho amigo que nos consola nas horas mais difíceis, nunca tive ninguém para desabafar meus sentimentos além de mim mesmo, até quando conheci meus melhores amigos na infância. Mas deixo para falar deles depois. Porém eles fizeram da minha vida algo melhor, pude evoluir junto a eles por memórias tão singelas quanto as nuvens que se movimenta no céu, era algo bonito que sempre agarrei firme com medo de perder. A amizade é algo que preso muito, ela é a corda que nos segura ao porto num mar de estranhos.

O engraçado é que nunca perdi o costume da solidão de ficar horas sozinho conversando comigo mesmo e criando histórias ou imaginando futuros na qual sei que nunca irei viver. Aos 4 anos eu sonhava em ser um cowboy como meu pai, aos 7 queria ser veterinário e cuidar de todos os animais existentes no mundo, aos 9 conheci o mar então me apaixonei por aquele universo molhado e azul, então quis ser biólogo marinho, aos 12 entendi o valor do dinheiro então sonhei em ser médico já que todos diziam que ganhavam bem e geralmente é o que os pais sempre sonham

pros seus filhos, porém aos 14 encontrei minha paixão, CINEMA!

Sempre amei os filmes Clássicos de sessão da tarde que passavam na TV, colocava horas da minha vida na frente de uma tela mas um dia comecei enxergar os filmes de uma forma diferente, percebia que eles se comunicavam conosco, que eram mais profundos do que uma criança costuma a ver e falavam sobre o que eu sentia, nunca vou esquecer a magia de Steven Spielberg com suas fantasias maravilhosas como E.T, onde me via no protagonista que era exatamente como eu, ou então eu queria ser o Indiana Jones pelo mundo numa aventura, aos poucos eu evoluía e descobria culturas, países, línguas, pessoas, estilos e ideologias diferentes através de um pequeno disco. Então um mundo se abriu para mim e eu descobri qual era meu sonho verdadeiro, eu era um contador de histórias.

Entre todas as artes o cinema é a mais completa e complexa, nela se reunir todas as outras formas de arte numa harmonia perfeita que nos passam a sensação ideal do que acabamos de ver, o cinema é o reflexo de nossos sonhos, são nossas imaginações sendo produzidas e materializadas através de ilusão de ótica para que tudo pereça real, fazer cinema é fazer sonhos, contar histórias que cheguem a milhões de pessoas que sentem o mesmo que você, o ideal para mim.

O cinema pra mim é uma extensão de quem o faz, é impossível desvencilhar o criado da obra já que uma boa história carrega as características de seu realizador, o verdadeiro cinema é íntimo, artístico e poético, por isso o amamos, ele nos faz pensar, refletir a realidade através do irreal, como é mágico, magia é a palavra que define bem, e é isso que um dia eu quero ser, um contador de sonhos para crianças perdidas que se encontram nas florestas místicas dos frames de uma câmera. Porém como chegar lá se você é podre e seu sonho é caro demais, e é nessa ocasião que você é eu, um jovem correndo de esquina em esquina para pegar o ônibus da autorrealização e em cada parada para

respirar se ver mais distante e mais preso e desiludido, mais acorrentado a miséria da vida automática.

PARTE 1

Quem eu sou? Qual o meu propósito no mundo? O que é a vida? Quem irei ser no futuro? Todas essas perguntas me assustam e chega uma fase de nossas vidas onde nos questionamos cada uma delas pois iremos passar da adolescência para a vida adulta, então surge o receio do mundo, vemos que somos frágeis como o vidro que se fragmenta ao cair no chão, tantas perguntas sem respostas, é assustador.

Então reparamos que de certa forma estamos sozinhos no mundo, que ninguém nos entende, ninguém pensa como você pensa pois você é único e isso o assusta, você daria tudo para ter alguém que soubesse como é que você se sente, sozinho e perdido, confuso e amedrontado sem poder transparecer para os outros seus medos para não parecer fraco. Aí vem as crises existenciais que te fazem chorar na solidão, e você se agarra nas coisas que te dão prazer na vida, o que você ama ou realmente gosta, mas e quando você não sabe o que te faz querer viver?

Em primeiro de janeiro de 2020, eu tinha 17 anos e esse era o ano em que terminei o ensino médio, para muitos é uma grande felicidade já para outros é uma anunciação de temor, medo do futuro, medo de ser um fracasso na vida e para mim não era diferente, virei o ano olhando as estrelas e perguntando o que será de mim nesse mundo de gigantes? Percebi que meu medo não era de não ter o que sempre queria, meu medo era desapontar quem eu amava, é como uma pedra colocada em nossos ombros sem que nós pedíssemos, crescemos com os familiares falando que devemos fazer isso, fazer aquilo, ganhar dinheiro, trabalhar num escritório porque somos inteligentes e somos espertos e tudo que devemos fazer é estudar porque somos estudiosos e isso é nossa

obrigação, mas quer saber...obrigação é o caralho! Muitos jovens não sabem nem o que realmente querem fazer da vida e devem escolher qualquer coisa chata que dê o mínimo de dinheiro pra que eles possam dizer "Olha pais e parentes, eu conquistei alguma coisa", e no fim, tudo que resta é aceita a realidade pois não temos tanto tempo assim ou temos muito tempo mas pensamos que não, e isso é triste, e pior que não saber o que você quer fazer... é ter a certeza do que quer mas perceber que está muito distante de você, porra! eu quero fazer cinema! Quantas pessoas sonham alto? quantas pessoas querem ser artistas de TV, ter uma banda de sucesso, ser cirurgiões aclamados, fazer jogos de computadores para grandes empresas do mercado, escrever best sellers, ser dançarinas se apresentando na Broadway ou até mesmo ter seu próprio negócio que se transformará em uma multinacional? Agora quantas pessoas desistiram de seus sonhos pelo mundo julgar ser impossível? Eles vendem sonhos por satélites, mas nos privam fazendo-nos se matar num mercado de trabalho por 9 horas ao dia e nos alimenta com migalhas de esperanças nos alienando até que percebemos que o tempo passou e então passamos a bola para nossos filhos.

Eu tinha vários sonhos, além de fazer cinema, eu queria ser rico, ter uma mansão com piscina, ter várias empregadas para que não precisasse lavar banheiro, tarefa que minha mãe sempre me obrigou a fazer mesmo eu não gostando. Eu queria viajar o mundo todo e ter a mulher mais bonita ao meu lado, queria amar alguém já que nunca fui muito atraente quando adolescente, eu via amigos com suas namoradas e tudo que queria é ter uma também, mas nunca tive confiança para chegar numa mulher, eu queria ter uma família, ter vários carros e helicópteros, sempre quis o mundo assim como todos.

Mas um vazio se expandia em meu peito como uma cratera que não para de crescer, certa noite deitei-me sobre meu quintal e olhei as estrelas do céu de São Paulo, cidade na qual me mudei aos meus 16 anos

para poder construir um futuro de riquezas, em meus ouvidos, meus fones me faziam companhia na noite fria, passei 2 horas olhando aquele límpido céu sem esboçar uma palavra, então chorei. Eu me mudei de uma cidade de inteiro para uma das maiores capitais do mundo, tomei um choque de cultura enorme graças à minha inocência. Cada vez que pegava uma linha de metrô ou trem ou ônibus, tinha sempre a mesma visão de um povo cansado, um povo sem expectativas, destruídos mentalmente por uma diária rotina de trabalho repetitiva, eram almas a vagar em transportes públicos, passam suas vidas mais tempo em seus trabalhos amargos na qual a maioria não gosta do que faz e não estão fazendo o que realmente querem, não as culpo, eu as entendo, a velha guarda se submete a isso por ter alguém que ama, filhos para alimentar, eles querem dar a eles o que não tiveram, e a nova geração que ter seu espaço no mundo.

No fim o que nos falta é ideologia própria, somos frutos de uns tempos onde o poder nos controla através dos canais de alienação, somos ensinados a não pensar, a se aderir ao mercado e ser gananciosos, nos fechamos em nossas bolhas onde tudo que está fora dela é mal vista ou ignorada, estamos presos em nossas ignorâncias soberbas onde criamos um senso de nós contra eles, uma narrativa de heróis e vilões, o bem contra o mal, o lado claro e o lado escuro, o xerife e o fora da lei onde o seu lado sempre é o certo, suas ideias sempre estão corretas. Ao escolher um lado você é odiado pelo outro, se você se abstém você é fraco e burro, se você escolhe ambos... que tipo de idiota é você? Esse é o mundo em que vivemos, o mundo do individualismo e da polarização.

Vejo os jovens em seus circos de vaidade e percebo que não quero isso para mim, não quero sobreviver como animais numa selva, não quero ter asas e não poder voar como uma galinha, penso que somos ideias dormindo em nossos corpos esperando a chave que nos despertará de nossos sonhos, precisei de uma canção simples do ser que haveria de se tornar meu ídolo para que enfim despertasse de minha hibernação.

Tenho alguns ídolos que carrego comigo, todos tem seus ídolos, eles são nossas conexões com nossas forças espirituais, são cavaleiros que moldam a arte como forma de transformação para nossas vidas, todos precisamos de arte, são combustíveis abstratos para nossas vidas. São fontes de inspiração que nos faz querer ser algo a mais e que ao mesmo tempo nos coloca numa gaiola de auto mutilação pois nunca nos achamos tão bons quanto nossos ídolos, temos planos e ideias que não realizamos pois parece que não é o suficiente para nós mesmo, algo sempre nos incomoda, no fim isso é bom, ninguém faz algo grandioso estando conformado, isso significa ser um revolucionário, ser revolucionário é ser protestante, é querer melhorar sempre e sempre, se algo não é bom, continue tentando até dá certo, pois sempre dá certo. Amamos certas músicas que dizemos que é a música da nossa vida, ou vemos sempre aquele filme que retrata quem somos, ou a imagem de passar a sensação de termos descoberto o universo. Sensação é a palavra.

As Sensações são as abstratas formas de paisagens que nos faz querer sentirmos vivos, o que nos torna seres complexos e não simplesmente matéria. Por que uma mera música tem o poder de transformar uma vida? de nos levar a lugares que nunca poderíamos estar? Por que um filme pode nos impactar a ponto de ficarmos dias pensando sobre ele? Uma pintura, uma cena do dia a dia, um gesto, um livro, um hino, um sorriso. Como coisas tão simplórias e básicas podem ter o poder de três bombas nucleares dentro de uma mente humana?

A arte não é produto feito para consumirmos como as galinhas consomem milho, engolindo um caroço atrás do outro. Sim, a arte muda vidas, mas antes, saiba a consumir.

As pessoas quando vão ouvir uma música, elas primeiramente pesquisam o videoclipe ou põem a música no fone enquanto treinam e fazem suas caminhadas matinais. Como algo pode lhe marcar sendo que você não a respeita, não a coloca em primeiro plano, a deixa na reserva.

Seja aberta a arte e ela lhe violará como terremoto em metrópoles, aí eu te pergunto, qual é a sensação? Qual é a sensação que sua música favorita lhe transmite? Qual a sensação que seu filme ou livro favorito lhe transmite? O segredo é a imaginação, se levante e feche seus olhos quando vier a escuta aquela música, aquela que domina sua alma, aquela te faz querer viver continuamente como um pássaro negro em nuvens brancas, então você vai se mexer junto a melodia como em passos esquisitamente poéticos e tortos, não como as infelizes danças organizadas que necessitam de ensaios repetitivos, é simplesmente sua alma flutuando no vaco do espaço. Então a música te conduz a um lugar secreto, reflita... qual lugar secreto é o seu?

A juventude de hoje em dia escolhe mal seus ídolos, não digo isso na base da soberba, é só uma questão de contexto, é verdade que nos anos 60 e 70 os ídolos eram fortes figuras de transformação mundial com algo forte a dizer diferente de hoje que é só pseudos artistas em uma massa midiática fazendo canções sobre o básico sem o menor senso poético ou psicodélico e abrangente, nessas décadas o mundo precisava de um forte posicionamento, era a era das ditaduras, negros morriam por estar onde queriam estar, imigrantes não tinham vozes para os homens brancos e originários, os estudantes deveriam andar na linha para não cruzar seu trem com o trem do sistema, quem não fosse forte saia dos trilhos, quem não tivesse algo concreto a dizer não era ouvido, as pessoas não seguiam outras pessoas, elas seguiam ideologias, hoje babamos a vida pessoal de celebridades, onde e com quem elas brigam ou namoram é mais importe que a arte que elas oferecem, as pessoas são submetidas a isso e não é culpa delas se a realidade na qual vivem não as fazem ou deixam-nas olhar para os lados.

Porém minha vida mudou quando em 14 de abril de 2020 eu conheci Bob Dylan e um hino chamado "Blowin'in The Wind", uma música simples que me abriu o mundo, lembro de como cada verso me jogava desde os mares do pacífico as montanhas do atlântico dobrando a

terra em pares de partes ímpares, refleti sobre a humanidade e as pessoas, não queria respostas, queria compreensão, percebi que no reino onde todos seguem o caminho que nos são pré-determinado, eu queria fazer meu próprio caminho, a vida é muito valiosa para desperdiçamos nessa padronização dos Estados que dominam esse mundo, as pessoas discutem ideologias políticas se resumindo a esquerda e direita, comunistas, socialistas, liberais, capitalistas, anarquistas, fascistas e os caralho a quatro... somos complexos demais para nos resumir em palavras. Busquem sua própria ideologia e descubram portas nunca abertas antes, se seguirem ideologias pré-existente só acabaram sem saber quem são ou quem vocês eram.

Eu dedico toda minha vida a 4 pessoas, a Deus que me deu a existência, a minha mãe que me ensinou a ler minhas primeiras palavras, ao Bob Dylan que me revelou o mundo além dos muros e ao Homem em mim que me ensinou a pensar, eu não o conheço por inteiro mas o seguirei ate o resto da minha vida.

São Paulo foi o lugar onde me tornei quem sou, foi a janela que me fez ver o mundo pelas lentes da alma, eu vi a miséria, vi a violência e a fome, vi a tragédia e as tempestade, mas também vi o amor e a solidariedade, vi a compaixão e vi a porta da minha imaginação como cita William Blake:

"Veja o mundo num grão de areia, Veja o céu em um campo florido, Guardei o infinito na palma da mão E a eternidade em uma hora"

Voltei a minha cidade Natal nos confins da Bahia a 1 dia e meio de estrada, voltei com a certeza de que não precisava de todo dinheiro do mundo, não precisava de carros e mansões, não queria mais fazer uma

faculdade idiota de algo que não gostava, se meu sonho é cinema, lutarei por ele e deixarei o mundo me guiar pois o mundo é bom, eu não quero ter mais o mundo, eu quero ter o meu mundo, quero ser feliz, então li o livro que guardo como uma bíblia secreta, "On The Road" de Jack Kerouac, o livro de uma vida e uma geração, botei em minha mente que era isso que o destino guardava para mim, cheguei em minha cidade Natal com uma certeza, eu ia atravessar o mundo para fazer o que amo, eu ia fazer minha própria jornada, seguir e montar minha própria ideologia de princípios, eu quero entender o mundo, quero entender quem sou, quero entender o porquê existimos e o porquê somos quem somos, o que nos leva a ser tão diferentes e ao mesmo tempo iguais, por que existe a maldade e as guerras, e até onde pode brotar o amor, a ideia de partir estrada afora me excita como uma orgia celestial, afinal o mundo é nosso, temos o direito de ir além, querer algo além de viver atrás dos Muros da Verdade.

II

Sair de minha cidade, Ibicuí, para Itabuna na casa de minha família que estava vazia para fazer faculdade de S.I, o que fiz por pressão de minha mãe que dizia que tenho que fazer algo que me dê dinheiro, minha mãe! Meu porto seguro em mar aberto e ao mesmo tempo a âncora que prende meu navio. Acabei a faculdade em 4 anos, tinha meus 22 na época, já trabalhava na área e ganhava bem. Porém ainda insatisfeito, eu tinha tudo que queria, conforto, estava pensando em comprar uma casa própria, a ideia era boa, aquele sonho que um dia tivera, a cada dia morria um pouco dele como uma represa que se secava com o calor de um sol escaldante e espinhento.

Até que um dia acordei em minha cama quente, fiz meu café a base de pães e geleia e estava pronto a entrar na mesma rotina de ontem, e anteontem, e antes de anteontem e antes e antes e antes... me olhei no espelho e vi o vazio, pensei;

"Que porra tô fazendo da vida?"

Fui ao parque do bairro, uma pracinha na região nobre da cidade, me sentei com meus fones de ouvidos, os fones são meus óculos para ver o mundo, então vi o simples das folhas balançando ao vento, sentir o ar entrando em meus pulmões, toquei meus pés na grama verde, pássaros voavam livremente sem direção nos céus, observei cada pessoa ali presente e me deparei com uma cena simbólica, uma mãe brincava com sua filha no parque, a criança corria desleixadamente pra lá e pra cá aos risos, mas dos olhos da mãe escorria lágrimas, ela chorava por algo que não sei o era e talvez nem importasse, aquela mulher estava abalada mas sempre que sua filha tirava uma flor do jardim e corria para lhe entregar, ela disfarçava sua dor com um leve sorriso de amor para a filha que não tinha noção do mundo, aquele sorriso que escondia cicatrizes e surgia da força do amor.

Por quê? Por quê? Por quê?... dúvidas explodem em minha mente, me sinto inquieto e impaciente, tudo se encaixa fora do lugar, em que momento de minha vida parei de viver? acordo, trabalho, durmo e acordo novamente em um ciclo de traumas que me tiram o tempo, tudo que resta é o passado nostálgico que lembramos com paixão para viver o presente e planejar um futuro que nunca chegaremos pois não damos atenção ao presente, e mesmo sempre falando que vamos mudar, quando nos damos conta já se passou muito tempo, agora nada mais faz sentido, e nos afundamos num vazio complexo de angustias e medos, onde problemas são os que nos regem, interações com pessoas erradas, escolhas erradas, atitudes erradas, tudo se desmorona e você não quer está ali.

Estamos pendurados num precipício onde olhamos para o chão e tudo que vemos é escuridão, temos medo do escuro, o vento que sopra de lá, então nos agarrados entres as pedras com tanta força que nossas mãos sangram, nosso corpo fica dolorido, nossa mente exausta, a tempestade que se forma faz de tudo para que a gente desista, olhamos para cima e sabemos que não tem como sair dali, estamos fadados a isso para sempre. Mas então, eu pensei... por que tenho medo do escuro? por que tenho medo de cair? não sabemos o que tem lá embaixo, porque só não deixamos fluir e ficamos na beleza do presente, por que amamos tanto algo que nunca voltaremos a viver? por que não construímos o belo no hoje? então me soltei do precipício rumo ao escuro, cair por constantes rajadas de brisas suaves em meu cérebro e tudo se tornou mais leve.

Olho para o céu e sinto o fogo, o horizonte me chama cara! o espírito do oeste canta meu nome em trombetas proféticas de rebeldia, a sede por mudança consome meu coração e o ontem será o meu hoje de agora pois meu futuro só Deus sabe, e cada momento do presente atual será gravado em pinturas atemporais pois uma imagem vale por mil palavras, e mil imagens não se basta ao poder de uma memória, até porque eu existo, e isso é o suficiente.

Percebi novamente o quanto o Mundo é lindo, corri para casa como um louco e arrumei algumas poucas roupas numa mochila, peguei um cartão com 9 mil reais na minha conta que guardava como minha economia, corri até meu emprego e pedi demissão, liguei para minha mãe e falei que iria conquistar o mundo, ela não acreditou em mim, disse que eu estava louco e de certa forma eu sou louco, mas as melhores pessoas são e não há mal nenhum na loucura, eu sentia novamente aquela excitação de aventura, mais vale um louco a pairar no vento que um normal nas sombras de suas inseguranças, tirando citações de livros e pichando respostas pelos muros.

Tirei meu último cochilo em minha cama, tomei meu último banho em meu banheiro, fiz minha última refeição em minha cozinha e as 5 horas da madrugada partir estrada afora rumo à Eunápolis via BR-101, meu primeiro destino a 214 km, de lá iria para Itabela e de Itabela partiria a Minas Gerais.

O dia estava bonito como uma aurora nas colinas úmidas do oeste litorâneo, eu marchava rumo ao horizonte com um brilho nos olhos de uma terra a se desbravar, meu peito se enchia de receio e coragem, achava que estava pronto pro que der e vier, de algo eu tinha certeza, a partir daquele dia minha vida não seria mais a mesma, abandonei as velhas correntes do comodismo em busca de respostas para perguntas inexistente e explicações para o inexplicável, buscarei um sonho guardado nos portões do céu na certeza de que sou capaz, pois todos somos especiais, somos vida... e assim começa minha jornada...

PARTE 2

Ao partir levei comigo poucas coisas na mochila, além de umas 7 peças de roupas e dinheiro no cartão, insisti em levar um velho rádio pequeno com suporte a fones, me abdiquei de eletrônicos como celular pois eles nos tiram da realidade mundana para outra realidade, eu queria ser real, se locomover por gps é fácil mas o fácil não é o que procuro, e a coragem eu carrego em um frasco de licor baiano junto a uma garrafa de água e 13 fotos de velhos amigos que amo e espero entregar pessoalmente durante minha jornada.

Na estrada, caminhei por 5 km até me cansar pelo calor do sol então decide pedir carona, eu passei minha vida lendo livros e vendo Road Movies, era só esticar o braço para qualquer carro ou veículo que passasse pela estrada, bem... foi isso que pensei depois de ficar 1 hora e meia tentado e vendo que ninguém parava para mim, "O que há de errado com as pessoas!" Pensei alto de raiva, mas mal tinha saído de casa, era cedo para me irritar. Então minha carona chegou, era um carro estrada de dois bancos, carro velho e barulhento, provavelmente de trabalho, o homem que dirigia era um comerciante que estava transportando banana da prata para Itabela, ele era comunicativo, falava das cidades por onde passou, sobre sua família que ele amava e de coisas aleatórias que acontecia no percurso, eu ria de tudo que ele falava, não sei por que, ele não era tão engraçado mas era contagiante, acho que estava Empolgada com minha viagem.

Cheguei em Itabela ao meio-dia, me despedi do homem que nunca mais ia ver e decidi comer algo, entrei num restaurante de comida caseira onde o prato era 15 conto, Acho que Deus estava olhando por mim, o local estava cheio então decidi me sentar no balcão quando um jovem poucos anos mais novo se encostou ao meu lado pedindo uma vodca ao balconista, do nada ele começou a puxar assunto enquanto esperava, então ele me fez aquela pergunta;

"Você mora aqui?"

"Não, não... na verdade não tenho mais casa nos próximos meses."

"Como assim?"

"Decidi percorrer todo Brasil, sem carro, sem moto, sem tecnologia, apenas indo."

Acho que o jovem viajou na brisa e tudo que ele disse foi;

"Eu tô com meus amigos ali na mesa, vem ficar com a gente."

Eu queria dizer não, mas a socialização é um passo importante na vida com a estrada, então eu me sentei com eles. O jovem que me chamou se chama Pedro, branco pálido de luzes no cabelo, na mesa havia seus dois amigos, Rodrigo, homem enorme mas de coração fofo, e Taíssa, cabelos vermelhos e olhar gótico, quando a vi podia ver a artificialidade em seu rosto.

Em pouco tempo a vodca acabara e pedimos outra garrafa, não gosto de beber então bebi pouco, os três amigos se acabaram em álcool, ao longo que o dia passava eu me simpatizava mais com Pedro e suas ideias de viver a vida na simplicidade, simplesmente aproveitando tudo, do outro lado o Rodrigo me era indiferente, ele é quieto demais e só falava algumas piadas em específico enquanto meu julgamento por Taíssa aumentava, tudo pra ela era sexualizado e do nada cantava versos

de funk pornô, fazia gestos vergonhosos e ria alto demais, pra mim ela era fútil.

Porém eles estavam indo rumo a Governador Valadares em Minas e eu não podia perder essa oportunidade, me ofereceram carona e aceitei, quando saímos de Itabela era 16 horas, pegamos o carro de Pedro e metemos o pé na estrada, me lembro das horas se passando ao tempo que ia me acostumando com o jeito de cada um, até de Taíssa que me irritava menos agora, falamos por horas sobre a teoria métrica dos paus, que consistia em dizer que a roupa que o homem usa pra dormir determinar o tamanho do seu pau, e quem dorme apenas de cueca tem um pau grande diferente de quem dorme de pijama que tem pau minúsculo, e assim por diante, algo besta mas aprendi que não tem como ser sério todo o tempo, após algumas músicas de rádio, uma muito boa por sinal, chamada "Oklahoma Hills", tivemos um tempo de descanso onde Taíssa me perguntou sobre meu sonho, qual era meu sonho?

"Bem... meu sonho é ser feliz ao lado das pessoas que amo, e fazendo o que gosto, eu sonho em um dia poder fazer cinema, sou apaixonado pela arte de contar histórias (riso sem graça)".

Eles elogiaram meu sonho e cada um revelou o seu, Pedro queria fazer a vida dele ter valido a pena no final de tudo, Rodrigo queria trabalhar com tecnologia numa grande empresa, mas quem mais pé pegou foi justamente Taíssa.

"Eu acho que não tenho sonho, deveria, todo mundo tem, eu só quero ser mãe, cuidar de meus filhos na minha casa e me casar com uma pessoa que eu amo."

Ela falou de um jeito tão melancólico que senti pena, me pareceu um sonho simples demais, faltava ambição, mas não esperava ambição dela, pelo menos comecei a gostar mais dela. Chegamos em GV quando já era noite, pedi que me deixassem em qualquer esquina, porém insistiram para que eu dormisse na casa deles então aceitei, era uma casa humilde em um bairro de periferia, tomei banho e começamos a jogar truco enquanto Rodrigo ia comprar alguns miojos. Não sei como, talvez fosse a cachaça que fizera revelar que eu era virgem, ouve um pouco de zoeira já que eu tinha 22 anos, então Taíssa me perguntou se já amei alguém, eu disse "Sim, 2 vezes". Ela disse que já teve mais de 30 ficantes e namorados mas nunca amou ninguém, o que a deixava triste e solitária;

"Eu sei que sou problemática, eu não consigo me apegar a ninguém, eu queria gostar de alguém e passar muito tempo com ele, mas aí eu enjoo, e não dura, nunca dura."

"Como sou idiota".

Falei em minha mente enquanto minha boca se permanecia calada, quem sou eu e quem é qualquer um no mundo para julgar os sonhos de outras pessoas, ninguém tem o direito de julgar qualquer sonho como simplório, pois pessoas vivem em realidades diferentes e cada sonho é um combustível que faz locomover a vida das pessoas. Taíssa tem um dos sonhos mais puros que já escutei, ela queria uma família, queria amar alguém mesmo não conseguindo amar. E isso de forma alguma não é simples, é paradoxal pois pessoas em si são complexas.

De volta estou eu na estrada rumo a Belo Horizonte, peguei a rota 381 rumo a Belo Oriente, coloquei meu fone e liguei meu minirrádio. Caminhava pelo lado escuro da rua com ar de liberdade enquanto escutava os melancólicos acordes de João Gilberto, peguei uma carona em uma caminhonete até Belo Oriente, cidade pacata demais para eu ficar lá, em seguida voltei a estrada até um posto onde um funcionário conhecia um caminhoneiro que ia para Belo Horizonte, então fui com ele.

Homem careca e de uns 45 anos, se chamava Cleiton, no início era quieto, mas tentando puxar assunto. Chegamos em um ponto em comum, justamente filmes, não entendia muito de futebol ou fórmula um, até mesmo sobre carros, mas então ele falava sobre filmes antigos dos anos 80 que marcaram sua infância, às vezes eram filmes que eu achava até meia boca, mas o jeito como ele falava... apaixonado! Deslumbrante! Era algo que marcou a vida dele e que tinha um grande significado, ele fazia piadas difíceis de entender e eu ria, é chato quando alguém fala de algo que ama e você nem sequer finge se interessar. Ele falava da magia dos filmes antigos que eram reais e pra toda família, na maior parte do tempo eu concordava e comentava de cenas que ele não havia comentado, passamos por vários filmes como Trocando as bolas, Indiana Jones, E.T, Enigma da pirâmide, Conta comigo, Os heróis não tem idade, Apertem os cintos o piloto sumiu e etc... Foi uma viagem prazerosa, a felicidade dele era contagiante, percebi como as pessoas se enchem de autoridade e prazer ao falar do que elas amam. Sem perceber chegamos a Belo Horizonte num instante, lá se inicia outra parte de minha aventura.

Belo Horizonte! Tão fresca quanto as tardes de domingo nas roças baianas, aquele cheiro de feira mercantil pelos centros de comércio, era uma cidade maravilhosa por isso decidi passar um tempo lá, a primeira coisa que fiz foi ir até um Hotel barato onde paguei uma diária, dormir por 10 horas seguidas e quando acordei já era tarde da noite, resolvi cair na folia noturna, passei em bares e shoppings bebendo algumas doses de vinho e coca cola, comendo petisco típicos e doces, em um bar de esquina provei o melhor doce de leite com queijo que já vi, também foi o único; passeava pelo sereno da noite clara, observando cada pessoa que passava por mim em seus bruscos movimentos de vida, como cada matéria viva se movimenta.

Por volta das duas da manhã passei de frente um bordel, uma moça de cabelo curto em tom de preto forte veio falar comigo, obviamente vestia roupas vulgares, porém era estilosa, era pálida de branca mas era muita bonita. Ela me abordou de uma maneira que não me esqueço:

"Ei, menino de interior! Tá perdido?"

Inevitavelmente olhei para suas pernas e para o seu rosto e tudo que fiz foi sorrir e responder de maneira sarcástica.

"Menino de interior, o que em mim me dedurou?

"Digamos que tenho uns talentos especiais para certas coisas."

"Como o que?"

"Descubra."

Minha nossa! Meu mundo capotou, meu coração acelerou meu corpo se inclinava com voracidade, eu sei que é a profissão dela, mas de qualquer forma nunca tinha transado com uma mulher, sempre disse para mim mesmo que esperaria a pessoa certa, alguém que eu amasse e viveria junto pela eternidade, mas quando a solidão se torna única companhia, você para de acreditar em amores eternos, além do mais, era só sexo, minha mente dizia para eu arrebentar aquela gata extremamente sexy.

"Quer dar uma volta?" - disse ela para mim.

Aceitei já que estava gamado, passeamos e entramos numa adega luxuosa, vi o preço dos drinks e me desesperei um pouco, meus pensamentos estavam rápidos e conflitantes;

"Caralho, gastar tanto com uma puta, sério que vou fazer isso? Mas pelo menos vou comer alguém e perder essa merda de virgindade. Por que ligo pra isso? É só prazer carnal. Minha primeira vez deveria ser especial. Que se dane, já tô gastando com ela, vou comê-la e pronto. Ela até que é legal!"

Fazíamos joguinhos de adivinhação enquanto bebíamos um pouco e ela falava de como queria ser uma grande cantora internacional, sua voz era realmente linda.

"Eu acho que você é Flamenguista, gosta de sertanejo, sua cor favorita é azul, seu pai infelizmente faleceu quando você era novo e seu pau é... pequeno".

"Parabéns! Você errou quase tudo".

"O que eu acertei?"

"O tamanho do pau".

Rimos. quanto mais a conversa se entendia eu me agoniava, meu dinheiro ia pro ralo e minha vontade de transar com ela aumentava, a função dela era fazer sexo por que ela enrolava tanto, eu tinha receio de apressar as coisas e ser indelicado, então fiquei pensando por 30 minutos em como chamar ela para um motel, no fim eu só me cansei e chamei ela para um motel.

Paguei o motel e entramos no quarto, imediatamente eu me transformei e a beijei como um leão devorando sua carne.

"Pera aí garotão, eu só trabalho com pagamento adiantado."

Já não me importava mais e dei 100 reais nas mãos dela, então eu já tinha pagado e só me restava aproveitar as obscenidades e fantasias que carregamos pelo lado perverso de nossas mentes, o sexo é uma benção divina assim como é uma maldição viva da carne, pode causar guerras, mortes, violência, faz pessoas chorar e outras serem idiotas, mas também a partir dele se cria o maior milagre do universo, dele se vem a vida, dele se compartilha a forma mais bruta de amor verdadeiro, mas esse lado não nos é dito, o sexo é visto como algo "proibido", somos afastados do sexo na nossa adolescência pelos nossos pais e adultos, a sociedade se limita a expor o sexo para juventude como se os jovens não já soubessem, como se os adultos não fossem pervertidos a cada instante do dia, então cria-se o senso de curiosidade, aos 11 os adolescentes se fascinam pelo sexo como algo de outro mundo, fazem de tudo para tê-lo, e geralmente conseguem aos 17, não tive essa chance mas aqui estou eu, aos 22 com uma mulher da noite tirando sua blusa em minha frente.

Como um animal toquei em seus peitos como se o mundo fosse acabar, o desejo me trouxe uma parte animalesca de mim que não me

orgulho. por que sou dominado pelo prazer? Não importa, eu só quero entrar dentro dela. Ela tirou suas roupas de baixo e me jogou na cama, então tirou sua blusa e mostrou a marca que me trouxe para realidade. Havia em sua barriga uma cicatriz de cesariana, ela não tinha mais que minha idade, era provavelmente mais nova, eu nem perguntei seu nome, me senti mal por pensar nela como algo, menosprezei seu passado e aquilo martelou minha mente, já não queria mais transar.

Ela subiu em cima de mim e começou a me agarrar ao mesmo tempo que eu tentava a afastar e falar palavras gaguejadas de fim de ato sem a magoar, nisso fiz a pior pergunta possível:

"Você tem filhos?"

"Oi? Do que você tá falando"

"É que tem uma cicatriz de cesariana em você, aí eu pensei que..."

"É sério isso? Vê se cala a boca e vamos fazer logo o que temos que fazer"

"Então... eu não posso, não dá"

"QUE TIPO DE MONSTRO NARCISISTA É VOCÊ, SÓ PORQUE TENHO UMA CICATRIZ?!"

Ela surtou com razão creio eu, mas eu tentava me explicar e só piorava as coisas.

"Escuta, esse não é o problema, o problema não está em você, está mim tá legal, isso aqui não tá certo, eu nem te conheço"

"Então porque tomou toda porra do meu tempo, você quer o que, seu dinheiro de volta seu merda!"

"Não quero o dinheiro de volta, pode ficar com ele, só quero que você entenda que não tem nada a ver com você."

"Pois eu não quero seu dinheiro sujo e pervertido, porque você é um bundão filho de uma puta!"

Ela jogou os 70 reais em mim e o dinheiro não foi tudo que ela jogou, eu só vi sapatos, jarros de decoração e travesseiros vindo em minha direção e sendo acompanhados por gritos agudos me xingando, quando veio o silêncio ela começou a chorar, me sentir muito mal. Ela ficou 2 minutos chorando enquanto permaneci em silêncio. Pensei em algo para dizer a meu modo e então me veio uma linha de raciocínio.

"Eu tenho um irmão, ele é mais velho que eu 4 anos, aos 20 ele descobriu que ia ser pai e eu ia ser tio, pra minha família foi algo incrível mesmo que pra ele e pra mãe fosse algo assustador, sempre adorei crianças, sempre sonhei em ser pai, pensei que eu que iria cuidar dele e ensinar tudo que sei como um bom tio, mas as pessoas agem de forma cruel, foram tantos julgamento com uma mãe jovem de 18 anos que ela não suportou... ela perdeu o bebê... Penso que poderia ter sido diferente."

De certa forma ela parou de chorar, então ela se levantou e se sentou do meu lado na cama, se embrulhou e tirou um cigarro do bolso. Ela começou a fumar.

"Ele não morreu, eu o matei... Quando descobri que estava grávida, minha mãe me expulso de casa, o pai... simplesmente meteu o pé e de lembranças deixou o endereço de uma clínica clandestina de aborto (riso), fui lá e me disseram que era tarde demais pra fazer o aborto, o feto

estava muito evoluído, então fiz de tudo pra não ter a criança, bebi até cair no chão de tanto álcool no meu corpo, usei drogas, vim parar nessa vida de merda, quando nasceu, ele veio com problemas de respiração, ele ficou no mundo por dois dias, eu não queria ver essa crianças que destruiu a minha vida mas quando finalmente olhei... parecia que eu tinha me encontrado sabe! parecia que nada mais importava! ele era lindo, era inocente, era perfeito!... (lágrimas derramaram de seus olhos) e tudo isso pra no dia seguinte ele partir, eu sei que foi minha culpa, eu seu que sou uma péssima pessoa, mas ele não era, eu devia pagar e não ele!"

Como reagir a isso, o que dizer.

"Você não é má pessoa, só estava assustada "

"Você acredita no céu?"

"Sim, acredito"

"O que é o céu?"

Busquei palavras e no fim elas que me encontram.

"O céu é um lugar mágico onde as pessoas são felizes com o que tem, sem dor, sem miséria, sem maldade, onde as pessoas boas vão, onde seu filho está, onde você o encontrará!"

"Qual é mesmo seu nome?"

Sua voz já estava serena, já não chorava mais, lhe disse meu nome e ela o dela, "Agatha", um forte nome. Queria dizer a ela para que ela tentasse mudar de vida, mas o quão egoísta seria eu, não sei o que ela passa na vida dela, palavras são poeiras ao vento, não tenho esse direito.

Nossa hora havia se esgotado, em 3 horas o sol chegaria ao horizonte, não queria que acabasse ali, pra baixo. A chamei para uma saideira, fomos para um open-bar com direito a karaokê, pude ouvir sua suave voz cantar "Cosas que pasan", e a música cravou em minha cabeça até o terminal de ônibus onde nos despedimos, nos abraçamos quietos, nunca gostei do silêncio, sempre tentei o preencher com palavras pensadas, sempre achei o silêncio constrangedor, mas de alguma forma aquele não era, às vezes, mesmo no silêncio podemos nos comunicar pelos profundos gestos de nossos olhos, não se torna constrangedor, se torna mágico. E eu sei que qualquer palavra dita estragaria o que já é perfeito.

Então ela se foi sem dizer uma única palavra, voltei para o meu hotel e comprei comigo um pequeno caderno de anotações, nele escrevi curtos poemas e frases que vinham em minha cabeça, passei o dia escrevendo e pensando sobre o que me aconteceu em apenas 4 dias, passei mais 2 dias em Belo Horizonte até que decidi partir.

Peguei minhas coisas e meti o pé na estrada rumo a próxima parada, qual será ela? Não importa mais, o importante é somente seguir adiante, simplesmente ir.

PARTE 3

O cheiro da areia seca se impregna em meu nariz, estou a 7 horas caminhando sem parar, passei por umas 3 cidades minúsculas no meio do nada, decidi pegar uma rota de estrada de terra que um morador da última cidade chamada Itaúna disse que daria em Divinópolis, nome estranho para uma cidade, mas aqui é o Brasil, o normal é estranho e o estranho é o padrão.

Bem, aqui estou com os pés calejados e ainda virgem rumo a lugar nenhum esperando passar em todos os lugares possíveis. Decide não pegar carona então cheguei em Divinópolis 2 horas depois, paguei um albergue e dormir como uma criança ao chegar da creche. Não aproveitei a cidade, mas não tinha nada que já não tinha visto, minha provação vem na cidade seguinte.

Novamente seguir uma rota rural por 5 horas até um município chamado Oliveira, acima de mim as nuvens se debatiam em fortes trovões que gritam em berros Celestiais, o vento batia sobre meu corpo como quem diz "Saia da minha frente eu perdi o controle", a poeira já não subia mais, quando pisei na cidade foi como uma anunciação, meus joelhos tremiam - não por cansaço, mas por medo de algo que ainda virá a acontecer. Oliveira é uma cidadela relativamente pequena, não se via uma alma na rua pois todos sabiam que ia cair uma forte tempestade. Já era noite quando procurei desesperadamente um hotel ou motel para me abrigar, os únicos que encontrei não havia vagas, não acreditei nisso, tudo que pude fazer foi sentar-me de baixo de uma loja fechada e esperar.

Em um piscar de olhos as gotas caiam como tiros na noite, em um piscar de olhos as ruas estavam alagadas, as pessoas saiam de suas casas pois a água invadia seus cômodos como bandidos entrando sem permissão, eu vi a tempestade quebrar telhados que cobriam pessoas, eu vi animais se afogando pelos córregos de água suja, vi carros serem virados e mães chorando em frente a seus filhos.

Uma batida mais forte que o som dos trovões emergiu de meu peito, o horror que me consumiu como brasas sendo apagadas pelo frio da manhã, não sei por que, mas comecei a caminhar pela cidade em meio a chuva, a cobertura da loja já não me protegia mais, a cada quarteirão via algo que me tirava a vontade de continuar. Uma família se abraçava entre si enquanto viam todos os móveis que conquistaram serem destruídos pela água. Poucos metros à frente uma casa desabou aos escombros, uma pessoa estava lá dentro, um mutirão surgiu para ajudar, tudo era caótico, não sentia mais minha respiração, um Toyota foi carregado como lixo pela rua até bater contra um poste, e as crianças... meu Deus - as crianças! Aqueles choros... os trovões... o cheiro de merda na água. Um enorme apagão fez o escuro chegar à cidade, então se acendeu um clarão vindo dos céus como punição divina, um raio caiu sobre as árvores de uma passarela.

Andei sem rumo e sem alma perante o circo de destruição, ao me deparar estava saindo da cidade quando vi um rodoanel colado em um barranco. Entrei d'baixo e me sentei como um zumbi abraçando minhas próprias pernas, toda angústia que prendia minha garganta foi expurgada com um grito efêmero que soltei pelos ares, pela primeira vez chorei, chorei com o peso das mortes que vi, do medo das pessoas, do frio que sentia, da Luz dos relâmpagos e da memória da catástrofe.

Em Toda minha vida deslumbrei a beleza da chuva pela janela de meu quarto, como o mundo parecia grande, talvez eu que fosse pequeno... Deslumbrei as mais belas praias do litoral, provei dos quitutes mais doces dos mercados, quando chegava às frentes frias, tinha minhas incontáveis cobertas sobre mim, meu Deus, o que estou fazendo da minha

vida! Dormindo nos quartos mais baratos de motéis de beira de estrada, comendo migalhas em submissão de um balcão de padaria, passando frio e calor... na quietude do escuro.

Me escondi da chuva sem saber que ela me perseguia, me molhei sem poder me secar, me vi vulnerável sem poder contar com as estrelas, dormir no vazio sem ser preenchido com o brilho do sol.

PARTE 4

Acordei nas sarjetas cruas e humilhantes que é estar embaixo de uma ponte, você se vê como um ninguém, seu rosto está sobre a terra molhada, você está sujo, impuro, pensa em voltar para casa mas tem medo de seu fracasso, o que as pessoas vão falar; "Eu avisei que era loucura; eu sabia que você não ia aguentar muito tempo; isso não passava de uma ideia idiota de jovem....". Não amigos, eu sou mais forte que isso, além do mais, o dia amanheceu lindo!

Não quis voltar a cidade, se eu voltasse estaria vendo os restos, retrocedendo o passado, revisitando o que já passou, tudo se movimenta, e quando se segue o vento, ficar parado em meio a estrada é burrice, simplesmente fui, seguir novamente uma rota de estrada de terra, a poucos metros me deparei com uma pequena ponte sobre um córrego, encarei a água e é como se ela tivesse falando comigo, me pedindo para a seguir, como uma pena que se deixa levar pelo sopro do oeste, eu a seguir, a seguir até uma bela cachoeira a 10 minutos de caminhada em Mato alto.

Como eu ria, por que ria? Alguém se importa a final? Aquilo era lindo cara, o som da água ao redor! Tirei cada peça de roupa, me libertei dos traumas e do cansaço, mergulhei no rio gelado e renasci como uma Ferrari de 250 cavalos pronto para percorrer o mundo, como eu ria e jogava a água para mundo, então pensava em meus amigos, aqueles que eu iria atrás, aqueles loucos, normais ou perdidos que muito me fizera feliz, tenho que dizer a cada um que os amo, não quero ser sozinho, nunca estou sozinho.

Ao lado do riacho havia um pé de jaca, nunca fui um exímio escalador, mas a situação dita a atitude, então subi pelos galhos

inteiramente pelado, quem se importaria? Eu era único naquele momento, acho que comi 2 Jacas dura de uma só vez, depois deitei-me sobre uma pedra e deslumbrei aquele sol de Orós, acho que alguém no céu olhava por mim.

Partir de lá após umas 4 horas, voltei ao meu caminho, acho bonito caminhar em volta da natureza pelas estradas obscuras e rurais, o ponto negativo é que ninguém passa por lá, nenhum carro nem moto, então não a carona, 2 horas de estrada até chegar na BR-381, rumo a cidade de perdões ainda em Minas, Tenho um carinho imenso por essa rota, pois lá encontrei um andarilho que invadiu minha vida como bala de canhão, seu nome era Léon, branco, cabelo cacheado e grande, uma cara sonsa e sorriso leve, parecia sempre está com cara de sono mas não se engane, por dentro dele havia vida, havia uma força e uma beleza de querer viver, de ver o mundo, de ver o redor, me via nele, me inspirava nele, aprendia com ele.

O vi no meio da estrada, estava comendo uma marmita, uma blusa de frio verde sobre seu quadril, sentado numa pedra a beira da estrada d'baixo do sol de meu Deus, olhei rapidamente e passei direto até que escutei;

"Ei, amigo, você tem horas pra mim informar".

Me virei pra ele surpreso, não me parecia muito sociável.

"Sinto muito cara, mas não tenho relógio, foi mal".

Estava pronto para me virar e seguir em frente.

"Tudo bem, obrigado mesmo assim - pra onde tá indo?"

"Pra dizer a verdade, eu só estou indo".

"Que legal! De certa forma eu também tô indo, você tá com fome?"

"Não, eu comi jaca nestante".

"Adoro Jaca, dura ou mole?"

"Dura".

"São as melhores.. a gente podia seguir juntos, tamo indo pra mesma direção mesmo.

"Pode ser".

Todo desajeitado ele guardou a marmita na mochila e veio até meu lado, dei risada do jeito dele, ele sempre ria, tinha um bom humor, gostava de falar.

"Meu nome é Léon, e o seu?"

"Max".

"Max, é um nome forte, gosto de nomes fortes, não sei se você tem isso também mas só de olhar a pessoa e saber seu nome eu já pressinto que essa pessoa é boa ou não, e você é um cara foda Max, vem de onde?"

Cara... como os esquisitos são as melhores pessoas! Ele falava sobre arte, cultura, músicas, filosofia.. tínhamos ideias em comum, ambos amávamos pessoas.

"Max, eu sou Paulista, em São Paulo as pessoas são frias, mórbidas, eu gosto de olhar nos olhos das pessoas, acho que pelo olhos nos comunicamos com os outros, cada um tem sua história, as pessoas são belas mas estão presas numa caixa que elas se colocam sabe?"

Eu entendia perfeitamente o que ele falava, o que me assustava porque na maioria das vezes não fazia sentido aparente, mas pra mimtudo se encaixava em um tom suave de uma canção cantada por Belquior.

"Sim! Sim! É como o céu, a gente olha todo dia e pensa, "olha o céu, bonito né"; porra! se você realmente parar pra admirar, você percebe... cara, é um universo, eu quero entender as pessoas, entender o que elas pensam sabe?"

"Nossa cara, a gente falando assim parece até irreal né, entender as pessoas! Mas é isso que dá um impulso, isso é arte man, é fogo, é pular do trampolim numa piscina e dane-se se é rasa ou funda, só pula".

"Exato, aí você pula e percebe que esta na vastidão do espaço, flutuando entre as estrelas e os cometas, e que tudo é infinito!"

"Que tudo é eterno e ao mesmo tempo passageiro, nossa man! Místico, mágico e sintético!"

Como a gente ria e se divertia, ele foi a primeira pessoa na qual ofereci meu licor. Ele era ator, ator de teatro, me falava sobre as peças que apresentou, as peças que viu, era tão natural que no fim parecia que eu realmente tinha visto também. Ele estava indo de encontro a seus amigos que o esperava em Ribeirão Preto em SP, eram jovens loucos e ardentes que complexamente e simplesmente viviam.

"Vamos Max, você tem que vir com a gente, é uma experiência incrivel, as pessoas são legais, nosso espírito de comunidade, nosso amor a cultura, nossa paixão as coisas belas, você vai gostar".

"Por que não!"

Por que não? É sobre isso né, experiências, vivências, culturas diferentes, segui o horizonte e encontra o sol, não tenho nada a perder, as

vezes coisas entram em nossas vidas e mudam nossas rotas, por que não se permitir? Porque não mudar, se adaptar.. se não der certo, só siga em frente, o novo pode ser bom se nós permitimos.

Chegamos em Perdões Minas Gerais às 18 horas, decidimos caminhar pelo anoitecer mas antes comemos algo, eu fiz questão de pagar o jantar, caminhamos na noite rumo a Campo Belo, na noite sendo guiados pelas constelações, os carros não paravam para gente, pensavam que íamos os assaltar. Depois de um tempo de percurso, conversas abstratas e divertidas, Léon simplesmente falou;

"Que se-dane"

Ele foi até o meio da pista e entrou na frente dos faróis de um carro que vinha em sua direção, o obrigando a parar. Então na maior cara de pau ele foi até motorista que estava assustado e disse;

"Pode dá uma carona pra mim e meu amigo?"

O motorista respirou fundo e disse rindo.

"Seu tremendo filho de uma puta hahahah!"

Bem... funcionou, surpreendentemente ele nos deu carona, era um homem gordo que se admirava com a nossa conversa, ele era solitário, via em seus olhos a palidez de um cotidiano normal, acho que a atitude de Léon o despertou um senso de aventura e juventude, pois ele falava muito de seu tempo de jovem. Ele até dividiu com a gente uma garrafa de vinho, olha que ele tava dirigindo, mas quem não se arrisca as vezes, não vive. Passamos por Campo Belo e junto a ele pegamos a BR - 369 em direção à Boa Esperança. Infelizmente não lembro o nome do motorista, mas lembro que Léon colocava o rosto pra fora do carro e gritava para a noite, o vento vazia seu cabelo voar para trás, o motorista

gargalhava com a cena e eu os observava gravando tudo em minha mente a tinta.

Prosseguimos pela 265, passamos por várias cidades de nomes estranhos desde então, Carmo do Rio Claro, Alpinópolis, São Sebastião do Paraíso, nessa cidade era para nós e o motorista nos despedirmos, porém ele alterou sua rota por nossa causa por isso ele seguiu até Cajurú, onde lá sim, dissemos um "até qualquer dia", mas sabendo que as chances de nos reencontrarmos eram quase 0.

Em Cajurú, procuramos um local para dormir, só víamos um motel então foi estranho chegar para a atendente e dizer que queríamos um quarto porém era só pra dormir porque éramos viajantes e que não éramos gays, a atendente não se importava e nem estava interessada em ouvir mas tínhamos a necessidade de explicar, rimos muito disso depois, sei que eu dormi na cama como tinha pagado o local, Léon dormiu no chão em cima de um edredom dobrado. Estávamos mortos. Quando acordamos, já era madrugada, fomos em um restaurante barato e o Léon pagou a comida.

Novamente... lá vamos nós pela desértica e misticamente fascinante estrada segundaria. Não me lembro as horas mas em algum momento pegamos carona em um caminhão, o cara nos deixou subir junto aos fenos que ele carregava. O cheiro não era muito bom mas Léon se jogava em cima dos fenos e dizia;

"Uma boa aventura é feita de flores e merda, se você tá nas flores se role nelas, e você tá na merda se role nelas também hahahaha!"

Parecia que tudo ficava mais leve com ele ali, vazia piadas com tudo, tirava o lado bom de estar na merda, então o ruim não parecia tão ruim mais

"Davi, o mundo em si é uma merda, tudo tá indo de mal a pior, tem guerra e mortes todos dias, tragédias e tudo mais, se eu ficar vendo só esse lado, minha vida também se torna uma grande bola de merda e preocupações, eu tô fora disso man! Prefiro por um feno na boca e admirar as estrelas, se você só vê o lado ruim de tudo, tudo se torna ruim então começa a ver o lado bom, se algo é ruim hoje, sorria porque amanhã esse algo já irá ser passado".

Eu escutava tudo que ele dizia com atenção. Tempos depois chegamos finalmente a Ribeirão Preto, chegando no magistral estado de São Paulo, Polo da tecnologia e do trabalho, onde tudo é possível com dedicação e trabalho duro, onde filho chora e mãe não vê, onde as oportunidades estão abertas para quem quer crescer na vida. Besteira idiota, éramos dois vagabundos curtindo o momento e que se dane as tais oportunidades que só Deus sabe para quem é.

Através de mais caminhadas, chegamos numa roça de interior onde as árvores exalavam serenidade que dizia "Bem-vindos". Então adentramos pelo portão quebrado ao chão onde havia uma placa com o nome do sítio, "Sítio Novo Mundo", um lugar mágico de amor e paz, de pessoas em suas singulares vidas e aventuras do dia a dia, onde todos são iguais vivendo o presente.

PARTE 5

"Sítio Novo mundo", o que posso dizer! há 18 dias atrás quando sai de minha casa rumo ao desconhecido, eu procurava resposta, ao sair da comunidade...

"Aqui Max, aqui é onde o sol gira entorno de nós".

Posso sentir a grama úmida suada e a brisa do vento que soprava nas sombras das árvores que nos tampavam do sol, nesse cenário dei os primeiros passos na comunidade e pode ouvir Léon rosnar tão forte como um leão, uma garota de vestido florido apareceu de uma casa típica rural e quadriculada, rapidamente outros jovens foram aparecendo e a medida na qual chegavam, sorrisos resplandeciam de seus rostos, então Léon rosnava mais e mais forte até que eles correram a seu encontro. Eles se abraçavam e formavam uma roda onde estranhamente todos rosnavam também em sons animalescos e empolgantes "UHH HUU UHH HUU UHH HUU UHH HUU...", eram berros dimensionais de loucos amigos que há tempos não se via, eles giravam e se batiam em puro prazer, não sabia o que fazer então os observava rindo.

Quando tudo se acalmou, Léon os apresentou a mim, eu disse meu nome e de onde vim, a garota de roupa florida se chamava Lorena, ela se pós em minha frente, me observou de cima a baixo e então sorriu como quem me desse o arco-íris, então ela disse:

"Seja bem-vindo, você é um de nós agora!"

O que será esse nós? Sempre vi o nós coletivo como uma ligação transcendental de amor, amor e amor capaz de transformar os dejetos atômicos de uma bomba nuclear em lindos pastos de rosas brancas e vermelhas. Foi me oferecido um banquete de comidas

tradicionais e orgânicas, e logo um colchão fofo para que eu pudesse descansar, mas descansar! Eu estava tão vivo como nunca, pronto para aprender coisas que nem penso em saber, pronto para criar laços, pronto para aflorar minha QUALIA, eu quero viver e viver cada segundo para saber que os minutos não importam.

23 jovens numa casa rural, não conseguirei falar de todos mas passei um mês com eles o que é suficiente para dizer que são incríveis, sei que estou prolongado, mas é porque não sei por onde começar a relatar minhas aventuras na comunidade.

Começarei explicando como funciona o local e as vivências entre cada um. Apesar de serem frutos de uma antiga geração Hippie, eles não viviam largados as traças, todos tinham uma função solidaria e um trabalho, os trabalhos se dividiam em trabalhos internos e externos, os internos eram trabalhos na própria comunidade como o cultivo, havia uma grande chácara de plantações de frutas, verduras e temperos que utilizamos para nossas refeições, amávamos a natureza, ela é uma de nós, o membro mais velho de nossa comunidade. Além disso tinham os responsáveis pela cozinha, pela limpeza e pela organização externa. Os trabalhos externos eram o que levava dinheiro para dentro da comunidade, trabalhos comuns como vemos no mundo, quem mais recebia era um membro chamado Júlio, ele era filho de médicos e seus pais queriam o obrigar a seguir esse ramo, não era o sonho dele, então Júlio cursou tecnologia para ter algo no currículo mas ainda não era suficiente, ele dizia que navegava em águas gordurosas de um mundo material, até que conheceu Lorena na faculdade, um novo mundo, um novo ponto de vista, uma nova fase, então dane-se o mundo material, dane-se tudo, ele fugiu com um grupo para um sítio onde juntos arrumaram uma nova forma de viver, é verdade que ele trabalha como técnico em T.I, algo que não gostava, porém agora ele tem um porquê.

Após 10 dias na comunidade também consegui um emprego na região, Paulo Hakamura, descendente de japonês e grande amigo de Léon arrumou um trabalho como roçador de gramado e pastos para um fazendeiro da região, costumávamos ir na parte da tarde pois não gostávamos de acordar tão cedo para trabalhar, ganhávamos uma merreca para passar a tarde no sol castigante mexendo com facões e foices pesadas, mas no final do dia olhávamos o pôr do sol sentados no topo de uma pedra nos morros das mangas e nos encarávamos em risos enquanto o vento secava nosso suor, o trabalho não era legal mas tínhamos uns aos outros, e quando voltávamos para casa éramos recebidos com festas e bebidas, festas não porque fizemos algo para merece-las, não descobrimos o segredo da paz mundial, não criamos a cura de todas as doenças, não revolucionamos nada novo, não melhoramos nada pra ninguém, mas dávamos festas pois existíamos, e isso era suficiente.

Não havia um líder, todos eram parte daquilo e todos tinham voz, não havia preconceito, nos amávamos por iguais, sem obscuridade e ganância, e o que reinava era o respeito, eram íntimos e cúmplices de um sonho único, vagabundos sentados nos asfaltos de rodovias enquanto observamos o mundo em seu trânsito intermitente.

Certo dia chegamos do trabalho e encontramos todos a beira do riacho que chamávamos de "Mississipi Boom", um grande lago de águas claras, a noite parecia que a lua fazia o riacho brilhar. Estavam numa fogueira alta bebendo cerveja barata e cachaça temperada, contamos histórias de amor, histórias fantasiosas e folclóricas, Léon contou a história sobre a sereia que um dia o beijou e desapareceu na floresta quando ele era menino, ele falava com convicção, até achei que fosse verdade... na verdade pode ser verdade quem poderia dizer o contrário, não estava lá pra saber. Mas de algo ali eu sabia, por mais uma vez de centenas de vezes em minha vida, eu olhei uma garota que fez meu mundo parar, cair de amor como Icaro caio dos céus, seu nome era

Linda, um belo nome assertivo, ela estava contando uma história sobre um solitário e peculiar homem que se apaixonou pela lua, porém a lua não lhe respondia, ele era invisível para ela, então ele faz de tudo para lhe chamar atenção, até que um dia ele desiste de seu amor e ao desistir as estrelas e o universo se comovem pela melancolia do solitário e peculiar homem que agora chora ao luar, então transformam a lua numa garota de cabelos prateados para que eles pudessem se amar juntos e sozinhos pela galáxia. Ela era linda cara, eu só queria conversar com ela sem parecer um estranho esquisito.

Mais tarde, já bêbados e quentes, decidimos entrar no lago, todos começaram a tirar suas roupas até ficarem plenamente nus, eles não se importavam, não julgavam, não olhavam ou reparavam as partes íntimas porque não era importante, eram só um órgão como qualquer outro, não havia desejo em seus olhos pelo carnal além do desejo pela alegria momentânea. Fiquei receoso em tirar as roupas, nunca fui muito alto confiante por ter sido gordo na minha infância, acho que o bullying me traumatizou um pouco, nunca gostei de tirar nem a camisa imagina a roupa inteira; até que Lorena segurou minha mão e conversou comigo, ela olhou em meios olhos e disse;

"Dane-se"

Como essa palavra é poderosa! se tornou praticamente um mantra em minha mente.

"Dane-se tudo, não somos resumidos em paus e vaginas, somos alma, somos filosofia, a carne envelhece, apodrece e desaparece como nada, o que tá em seu coração, as linhas de ideias em seu cérebro, elas ultrapassam isso, então dane-se tudo, tire a roupa e goze no lado bom da vida, onde tudo é tudo e o nada é algo, vamos lá!

O jeito que ela falou estava claro que ela não estava raciocinando no que dizia, ela só cuspiu palavras que sentia que tinha que dizer, essa é a forma mais pura de sinceridade, então dane-se tudo, tirei tudo, ao me despir das roupas também me despir do peso de um senso moral hereditário da hipocrisia social, crescemos ouvindo dizer que o que importa é o interno quando todos agem por influência de paus e vaginas, então Foda-se paus e vaginas, eu só quero tomar um banho pelado enquanto me divirto com algumas das pessoas mais legais que já conheci.

Era o décimo sétimo dia quando Júlio chegou a comunidade falando que conseguiu o que precisavam para o ritual espiritual, perguntei o que era porem Lorena falou que a noite eu saberia, naquele dia não fui trabalhar, estava com dores no corpo, então fui ajudar Sara em seus exercícios diário, Sara é uma garota de 19 anos, ela estava grávida de 9 meses, sua barriga estava até que grande demais pra 9 meses, o pai não estava na comunidade, na verdade ela não sabia quem era o pai, em sua casa seus pais não diziam mas a olhavam como uma puta, as vezes olhares doem mais que palavras, olhares e palavras podem representar a mesma coisa porém palavras são sinceras, olhares são facadas pelas costas. Então ela foi parar na comunidade. Era uma pessoa doce de um passado não tão gostoso, eu a ajudei a cuidar do jardim em troca ela me ensinou a meditar.

Meditar!... sempre achei uma besteira, como que alguém consegue não pensar? Sara me fez sentar à sua frente na grama, me mandou respirar devagar, dizia para que eu deixasse minha mente me levar para uma lembrança boa, me lembrei de meus amigos que não via a anos, especificamente de Clara, eu ela é a estrela da minha da minha vida, talvez a forma de amor mais profunda que tive com qualquer garota, no entanto para ela éramos apenas bons amigos, é difícil amar e não ser correspondido mas por ela encontrei um meio de viver. Na minha memória estávamos em um ônibus indo para faculdade, eu estava triste e

azul em um estado que falar me doía, então eu fiquei a viagem inteira quieto o que a fez ficar triste e eu me sentir mal. Como uma forma de dizer que eu ainda estava ali segurei a sua mão e toquei em seus cabelos os alisando, ela riu, pois, sabia que eu ainda me importava. Aos poucos a memória foi se apagando, então Sara me mandou criar um ambiente, eu deveria me imaginar em um barco em um mar azul, indo em direção ao entardecer, se imaginar e fácil, fazer durar é difícil, então aos poucos eu deveria deixar tudo preto como o espaço até não sobrar nada. Obviamente não deu certo, então disse ela:

"Vamos pro plano B"

"Plano B?

"Maria Ruanda, já ouviu falar?"

"Não, não, não, eu não uso drogas e eu nunca vou usar, nem que seja maconha."

Ela enrolou a erva num comprovante de mercado, a acendeu e a colocou em minhas mãos, meu coração acelerava, quando eu tomada coragem meu estômago esfriava e eu não conseguia, então Sara me fez uma massagem enquanto me falava algumas passagens.

"Sem medo, sem excitar, a vida é única e a natureza é bela, vamos lá."

Coloquei o cigarro em minha boca e puxei até meu pulmão doer, quando soltei a fumaça ao ar, o peso das correntes da verdade saíra de meus ombros e toda verdade se provou mentira e toda mentira se provou incerta. eu era leve, eu era uma pena, eu era um corpo no espaço, ambos fumamos e fumamos e quando reparei estávamos conversando em uma língua nunca antes vista por mim.

"Vamos lá Max, azul"

- "O céu"
- "Rosa inexistente"
- "Amor"
- "Roxo jasmim"
- "Erotismo"
- "Um carro numa estrada deserta"
- "O vazio da solidão"
- "A queda de uma estrela"
- "A vida gerada em sua barriga"
- "O choro de uma criança"
- "A melancolia de um adulto"
- "O que foi tudo isso que falamos"
- " O nada numa caixa oca"
- "Caixa oca?"

Rimos e rimos enquanto continuava nessa brincadeira boba que nem sei dizer o que era ou como começou. À noite, vi a euforia de todos bater em minha porta quando Léon veio me chamar para o ritual.

"Max! Acorda cara! Acorda, vamos começar."

"O que é isso exatamente?"

"É como experimentar um pudim pela primeira vez, e tão gostoso e doce que você não quer parar, você vai se amarrar man. É lindo, é belo, é um salto de fé no mar vermelho.

Fomos para o celeiro, o celeiro estava vazio e todos estavam ansiosos, eu queria fazer parte daquilo que nem sei o que era, então reparei que a ansiedade batia forte em mim. Lorena trouxe uma maleta com uma vitrola em Vinil, logo todos se sentaram em uma circo, Júlio passou uma espécie de caixa com comprimidos, a caixa passava de mãos em mãos e cada um pegava um comprimido, eu também peguei um quando percebi que era dietilamina de ácido lisérgico ou também chamado de LSD, até aquela tarde eu nunca tinha nem usado maconha para na mesma noite usar LSD, pensei em fingi que engoli, pensei em simplesmente dizer não, pensei em só sair do celeiro mas então pensei comigo mesmo e em um mantra muito falado na comunidade; "Dane-se".

Ouvir a voz de Lorena pedindo que fechássemos os olhos, fechei, então ela discursou por alguns segundos.

"A partir de agora viajaremos em um mágico navio de partida para o país das maravilhas, seremos guiados pela voz da juventude até o oeste, seguiremos pela rota do prazer e da virtude, seremos um só em corpo e espírito, tomem a pílula."

À engolir então pude sentir a vitrola começar a tocar a faixa inicial do álbum "Out of our heads" dos Rollings Stones, o nome da música era "She said Yeah!", aquele rock escaldante mexia com meu espírito então meu corpo ardia como ácido, eu queria pular, dançar e correr, eu caia a mil por horas em um buraco sem fim, tudo era eterno e sensitivo, abri meus olhos e todos estavam em pé, se mexiam em passos de danças jogando seus cabelos pelos ares, se abraçavam e bebiam loucamente, imitavam animais como lobos e gorilas, meu corpo tremia em excitação então gritei, gritei relinchando como um cavalo "HINN HINN HINN HINN", as músicas entravam em meus ouvidos como gemidos de mulheres na noite, éramos crianças perdidas na terra do nunca, na terra da liberdade e do infinito, não tínhamos vergonha de agir

como arruaceiros, esse é o espírito humano, temos a bagunça e o caos em nosso sangue, então os liberamos em rituais sagrados de prazer, tive a coragem que me faltava para conversar com Linda, então segurei suas mãos enquanto girávamos freneticamente ao redor de tudo.

"Você quer sair comigo?" - Gritei entusiasmado.

"Pra onde?"

"Não importa, achei você muito bonita"

"Então eu quero sair com você sim".

Ela me puxou e me beijou agressivamente, eu era um rei sem coroa, um rico sem dinheiro, tudo era meu, uma música se iniciava enquanto tomávamos a segunda dose de LSD, "GOTTA GET AWAY", Não sei o que tinha nessa música, mas a letra batia em mim como forma de masturbação, a forma como era interpretada e como o instrumental fixava em minha mente, era uma orgia sonora, era tanta excitação, tanto com a música quanto o fato de Linda esta dançando comigo que me surgiu uma ereção espontânea de vida. Prazer! PRAZER! PRAZER! as horas passavam como flecha indo em direção ao alvo em microssegundos. Passamos por mais 3 álbuns depois, The pipir at the gates of dawn – Pink Floyd, Revolver - The Beatles e Ledzeppelin 4.

Quando as pílulas acabaram Linda me levou para floresta, ela me puxava enquanto cambaleávamos pelos matos até um roçado perto do Mississipi Boom, eu estava ainda delirando em cores vibrantes e melodias sexuais, nos abaixamos enquanto ela massageava o repolho para o ensopado, a massagem foi ficando cada vez mais lenta como se estivesse morrendo, quando me dei conta ela apagou e dormiu ali no gramado mesmo.

"Oh merda!"

Desisti de tudo e só me joguei no chão, acordamos no outro dia doloridos, e nos dias seguintes tentei fomentar nossa relação mas em vão, ela não queria nada, o que foi frustrante para mim, Simone de Beauvoir um dia disse "Você é uma criatura livre em um mundo sem propósito", ela fala sobre o amor autêntico, que se nós nos apaixonarmos de maneira sincera com nós mesmos, não vamos nós frustrar pois sabemos que a rejeição do outro não significa nada em nossas vidas pois somos criaturas livres em um mundo sem propósito. Eu discordo plenamente, tanto a frustração de um fim de relacionamento ou rejeição quanto a paixão e um romance prematuro são as provas de que há um sentido no amor, e dizer para nós mesmos que isso não nos afeta é sermos robóticos, viver por viver, sempre tem algo a mais, assim é a vida.

Os próximos 10 dias que passei na comunidade me ocupei em severas sessões de substâncias relaxantes e psicodélicas, claro que eu ainda exercia meu trabalho mas aquela sensação do LSD! me fazia sentir que tudo era um sonho límpido, cai em uma espécie de monotonia, certa tarde me sentei a beira do Mississipi Boom e observei o sol que estava se preparando para desaparecer, escrevi um poema que chamei de "Pé na estrada", fumava um baseado me sentido no presente eterno, Sara e Léon vieram se sentar ao meu lado, fumamos juntos quando algo aconteceu.

Meu corpo congelava e tremia, minha respiração refugava e minhas mãos se abria e eu não conseguia as fechar, meu coração acelerava como quem queria fugir do meu corpo, sentir-me afogando nas águas do rio, olhei para o sul e uma nuvem negra tomava conta dos céus, ela estava se aproximando de mim, eu podia sentir, senti o medo, a angústia, o desespero, eu pensava demais em minhas várias linhas de raciocínio e todas me eram infelizes e sombrias, a nuvem negra estava sobre mim.

"Vocês já sentiram um medo tão profundo de algo mas sem saber o que?"

"Medo, Porque a pergunta? - Diz Léon"

"Não é nada, é que me surgiu na mente"

"Não sei se a pergunta foi pra mim, mas sinto medo toda hora, em todo estante, a cada momento, já é normal sabe" - diz Sara em voz cabisbaixa.

"Mas você é mulher, digo... é diferente, não é?"

"Por que seria? eu sinto tanto quanto você, eu choro, eu sorrio, eu grito, o que poderia haver de diferente?"

"Eu sou homem, um homem não deveria ter medo, um homem deveria ser forte, corajoso e defender os outros, eu deveria ser decidido, deveria ser imponente, é tão fácil pras pessoas só serem felizes mas quando penso no sentido de tudo me sinto vazio e tento dizer pra mim mesmo que é só viver sem preocupações, mas como? Me sinto hipócrita mas não por ser, mas por saber que sou e tentar não ser"

Léon começou pensar seriamente em um tom vocal alto "Uhmmmmm", ele ficou inquieto como quem pensava algo para dizer, Léon observou os patos nadando as águas do Mississipi Boom e em um tom seco me perguntou;

"Olha cara, tá vendo aqueles patos nadando no Rio?

Respondi que sim, sabia que estava traçando um raciocínio provavelmente confuso, mas algo havia de vim, algo forte, então deixei rolar.

"Sabe me dizer o porquê ao nascer os patos entram no rio e nadam pela primeira vez acompanhando a mãe pato mesmo sem ter nadado antes, e mesmo assim eles não se afogam? Por que eles não sentem medo de entrar na água?

"Porque eles não pensam, eles só seguem a mãe e por estar com ela eles se sentem seguros?"

"Não man, por que eles sabem que a mãe pato é realmente a sua mãe?

"Como assim?"

"Instinto man, eles agem assim pois está no seu sangue, é um instinto genético, ninguém os ensina, eles não pensam só são programados, agora me diga a diferença daqueles patos pra você?

"Raciocínio."

"Exato, é fácil dizermos que os seres humanos são a praga dentre todos os animais quando somos os únicos com o peso da liberdade, a cada segundo fazemos escolhas, seja nas palavras que vamos falar, seja no que vamos comer no jantar ou escolhas complexas como o que vamos cursar para garantir um futuro ou qual estrada seguir para chegar ao sucesso..."

A cada palavra que ele dizia sua voz ganhava mais peso, mais convicção, eram facas para mim, porém havia uma suavidade ímpar e agradável que só o Léon tinha, era único -

"...e sempre que escolhemos pensamos no peso dessa escolha ser a errada, e no "e se", o "e se" é perigoso cara, e o que ferra é que provavelmente todas as escolhas que fazemos estão erradas mas também estão certas, é um paradoxo, se você escolhe um caminho nunca saberá o outro o que é ruim ou é bom, mas quando vejo esses patos sei o porquê somos humanos... somos teimosos. Somos inteligentes, sabemos que o mundo não a salvação, sabemos que uma hora ou outra a entropia vai

jogar suas redes de degradação na gente e nos tornaremos nada, sabemos que no fim nada terá significado porque o tempo está contra nós, sabemos que o amor acaba, que uma hora o sol para de brilhar, e sabemos que temos medo, muito medo... mas mesmo assim estamos aqui porque somos teimoso, somos teimosos então tentamos e tentamos até criarmos um sentido para o papel em branco, somos rebeldes man".

E as nuvens negras sopram seus ásperos ventos venenosos sobre mim, infectando meus pulmões com gases de melancolia que de alguma forma se mostrava concreta.

"Rebeldes teimosos né?" - Léon sorriu dizendo sim, sorrimos junto a ele. - "do que você tem medo Sara?

"Eu vou ser mãe".

Talvez eu não tenha falado de Sara como devia, de longe ela era a que eu mais gostava das garotas de lá, ao olhar para ela você sentia na alma de seus olhos o que provavelmente ela já passou em sua vida, você vê um azul triste e obscuro em sua alma, você via as tentativas de esconder as dores atrás do álcool das drogas e do sexo, tudo isso sem ouvir uma palavra daquela voz delicada, e o que me faz me apaixonar por ela, é que nunca a olhei com pena, pois ela carrega um sol particular consigo, um brilho em seu sorriso e em seu jeito extrovertido que contagia quem está por perto, A criança virá ao mundo em mãos abençoadas, em mãos protetoras e amáveis pois como diz Léon; O medo e a incerteza faz parte do jogo que temos que jogar, porém somos teimoso, e se a entropia nos ensina algo.. é que nada durar muito, nem o amor, nem o medo, nem a dor.

Parte 6

Estou correndo sobre as areias brancas de um mar pálido de um dia neblinoso, corro rumo à luz do farol, corro das nuvens negras que me perseguem e seus trovões colossais que me apavoram, chove, chove águas de tintas pretas que me apagam da existência, me jogo sobre as pedras diante do farol e grito pelo suspiro de minha alma, fótons de energias se dissipam do farol, então vejo a tempestade se formando no mar, vejo o velho barqueiro em seu barco tentado chegar a margem, vejo as ondas tentarem afundar seu barco em batidas impiedosas, vejo a maré brincar com as vidas dos tripulantes ao se balançar de um lado ao outro os derrubando em alto mar, paraliso, o faroleiro em seu sobretudo se expõem na tempestade no topo do farol, ele iluminar o caminho para barco enquanto luta contra o vento, ele tenta ajudar mas é em vão.

Escuto uma melodia erudita de um piano que soa como nuvens de algodão sobre a longa noite do Polo Norte, no fim das pedreiras um homem está sentado sobre um piano, Ele toca lindamente como lágrimas de amor de uma mãe, me aproximo por suas costas então ele para de tocar.

"É linda, é perfeita" - sussurro para o homem.

Sem olhar em meus olhos ele responde com uma voz aguda mas potente, uma voz que ecoava.

"Não, não é, ela é automática, é isenta de brilho lunar, é incompleta".

O pianista vestia roupas de gala e uma peruca branca vitoriana.

"E quem é você, Mozart?"

"Meu nome é Ludwig van Beethoven".

"Conta outra, Beethoven era surdo". - O homem riu e ironicamente me retrucou.

"Bem, ninguém é surdo para sempre"

Ele toca cada corda do piano como se ouvisse-as sussurrar algo, o som cortava o vento como um epitáfio hermético e pesado para alma.

"O que está fazendo?"

"Estou em busca da sinfonia perfeita, a mais perfeita de todas".

"E a quinta sinfonia, ela que é lembrada até hoje, e Fur Elise, ela que é cultuada até pelos brutos de bares sujos e baratos?" - perguntei a ele pois ele não tinha que prova mais nada para nunguem, ele era grande ao mundo, e assim ele me respondeu.

"Não importa o que se faça, nem por onde ecoa, sempre falta algo garoto"

O pianista volta a tocar sua melodia, o mar continua agitado, o barqueiro ainda luta por sua vida, o faroleiro ainda ilumina as águas e as nuvens negras ainda me perseguem, uma corrente de neblina branca vem em minha direção.

"A nuvem negra mandou a neblina para me perseguir, o que faço?" - perguntei para o pianista.

"Entre nela se te chamas a um propósito."

Fui de encontro a neblina até o branco tomar conta do derredor e a música se abafar em meus ouvidos, então sons de passos sobre a terra se expandia sobre o eco da neblina, e quando ela se abaixou pude ver um jovem de roupas e óculos pretos e jaqueta de couro, um vagabundo em

uma estrada carregando uma gaita e um violão, com seu cabelo bagunçado ao vento, ele passou por mim sem dizer uma palavra, corri até o seu lado.

"Ei, Amigo! Pra onde vai?"

Ele tinha uma voz estranha e rouca que falava com tamanha velocidade e precisão que me hipnotizou.

"Como assim pra onde vou, vou até o horizonte, está óbvio."

"Uma metáfora?"

"O tempo passa rápido demais pra mim perder meu tempo com metáforas idiotas, eu vou pra onde vou".

De início achei que ele gozava de minha cara, era confuso e ele não parava de andar.

"E onde fica o horizonte"

"Não tenho a menor ideia"

"Então porque está indo pra um lugar onde nem sabe o caminho, é perda de tempo"

"Bem, eu só vou, e vou sem parar, perda de tempo é não se movimenta, é estar parado, enquanto ando vida me acontece".

Tudo era confuso, ele não falava uma única palavra de forma normal, o que me atraiu e me irritou.

"E se você chegar lá?"

"Bem, aí ando novamente de volta para casa".

Eu corria para o alcançar mas seus passos eram rápidos demais, ele sumiu em meio a neblina e eu sumia junto. O sol então limpou o mundo, e eu me via num campo de trigo com cores fortes e quentes. Um homem irlandês desenhava um quadro sobre aquela paisagem. Novamente me aproximei do estranho e dessa vez ele que falou comigo.

"Não se aproxime!"

Uma voz gentil mas perturbada, ao mesmo tempo que ele era calmo como uma rocha quando passava seu pincel sobre a tela, ele era desajeitado, angustiado e sem jeito para falar comigo.

"Por que não?"

"Não está pronto, dá azar vê a pintura antes de estar pronta."

"E o que está pintando"

"Minha maior obra de arte, a pintura mais perfeita entre todas as outras"

"Como pode ter certeza?"

"Ora, eu estou retratando o que vejo, o presente como ele é, e nada mais, não é perfeito tal simplicidade?"

Me pus em frente a ele e olhei toda aquela paisagem, era bela, mas como algo comum se torna a maior obra de arte já feita entre todas? O desajeito pintor então pulou em alegria.

"Terminei, está pronta! se quiser ver fique à vontade e contemple, complete o presente".

A forma de como a palavra presente saia de sua boca era excentricamente líquida.

"O que há de tão perfeito no presente?" - perguntei.

"Bem, a resposta é nada, mas ele é o único caminho viável a se percorrer".

Olhei a tela, a tão esperada maior obrar de arte já feita na história da humanidade, escorria lágrimas de meus olhos, ao fundo o pintor me perguntava "o que achou?", não tinha forças para responder, só admirava enquanto minha mente viajava a 8 mil milhas por nanosegundos e voltava ao meu corpo em uma corrente de energia capaz de criar centenas de buracos negros em uma única galáxia. Ao encarar o quadro eu via todo o medo sobre o velho barco do barqueiro. As nuvens negras faziam um tufão sobre o mar agitado que assassina os tripulantes, do velho farol do faroleiro lançava a luz sobre a embarcação, quanto mais a luz dançava sobre as águas, mais ela se enfurecia de ódio e rancor, então eu entendi, eu sou o barqueiro, o mar e o mundo, os tripulantes são fragmentos de Minh 'alma e o faroleiro é a vasta e desconhecida morte que me rege com sua escuridão.

Acordei sobre meu colchão duro no meio da madrugada com uma ideia em mente, "eu tenho que partir", o mundo gira e sempre que ele gira eu quero está girando junto só que em direção contraria, a coisas no planeta que me espera mesmo estando além do que eu posso imaginar ou esperar, meu espírito é esse, não nasci pra descansar meus pés no gramado, não ainda, não hoje, eu escuto um chamado vindo dos céus e é burrice não o atender, o além nos chama e eu quero calvogar a seu encontro.

Me arrumei apressadamente, passei por cada canto daquela velha casa de sítio, me alegrei em ver todos aqueles rosto em seus amáveis sonhos de verão, ali estava o futuro, não o que os os governantes querem, mas a ousadia juvenil que o mundo precisa, que o mundo necessita para se sacudir e apagar essa maldita luz de ignorância que cega as pessoas

em suas salas de jantares e em seus quartos, sobre o chão duro e sobre o espírito de liberdade e amor se faz presente a geração Blackout, os jovens que têm o potencial e a coragem para desestabilizar essa podre realidade.

Vesti meus sapatos e fui rumo a estrada, na entrada onde a velha e agora rachada placa está sobre o chão com sua escrita "Sítio Novo Mundo", lá me esperava Léon, amigo de dias que também levarei para no coração e em boas lembranças, nos encaramos por minutos sem dizer uma palavra, estávamos sobre o azulado da madrugada que hesitava em amanhecer, tive medo de que ele me julgasse ingrato por sair como um ladrão na calada da manhã sem dizer tchau, então tudo que eu disse foi;

"Eu tenho que ir, eu só tenho que ir cara!".

"Eu sei."

Ele sorriu para mim como em um gesto que dizia "vai! Faça sua jornada meu bom amigo", nos abraçamos com toda força de um homem.

"Todos aqui gostam de você, se um dia não tiver lugar para ir, sabe onde estaremos, não se esqueça de mim, e nem da Sara, você não sabe mas ela te ama"

"Nunca esquecerei!"

Parti pela rua de terra sem olhar para trás, o vento me castigava, era uma barreira que me empurrava para trás, meus olhos ardiam mas eu continuava até que ouvir de longe aquela voz gritando para mim:

"HEY MAN! QUEBRE O MUNDO CAWBOY"

Meu coração se potencializou em bravura e eu gritei aos sete cantos do mundo.

"HAYOOOO SILVER"

Eu olhava de longe para Leon e ele pulava como se estivesse em cima de um boi num rodeio, me sentia como ondas caçadoras rumo ao caminho da verdade, juro que podia escutar sua risada, algo tomou conta do meu corpo e pulei repetindo seus movimentos, fiz poeira subir com as mãos e girei meu corpo até ficar tonto e ainda assim gritava e continuava, até perceber que tudo estava mudo e vazio novamente, é como se o corpo relaxe depois do êxtase do LSD, e tudo se fazia quieto como o velho e triste Rio Mississipi Boom.

Parte 7

Agora estou rumo a velha Parelheiros na zona Sul de São Paulo, cidade especial para mim, lá me tornei uma parte do que sou agora, lá meu espírito cresceu como raízes sob a terra fértil, eu sei que a zona sul está já no fim da grande metrópole, mas lá me espera eles, eles que não dormem, eles que não se cansam, eles que sempre tem sede, sede de viver, sede de questionar e discutir o indiscutível, mandei uma carta para meu velho amigo Victor Oliver, meu caro companheiro em nossas perspectivas desajustadas, ele sabia que eu estava chegando, e eu não ia aguentar ficar tanto tempo sem o encontrar de imediato, então desisti da caminhada e decidi pegar um ônibus que me levou a Sé, de lá peguei o metrô da linha 4 até a linha 1, da linha 1 desci em Santa Cruz e peguei a linha 5 até Santo amaro onde enfim entrei no trem até o terminal varginha, então caminhei com minhas bagagens baratas até sua casa numa rua pouco movimentada mas bem iluminada.

Chegou o momento, irei ver o companheiro dos tempos de escola, um ouvinte de minhas crises melancólicas de existência mundana, toquei a campainha imaginando centenas de formas de como iria ser nosso encontro, se ele ia ficar feliz ou feliz demais, se seria algo formal ou algo excessivo, não sabia o que esperar... Então se abre o portão de ferro, e lá dentro me olha aquele cara de 1 metro e 80, com sua barba feita e aqueles olhos cheios de ironia e carisma que ficavam por dentro de seus óculos, nos encaramos com um certo sorriso sem graça, fiquei com medo de nossa relação não ser mais a mesma do que um dia fora, de ter nos tornado estranhos um para o outro, então ele com uma voz suave me pergunta;

"Davi da Bahia, na Bahia tem pão francês?"

Caímos em risadas inesgotantes de uma velha piada interna ao mesmo tempo que sentíamos a velha energia revigorante dos velhos tempos emergindo pelo ar enquanto eu saltava para o abraçar com a velha força de um irmão.

"Seu tremendo gatão genialmente bacana, meu príncipe, meu...! - disse eu com aquela doce alegria no peito, imediatamente me convidei para tomar um banho enquanto Oliver se arrumava, íamos sair, sair pela noite sem rumo e sem destino como antigamente quando passeávamos pela Paulista a conversar e ver qual era a do mundo naquele momento, falamos sobre o futuro e sobre os problemas do mundo ao mesmo tempo que discutimos sobre canais de bicicleta e filmes da barbie dentre essas idioces.

Eu havia dormido apenas 8 horas nos últimos 2 dias e já estava pronto para uma aventura lúdica pelo cheio vazio da colossal e trepida São Paulo, o time ainda não estava pronto, as 20 da noite encontramos o moribundo Gus, Gustavo Prattes era seu nome, mas a gente o chamava de Gus, quando o vimos estávamos a metros de distância com todas aquelas pessoas em nosso meio ali no friorento terminal Mendes quando aquela maldita voz ecoa no ar gritando "VAI BAHIA!" Gus era um rapaz baixo e fortinho com um poder forte de sarcasmo e humor negro, um comunista com convição, um pessimista com astúcia, um rapaz que não se encantava com pouca coisa mas ao mesmo tempo carregava consigo uma inteligência absurdamente bestial.

Pegamos o trem rumo a Deus sabe aonde, poucas horas com eles me veio o déjà vu de como éramos tolos em conversas abstratas e atropeladas que de alguma forma incompreensível conseguíamos nos entender.

"Você lembra do Cleiton?" - me pergunta Oliver enquanto estávamos na plataforma esperando o trem vim nos buscar para nos levar até algum lugar.

"Que Cleito?"

"Ele não conheceu o Cleito?" - pergunta Gus para Oliver.

"Pera aí! Você não conheceu o Cleiton?" - se dirige Oliver a mim.

"O que tem o Cleito?"

"O Cleito é um Brother nosso que pediu demissão da empresa que trabalha?"

"por quê?"

"O Cleito é foda, o cara é burro!" - se intromete Gus com uma certa exclamação

"Porque?"

"Porque ele é do tipo que acha que trabalhando duro o patrão vai gostar dele e ele vai crescer na firma ".

Ao mesmo tempo que Gus me respondeu, Oliver também me deu uma resposta então ambos falaram ao mesmo tempo.

"Porque o contrato acabou e falaram que ele tinha desempenho insuficiente."

"Isso é irreal!" - disse eu.

"As pessoas acham que é só querer e você se torna rico." - Oliver era um cara que pendia para esquerda, porém não era um militante, era um piadista moderado e mais racional a tudo.

"Ele acordava as 5 e chegava em casa às 18, o patrão era um ignorante e o otário ainda falava que o patrão era rude pra ensinar alguma lição." - - Gus dá seu ponto, ele era um militante comunista inato.

"Por que se matar em um mundo onde todos se matam e você sabe que todos se matam"

"Patrões, Estados e governos, tudo é manipulação, compre, gaste..." - começa a lista Gus e ao mesmo tempo numa linha de conversa caótica e atropelada eu digo.

"Se eu chegar nesse nível eu não quero ser mais eu, e eu só quero ter o meu e nada mais."

"...beba, tenha filhos, faça isso, repita tudo, é um vício."

"Pessoas são estrelas que não sabem que a Terra que está girando" - Oliver sempre busca uma perspectiva de vítima social, o oposto de Gus.

"Pessoas são egoístas e gananciosos, também são culpadas".

"Veja o cleito, ele só vive desse jeito porque foi assim que ele aprendeu" - continua Oliver.

"Tá, mas olha esse vagão, ele vira e capota quantas pessoas morrerão no auge da felicidade?" - pergunto para ambos.

"Pra muitas o dinheiro é felicidade mesmo elas falando que não" - me responde Oliver e em seguida Gus.

"Mas necessitamos do Dinheiro pra ter felicidade"

Agora a conversa cria uma tangente no assunto principal e paralelamente entramos no trem rumo a Pinheiros.

"Felicidade é algo concreto, é tipo um tijolo" - contínuo.

"Mas um tijolo pode ser subjetivo as vezes" - completa Oliver com algo que sinceramente não entendi.

"Mas quem é feliz com a barriga vazia?" - pergunta Gus em sua visão mais pessimista e explosiva.

"O que tem a ver uma necessidade básica com a felicidade?" - eu crio o contraponto.

"O que tem a ver um tijolo com a felicidade?"

"A felicidade é um estado que transcende nosso espaço tempo, é um lugar é um algo imaterial, está ligada internamente com uma gama de sentimentos e sensações, tipo o cinema, eu não amo ir ao cinema ou ter dinheiro pra ir ao cinema? eu amo o cinema em si como um espectro só meu."

"Exato! Não é o fato de ter o dinheiro pra ter algo, mas de poder ter sem o dinheiro e vê que o resultado é o mesmo" - Oliver impulsiona minha visão.

"Mas a terra não gira ao redor das estrelas, ela gira ao redor do sol."

"Mas tá de noite" - ironiza Oliver já se estressando.

"E o que é que tem?" - nesse momento Gus já chorava de nervos fervilhantes.

"A felicidade?" Perguntei já confuso.

"Não, à noite seu animal" - Gus respondeu aos berros e as pessoas no trem já se viravam nos encarando.

"O Cleiton não esta pegando a irmã do Vinicius?"

Oliver volta ao assunto principal de início dessa time-line.

"Que Vinicius?" - Eu ainda tentava entender os personagens dessa história e Gus me atropelava com sua pergunta.

"O que fez a Juliana abortar o filho?".

Novamente ambos fizemos pergunta ao mesmo tempo.

" Pera, a Juliana é o que do Cleiton?"

"Mas ela quis abortar?"

Oliver responde, a quem eu não sei.

"O Cleiton namorou a Juliana na segunda série também!"

"A Juliana se encaixa nas pessoas vagando no mundo vazio sem propósito de vida".

Lá vinha Gus tangenciando o assunto outra vez.

"Assim, o aborto tem dois lados né, é algo complicado" - diz Oliver para ele.

"Não, quem namorou a Juliana foi o irmão do Cleiton, ele não pegou ela não" diz Gus a respeito do caso do Cleiton.

"Somos burros e sabemos disso, não tento ser inteligente então não vou opinar convicto sobre algo que amanhã provavelmente mudarei de ideia, se as pessoas abortam ou não, elas tem seus motivos, bons ou ruins, justos ou injusto, e isso é delas, deixem que os inteligentes discuterem essa merda em seus computadores" - respondo a respeito do aborto.

"Como você pode falar com propriedade sobre outra pessoa?" - pergunta Oliver não sei a quem.

"Como alguém pode querer uma faculdade sendo que desce de criança foi posta a trabalhar duro, ensinada pela TV que do nada ela ficará rica abrindo seu próprio negócio, uma pessoa que não tem o costume de estudar porque escola pra ela é besteira e mesmo assim quer curtir a vida por que em algum momento ela acha que vai ganhar o mundo, que do nada vai ser rica e mudar toda sua vida quando aos 17 já engravida de um cara babaca que conheceu numa festa de amigos" - ai entendi que eles estavam falando de Juliana então argumentei.

"Mas isso se chama sonhar, não é? Os sonhos que movem nosso mundo, nossa vontade de viver, eles que nos fazem criar caminhos."

"Qual o sentido de sonhar com o impossível, isso aliena as pessoas, fazem elas se matarem por algo que não vão ter"- me responde Gus.

"Mas como saber, tudo é impossível até ser imaginado, ali se torna real."

"Eu acho que tenho uma teoria!..." - Assim Oliver entra com um novo assunto nesse ciclo de humor, odiou, achismos e fofocas.

Falávamos apressadamente um sobre o outro até que não sabíamos mais quem falava o que, era muitas ideias jogadas à mesa em variações de microsegundos, era confuso e elétrico mas de alguma forma tudo tinha sentido e sua própria cronologia, então nada fazia sentido exato para nós.

O que me encantava era que éramos incrivelmente burros e idiotas vagando por assuntos bestas e escatológicos, mas também éramos uma espécie de loucos poetas da meia noite, filósofos do nada e do tudo, crianças buscando sentido para existência das coisas do jeito que elas são com uma sensibilidade que vinha da personalidade de cada um, o pessimismo neorrealista do Gus ou a Empatia bondosa da mente logica e satírica de Oliver. Éramos cabaços falando de amor, medrosos falando de coragem, mentirosos transformando verdades e nos tornávamos as belas

frases psicodélicas que tanto falávamos. Não precisávamos de drogas para viajar sobre nosso subconsciente, a droga de um era as palavras provocantes do outro, porque algo em nós três ardia, ardia em nós o espírito questionador de jovens tentando entender o mundo.

Perto das onze paramos em uma lanchonete que também era uma adega-bar, sentamo-nos por alguns minutos até aparecer quatro garotas extremamente sexy, eram jovens paulistanas de estilo padrão, mas um padrão fenomenal típico de loiras e morenas de capas de playboy, automaticamente discutimos com qual cada um de nós ia ficar, eu me adiantei e falei que a garota de Chanel é minha, uma branquinha de 1,65 que usava um batom vermelho que gritava meu nome "Vem Max vem!" E meus olhos respondiam "tô indo darling".

"A morena tá na minha, eu tenho o papo, eu vou lá, querem apostar?

Oliver sempre teve uma lábia de pegador e apesar dele ser o mais galã do grupo acho que o fato dele ser um cabaço engraçado e que treina, cria uma persona diferenciada, mesmo ele não tendo jeito com garotas, o Gus por outro lado antes de imaginar pegar uma delas já diz que vamos passar vergonha.

"Eu vou lá se vocês também forem!" - digo com muita vontade de ir a mesa delas mas com pouca coragem.

"Eu não vou lá por nada, pelo amor de Deus, vamos sair destruídos mentalmente".

"O pior que ela pode dizer é não".

É nesse aspecto que Oliver se engana, existem muitas respostas piores que um simples não e fiz questão de nos lembrar disso.

"Além do não tem o sai fora, eu não saio com homens feios, nem fudendo, vocês acham que são quem pra sonhar em ter uma chance com a gente" - ao falar eu imitei as garotas o que fez elas olharem de relance para nós. Rimos com vergonha.

"Então, o que vamos fazer?" - pergunta Oliver.

"Vamos mandar uma rodada de drink, eu vi num filme"

Confesso que a ideia foi minha.

"Olha o cara, é muito virgem hiehiehie (O sorriso meio estranho de Gus), viu no filme!"

Bem, no fim foi o que fizemos, e deu certo, o garçom levou os drinks e elas olharam pra gente, então falamos desesperados um para o outro, "vamos lá! Vamos lá! Elas tão olhando! Vai primeiro! Vamos falar o que vey? Fala qualquer coisa! Levanta caralho!". Fomos até lá e ouvimos Oliver levantar nossas chances de pegar alguém naquela noite.

"Com licença garotas, a adega tá meio cheia, e não tem lugar pra gente sentar, será que podemos nos juntar com vocês?

A garota que depois chamamos de Ashley por se demonstrar ser o arquétipo da loira burra se inclinou de forma sexy e brincou com a gente.

"Bem, teve certos rapazes que pagaram uns drinks para a gente, se vocês sentarem aqui eles podem se irritar e querer uma briga.

"Relaxa madame, eu tenho 5 anos de Jiu Jitsu!"

"Então fiquem a vontade lutador."

Olhamos um para o outro com risos de vergonha e vitória, um a zero para nós, sentamos e tomamos algumas enquanto conversamos distraídos, porém uma vez cabaço sempre cabaço e apesar de bonitas as garotas eram

excêntricas e a conversa tomou rumos que não esperávamos. Eu sentei ao lado da Ashley e senti que ela se esfregava em meu peito de leve, eu estava arrasando, eu explicava para ela sobre a forma de como funciona uma estrela até ouvir sair da sua boca as seguintes palavras em forma de pergunta;

"Por que as estrelas não queimam por causa do sol?"

"Bem, o sol é uma estrela, só que com uma densidade de energia muito maior do que as que vemos no céu."

"Como assim o sol é uma estrela?"

"O sol é a maior estrela do sistema solar".

Bem, o que ela diz a seguir vai parecer que estou inventando ou ficcionando essa parte, mas acreditem, foi exatamente isso que ela diz;

"Mas o sol não é nem maior que a terra!"

"Como assim?"

Creio eu que ela quis me impressionar ou apenas expor sua visão.

"Você sabe que a terra é plana né?"

Bem, a partir daí eu concordei com tudo que ela dizia e ela dizia sua teoria lida e gravada de alguma página de Internet xexelenta, e ela falava com tamanha pretensão de inteligência que era algo burro mas extremamente sensual, então eu só queria levar ela para algum lugar naquela noite pra nunca mais a ver como todo encontro noturno.

Após várias tentativas de mudar o foco da conversa voltamos ao zero a zero. conversávamos sobre artistas pop e gênios quando vários nomes foram citados, Eu citei os Beatles e Van Gogh, Oliver cita Rafa Moreira como sempre, a Ashley citou Ariana Grande e Taylor Swift, uma

das garotas que apelidamos de "Made In China" pois a cada frase que ela falava ela metia um coreano de graça e sempre falava de cantores asiáticos que ninguém ligava, obviamente ela falou um coreano que eu não me importava tanto para gravar o nome, mais o desastre se iniciou quando Gus citou Karl Marx, a garota Chanel se mostrou ser uma conservadora de vestido curto, foi como se um demônio se apoderasse dela;

"Karl Marx era um Assassino vagabundo, que matou milhares com uma ideologia que nunca deu certo e nunca vai dar certo e tudo que fez foi matar pessoas por regimes autoritários como na Rússia que o regime socialista matou o dobro que os nazistas mataram, o Marx era um merda! UM BOSTA QUE ERA SUSTENTADO PELA MULHER! E O COMUNISMO MATOU 400 MILHÕES DE PESSOAS LÁ!"

Um sábio simplesmente concordaria com toda essa baboseira, diria que ela tem razão e a levaria para um motel enquanto recitava as leis do capitalismo e o hino Americano, ele poderia comer alguém naquela noite, mas infelizmente ou felizmente apesar do Gus ser um gênio ele era um burro, e sua reação foi questionar;

"Como que o comunismo matou 400 milhões de pessoas na União Soviética se nem 400 milhões de pessoas havia lá ao todo?"

Olhei pro Oliver com uma feição de "Agora Fudeu, zero a menos um no placar" nós sabíamos que se havia alguma chance de transar naquela noite foi por água abaixo a partir do momento que o Gus abriu a boca e ouvimos em seguida aquele chilique;

"VAI NEGAR QUE O COMUNISMO É A MERDA DE UM REGIME AUTORITÁRIO COMO O NAZISMO E QUE MATOU MAIS DE MILHÕES DE PESSOAS? VAI NEGAR QUE SE NÃO FOSSE OS ESTADOS UNIDOS O MUNDO TAVA NA MERDA, PASSANDO FOME POR CAUSA DESSE MERDA DO MARX E SUA TEORIA HIPÓCRITA QUE TIRA O POUCO QUE O POBRE TEM E DÁ NAS MÃOS DESSES POLÍTICOS DE ESQUERDA HEIN? VAI NEGAR AGORA? O nome disso é história filho!"

Aqui era o momento em que tudo devia ter acabado, quando olhei para as amigas e especialmente para a Ashley, ela estava batendo palmas enquanto as amigas diziam "É isso aí, arrasou miga, jantou hein!", meu Deus! Só queria pegar uma garota e nada mais, porém veio a tréplica para fazer a pontuação ficar 0 zero a menos dez para nós.

"Garota, essa foi a coisa mais burra que ouvi desde a criação da língua portuguesa, deixa eu te explicar algo..."

Bem... não houve explicação depois disso, eu só vi o Oliver se levantando e falando que a mãe dele mandou mensagem e que estava no hospital, uma mentira para sairmos dali imediatamente e foi o que fizemos, antes de sai olhei para Ashley e disse;

"Estamos indo garotas, foi mal meu amigo ter deixado o clima denso, ele é meio competitivo, a gravidade da adega ficou até pesada."

Pude ver Ashley falar sensualmente para mim.

"Lembra que eu te expliquei que gravidade não existe Gato!"

A olhei com lágrimas de um homem no fim da vida e respondi, "Mas é claro, erro meu!".

Que ser bonito e burro meu Deus, que tentação tu me faz passar meu lorde!

Nada é tão bonito quanto a pálida e tristonha noite Paulista, o voyeurismos da burguesia perante as luzes, as luzes dos vastos postes coloridos, das poucas estrelas escondidas por uma nuvem de poluição.

Como é linda a burguesa noite Paulista, a beleza das garotas pintadas que beiram o mundo sem hora para voltar para casa, é onde os tristes e solitários saem de suas tocas em busca de outros seres tristes e solitários, onde a criança se encanta pelos túneis e escadas rolantes das estações de metrô, como é gostoso o doce charme da burguesa noite Paulista.

Eu, Oliver e Gus pairamos pelos becos escuros como gatos sem casa, chutamos lixeiras e mascamos chicletes verdes enquanto perambulávamos e sentíamos o vazio da cidade preencher nossos estômagos, entramos no estacionamento de um shopping, subimos até o terraço na parte mais escura e distante. Gus subiu no murinho entre o estacionamento e uma queda de oito andares, ele fechava os olhos sentindo o vento enquanto Oliver o chamava de louco e o mandava descer, ele era realmente tanso então o que há a se fazer? Éramos folhas em branco sendo preenchidas pelas estrelas, sabíamos que no amanhã a tinta sumiria para ser colorida novamente.

Deitamos no chão duro, um ao lado do outro, observamos a imensidão do céu enquanto refletíamos em conversas.

"Antigamente se dizia que quando morrêssemos, iríamos nos tornar átomos nos céus assim como essas estrelas" - Diz Oliver em um tom triste.

"Isso é burrice, não há nada demais numa estrela, é uma rocha morta com energia e a gente será um corpo morto sem energia" - não preciso dizer quem é.

Eu ouvia ambos conversarem sem me intrometer, sem palpitar, só estava ali.

"É muito simples para mim, antes havia mais magia, era poético."

"Antes quando matavam cientistas alegando bruxaria?"

"Mas sempre existiu o mal e o bem, é uma luta eterna do presente e da existência".

"Pelo visto o mal tá dando uma surra no bem".

"Aí que você se engana, o bem é muito mais forte".

"Faça-me um favor Oliver! Olha as guerras aí no planeta, olha a quantidade de pessoas passando fome, olha a quantidade de jovens que morrem aos montes".

"Sim, nesse instante alguém morreu, neste instante alguém está passando fome, nesse instante uma garota está sofrendo agressão, neste instante alguém chora desamparado na rua, porém nesse mesmo instante uma vida vem ao mundo, nesse instante a gente respira, nesse instante os ventos batem nas folhas das árvores, neste instante alguém encontrou o amor da sua vida, a beleza do mundo está ao nosso redor homem".

"O que você acha disso, Max? - me perguntou Gus.

Eu olhei aquele mar lustroso acima de nós, o encarei atrás de respostas então a luz se acendeu e eu disse;

"Eu acho que você tá errado, uma estrela nunca morre, quando sua luz se apaga... ela se transforma num mágico disco voador.

As outras cinco noites foram iguais, saíamos na calada do anoitecer e então éramos vigilantes noturnos, buscávamos formas de transcender o plano real sem substâncias químicas ou corrosivas, Fazíamos um jogo de perguntas e respostas rápidas para testarmos nossa imaginação no conceito de real é irreal, algo que eu tinha aprendido com Sara na comunidade. Uma das seções era entre eu e Oliver, a cada 1 minuto

trocávamos de posição entre questionador e o questionado de olhos fechados, foi mais ou menos assim, eu comecei as perguntas;

"Um medo? - Morte - Uma queda? - Prédios - Um amor? - Uma trança de cabelo - Um sol? - Um dia - Espinhos no caminhos? - Uma bota - Um arco-íris de uma só cor? - Vários óculos coloridos - Uma conquista? - Uma faixa preta - Uma felicidade? - O presente."

_ UM MINUTOS - TROCA_.

"Um medo? - Solidão - Um filme? - Castelo no céu - Um mar de monstros? - Duas asas - Um tigre albino? - Um elefante rosa - 100 mil cobras no ar? - Um Deus a minha frente.

_ UM MINUTOS – TROCA.

"Uma planta carnívora? - Um mundo vegano - Um deserto de areia escaldante? - Um mar de água doce - Um mundo sem amor? - Uma reunião de mães - Sexo sem prazer? - bailarinas voando no céu - Se todas caírem? - Eu as agarro em minhas mãos."

UM MINUTOS – TROCA....

E assim passávamos todas as noites, em conversas por bares, pontos de ônibus, jardins, bancos de praças e etc. Vivíamos a macacadas, eu olhava aqueles dois caras na qual seguia e meus olhos se enchiam de admiração, os via ensaiar uma luta de boxe no meio da estação, os via gritar a palavra pinto dentro dos trens lotados, os via fazer competições de flexão pelo chão dos shoppings, os via cantar vergonhosamente pelas ruas da cidade e pensava como eu era feliz em estar ali.

Em minha última noite, estávamos sentados no paralelepípedo a frente de uma pista de skate, bebíamos um vinho barato enquanto

falávamos de burrices de terceiros ao redor quando avistamos duas garotas sentadas em um banco amarelo, duas beldades góticas, uma branca de cabelo bem curto e bagunçado, ela vestia um cropped preto e uma saia média, a outra era bronzeada e de franja, cabelo longo e roupa apertada, sensualmente sexy, eram de poucas palavras, eram secas em atitudes porém espertas e fortes ao contrário das patricinhas da adega, elas foram até a gente e pediram um cigarro, o Gus as deu e oferecemos vinho, elas sentaram no paralelepípedo conosco, cinco jovens arruaceiros e marginais sendo julgados por todos os supostos normais que ali passava.

O que as fez vir até a gente era o fato de que não nos importamos sobre o que elas vestiam ou poderiam ser, em nenhum momento buscamos saber algo de suas vidas, queríamos conversar com garotas legais e foi o que fizemos, pela segunda vez coloquei um cigarro na boca. Não era suave como a Maria Ruanda, fomos nos entrelaçando e vimos que as garotas eram tão loucas quanto a gente, o que é bom, o mundo precisa dos loucos, a de cabelo curto se chamava Tabata e a de franja se chamava Zoey, ela era a que dançava ao luar ao som dos veículos, a observamos dançar no centro da avenida por minutos até que todos estavam dançando e gritando ao som do silêncio do mundo e dos carros em movimentos.

Fomos para um motel em seguida, entramos aos beijos e bebidas, dessa vez me lembrei do velho rádio em minha mochila que não queria pegar devido ter molhado na enchente em Oliveira, interior de Minas Gerais, por sorte Tabata era técnica em eletrônicos, ela deu um jeito de uma forma que parecia simples. Ao som de Cream, Dylan e Joah Jett fizemos a festa naquela suíte de motel, quando me dei conta estava quase nos finalmente com Zoey, ela tirava as roupas em cima de mim e a gente se encontrava estirados no chão enquanto Tabata fazia um ritual místico do sexo com os meninos.

Zoey me beijava e eu sentia a euforia em cada parte de meu corpo enquanto acordava o gigante com massagens pontuais, um choque veio a meu corpo então me senti viril, tomei o controle e me pus por cima enquanto ela ofegava em prazer, perdi minha virgindade ali com alguém que conheci na mesma noite, alguém que não era o que eu imaginava, não era minha alma gêmea e nem meu verdadeiro amor, queria me sentir culpado porém foi bom, e se foi bom não a culpa a sentir.

Antes do amanhecer eu a olhei e ri para ela, ela fez o mesmo, porém passou a mão em meu peito e disse com seu sorriso ameno;

"Eu não vou esquecer de você!".

"Eu não vou te esquecer! Eu Não VOU TE ESQUECER!"

Essas palavras esfaqueavam minha cabeça trazendo memórias de um passado que se mesclava com o presente, me faziam lembrar de alguém especial para mim. 22 de dezembro de 2021, ela que é a dona dos raios do sol que se tornavam mera ilusão barata perante seus olhos toxicamente hipnotizantes, ela que é tão verdadeira como o céu e a terra, ela que sussurra para mim "Eu não vou te esquecer".

Enfim amanheceu, nunca fui de acreditar em sinais divinos porém eu mudei ou então a estrada me mudou, sabia que era um aviso de um velho amigo chamado destino, eu deveria partir ao encontro de um dos meus amores, eu vou seguir meu coração e ele me guiará pela estrada da sabedoria. Me despedir dos cabaços e geniais poetas de São Paulo que explodirão ao mundo em um futuro próximo.

Gus me presenteou com um maço de cigarro que não fumo e a Oliver eu que presenteei com um dos retratos que carrego comigo.

"Não quer ficar para se lembrar de mim?"

"Eu não preciso, vocês estão comigo a todo instante, só basta para mim olhar as estrelas no céu".

PARTE 8

Esperando Esperando ir agora, Esperando partir o trem, o trem rumo ao meu amor, amor naqual nunca me declarei.

O reflexo do ciano nublado no vidro do trem reflete minhas súbitas memórias doces de Isabel, a garota digna de meus poemas, meu segundo e mais intenso amor pois ela nunca soube de meus sentimentos, e hoje como vagabundo de sapatos velhos penso em bater a sua porta, dizendo um simples "Olá!", como é belo o poder do Olá, "Olá" na qual será respondido com um mágico "Oi!". Esse oi será concreto através de um abraço, um tão cintilante e púrpuro de amizade que nunca me fará dizer a ela que a amo pois não quero perder as chances de estar ao seu lado e sei que ela nunca vai me querer, e então irei embora mais uma vez como o mesmo vagabundo de hotéis moribundos, e assim terminará esse capítulo.

No auge de meus 17 anos eu a vi quando ainda cursava o último ano do ensino médio, aquela garota franzina e filhinha da mamãe que se metia a falar de política e temas que ninguém se importava seriamente pois todos estavam ocupados cuidando de suas vidas rotineiras, mas aí ela era gentil, era engraçada, era forte como o dilúvio de Noé, tão penetrante quanto as fontes da juventude perdidas nas ilhas de meus olhos. Então um dia a olhei por trás, e... meus caros, aquilo aconteceu...

Os cometas destrutivos de Vênus eclodiram com a Terra, tudo soava como um rock elétrico que fazia TICK, TICK, TA KABOOM, então os elfos de Afrodite incendeiam minha alma, TRA, BLOM, TICK, TICK, BOOM! meu corpo flutua numa odisseia especial e não o consigo acompanhar, HAH, PURUM, TA,RA, PAMTÃ, TÂNTÃ!, vislumbro cada seta de seu corpo enquanto uma música me vem à cabeça a mil por

milhas... "NOW I DON'T HARDLY KNOW HER", Tudo que desejo e desejo como magma é tocar seus fios de cabelos castanhos, "BUT I THINK I COULD LOVE HER" Me sinto o garoto mais esperto do mundo em meu mundo, "CRIMSON AND CLOVER" TICK, TICK TÁ, KABOOM! Oh m'nha alma inquieta, oh m'nha ardente, oh m'nha alma carente, "AH... WHEN SHE COMES WALKING OVER" em casa meu corpo se balanga tinindo e trincado enquanto lembro-me de seu carmesim "NOW BEEN WAITIN ľVE TO SHOW olhar! DA,DA...DA,TICK, KABOOM, meus pés se movimentam, minhas pernas gemem e meu coração se alegra como violinos elétricos, como fantasmas de eletricidade, isso é o amor, acho eu - "CRINSON AND CLOVER".

O amor é incontrolável e inquietante como chamas em lenha seca, não há um porque ou uma razão lógica, ele é o que é, se pudéssemos o explicar ele não seria o amor e sim alguma capa de revista pop, então se você caro leitor conhece alguém que pode explicar o que é o amor, o diga que a ele dou minha vida.

A partir desse dia caminhei pelas sobras de suas pegadas, revisitei incessantemente nossas conversas em minha mente, fui gentil e bondoso sem perder a minha essência de a questionar quando preciso, a dei presentes de amor indiretamente e elogios de paixão jogados ao vento, ela que é tão boa em quebra-cabeças de mesa e tão ruim nos dá vida. Meu último dia com ela foi numa sexta, levei sorvete e salgados, conversamos despretensiosamente sobre artista pop, assunto que ela ama mas pessoalmente acho pobre, mas ela era rica em caráter então não me importava, meus ídolos nunca foram os dela, meus ideais nunca foram os dela, meus heróis estão longe de serem os dela assim como meu mundo está distante do dela, meus cães de ruas tentam bater em sua porta mas ela nunca sabe onde deixa as chaves, e isso é eterno, numa esquina a dei uma parte de minha alma, um colar na qual possuía a frase da minha vida,

"EU POSSO SER UM HERÓI SE EU QUISER", então a olhei pela ardente janela da alma de seus negros olhos carmesim;

"Eu quero te dar algo, algo inútil mas que carrega a minha essência para que nunca você se esqueça de mim, eu não sou perfeito, sou medroso, problemático, confuso e idiota, porém eu também sou um herói assim como você, talvez seja estranho, mas basta você acreditar, por que hoje você me fez rir, e se isso não for um superpoder, eu não sei o que é!".

Ela olhou para mim com seu fofo sorriso que espelhava as montanhas do por do sol da terra media.

"Obrigada, não é inútil coisa nenhuma, é uma lembrança, e eu nunca vou te esquecer!"

A beijei na bochecha quando meu espírito me mandava a abraçar, partimos em ruas diferentes, ela pela rua de sua casa e eu pelas ruas da desolação, quando não à via mais... eu chorei, chorei e chorei como criança, mas não estava triste, estava feliz, feliz como os pássaros livres no céu, feliz pois a amava e mesmo sem ela saber, para mim era bom!

Então semanas depois partir de São Paulo para a Bahia onde passei 4 anos fazendo faculdade em Porto Seguro até essa minha atual jornada, nesse exato momento estou de frente a seu apartamento seguido pelo endereço que Oliver me passou, ela morava em um AP em Santa Cruz;

"Deus me dê coragem para bater à porta, e que as chaves estejam em suas mãos". - Lá vamos nós!

Isabel era uma garota parda de cabelos lisos castanhos, era tão inteligente quanto qualquer engomadinho espertalhão de escola particular, doce, mas ao mesmo tempo arrogante e insensível como faca

cega, criada aos mimos, sempre observou o mundo pela janela de seu celular, nunca o adentrou, isso a faz ser pretensiosa ao jugar os outros, porém há inocência em suas ações, as vezes ela é uma mulher madura e sabia e as vezes uma criança mimada, eu adoro seus olhos, o cálice do mel. Era confusa e preocupada, queria o mundo, queria ser rica e o pouco para ela é nada, há 5 anos desde que a vi.

Bato em sua porta e ela me atende com um fofo pijama branco e rosa, a forma como nos cumprimentamos parecia que a vi na semana passada, nunca fui intensa com ela, sempre controlado para meus padrões, ela sorri para mim e quando soltava um "BAIANO!", me auto convidei a entrar e a beijei na bochecha. Pergunto como ela está, fui imediatamente a cozinha como se a casa fosse minha, pedi água e ela me deu enquanto fazíamos perguntas básicas de reencontro um para o outro. A caminho tinha comprado um vinho, antigamente ela não bebia, mas vai que né. E sim, ela bebeu apesar de não beber outras bebidas alcoólica. Sentamos no chão da sala enquanto falávamos de nossas vidas e velhos amigos.

"Como você me achou Baiano?"

"O Oliver soube por um amigo onde você morava e me passou o número do apartamento".

"E como foram esses anos, o que veio fazer em São Paulo? conta tudo?"

"Sou formado em sistema de informação, trabalhei numa empresa de tecnologia, comprei uma casa e vi que sentava pelado na poltrona criando vermes, até me perguntar que porra eu estava fazendo da minha vida... lembra que um dia eu te perguntei se em um futuro você teria coragem de sair comigo em caminhada pelo Brasil ou até pelo mundo?

"Mentira, você não tá fazendo isso né? Você é louco?" - diz ela surpresa, quando contei a ideia a ela 5 anos atras, acho que ela não levou a sério, talvez nem eu naquela época.

"Eu fui obrigado a provar as pessoas e ao mundo o meu potêncial, agora tenho que provar a mim mesmo, e onde houver Luz eu a sigo".

Ela riu de mim, sempre me achou estranho e eu sempre fui estranho para falar a verdade, eu aproveitava cada segundo os transformando em milênios a cada vez que admirava o brilho de seu rosto, o tempo parava cara, mas eu não queria falar de mim, queria saber dela, então fiz incessantes perguntas. Ela fez faculdade de matemática, trabalhava na área de estatística no setor de RH de uma perfumaria, ganhava um salário ok, muito longe do luxo mas o suficiente para pagar as contas e ter um luxo no fim de semana, tinha namorado um cara mas não deu certo, ela tem um jeito muito exigente e não é qualquer um que ficaria com ela, presumo que ainda seja virgem talvez.

"E o Erick e a Lisa, ainda juntos, como estão?"

O Erick e a Lisa são um casal de amigos de escola que fazia parte do nosso grupo, apesar que eu tinha 2 grupos no terceiro ano, nós quatro éramos um deles e no outro tinha o Oliver a Maria, o outro Maxuel e a Gabi. Isabel me disse que o Erick ainda estava com a Lisa, o que era lindo, um casal de ensino médio durar uma vida até o presente, moravam em Santos pois o Erick trabalhava na área de tecnologia numa empresa. No futuro um pouco distante os encontrarei.

Depois de horas ela bocejou, ela iria trabalhar cedo no outro dia, me surpreendi em vê ela dizendo que trabalhava cedo, que pegava metro, aos 17 anos ela não sabia pegar nem ônibus. Ela ofereceu para eu dormir lá, não sei por que eu falei que já tinha um lugar, acho que fiquei desconcertado no momento, falei que voltaria pra gente sair.

Quando sai de seu AP, como diria Neil Cassady, "AQUILO tomou conta de mim", AQUILO que abre as janelas da vida e da vivacidade, andei por aí com o velho rádio de meu avô e o fone em meus ouvidos escutando afloradas canções de amor desde "Stand by me do Ben E. King a "Terrifying" do The Mookees. A questão que nem se quer eu estava pensando em onde eu ia dormir. Pela avenida dancei com um mendigo bêbado que cantava "Alegria alegria" do Caetano, comecei a cantar junto a ele e girávamos um ao redor do outro enquanto umas senhoras cristãs nos olhavam e diziam;

"É o fim do mundo mesmo, Senhor tenha misericórdia"

Uma delas segurou a neta pelo braço e a disse com desaforo;

"É por isso que não se deve beber Bianca, se eu te vejo algum dia assim eu te mato".

Não me importava, cantei mais alto ainda, passei a noite sentado numa ponte vendo os carros passar ao lado do mendigo, seu nome era "Miguel, como o anjo da Bíblia" dizia ele, paguei uma garrafa de Whisky, bebemos e conversamos a noite inteira sobre o amor e desamor das pessoas.

"Olha Max, eu já fui morador do Morumbi, já cheguei a ganhar vinte mil reais por mês, já fui pra Argentina, Itália e Portugal, já entrei nos melhores restaurantes de São Paulo, tive os melhores carros, as pessoas me olhavam sempre com um sorriso de "Esse cara é bacana, homem trabalhador e de sucesso" hoje me olham com medo de que eu as roube, eu não consigo um trabalho porque ninguém vai contratar alguém sem casa, sem roupa, sem condições de comprar perfume pra higiene, eu não sou sujo Max, todo dia pela manhã e pela noite eu entro no banheiro do barzinho ali, e tomo um banho, todo dia lavo uma das 4 peças de roupas velhas que tenho, todo dia eu vou pro ferro velho carregar

peso pra ganha 45 reais ao dia porque é o máximo que consigo arranjar, e sou feliz assim porque um dia minha mãe me disse assim... "Miguel, o trabalho dignifica o homem", dignifica é uma palavra bonita Max, significa engrandecer, e não importa se tô no ferro velho ou numa empresa de boys, meu trabalho é honesto e isso que importa".

Ele era legal, cantamos muitas músicas pela noite, como crianças víamos os carros passar por d'baixo da ponte e dizíamos "esse é meu, o prateado é meu, olha aquele camaro vey!" ao amanhecer fui embora e encontrei uma pensão onde o único quarto disponível era compartilhado, aceitei já que ia passar só um dia (achava eu), porém não esperava que o cara na qual eu ia dividir o quarto era doido, era um homem de uns 30 anos que tinha umas 3 espingardas penduradas no quarto, ele ficava limpando suas 2 pistolas por horas e falava com elas. Eu fechei meus olhos na cama e escutava ele dizer;

"Minha belezinha minha belezinha, como você é linda me dá tesão, canta pro pai, canta! - "lua de prata vim trazer o meu, que foi embora e até hoje não voltou... ""

Dormir o dia inteiro, quando acordei era 17 horas, desci até o telefone da pensão e liguei para Isabel, perguntei se estaria livre, ela disse que infelizmente estava cansada mas que no fim de semana a gente podia sair, aquilo me deu uma tristeza então voltei ao quarto melancólico e me deparei com o babaca do quarto treinando boxe pelado, apenas com um roupão solto, ele olhou para mim e me viu cabisbaixo.

"Qual foi parceiro, tá triste? Quer treinar um pouco?

"Não, valeu."

"Que isso rapaz, conta aí o que foi que aconteceu?"

Ele era meio biruta mas eu precisava falar com alguém.

"Garotas cara, garotas nos deixa assim, gosto de uma mas sei que nunca vou conseguir fazer ela me amar, e agora ela não tem tempo".

Ele parou de treinar e sentou ao meu lado na janela da pensão, olhamos a rua enquanto ele olhava as garotas passar e dizia;

"Olha que gostosa, essa na minha cama me fazia morrer de parada cardíaca, olha aqui companheiro, hoje eu tô comprometido com uma garota mas a gente é homem né, se a gente vê uma gostosa a gente olha, não tem jeito, não dá pra controlar..."

Nunca perguntei seu nome mas o jeito que ele falava das mulheres era sujo, me sentia mal, mas não comentava, ele me contou que ficou preso por 6 meses por bater na ex-mulher.

"É instinto de defesa companheiro, as mulheres são indefesas, molengas e frágeis como um beber, elas precisam de alguém para as proteger, quando elas se alteram dá um bug na Matrix por que é um ser mindinho sendo agressivo, aí seu instinto dispara e você age, você dá umas porradas por que você precisa assumir o controle, mas você a ama, não sou mal ou um criminoso por isso, é instinto de homem, e as mulheres são tipo crianças, não sabem o que querem, você tem que as domar tá entendo?"

Agradeci a Deus por ter livre arbítrio de pensar totalmente diferente dele apesar de simpatizar pelo fato de que ele realmente queria me ajudar, de que ele realmente se importou com meu drama, ele não era mal, só confuso em seu mundinho pequeno e torto.

"Como eu queria bater agora a porta dela, a estender a mão e chamar pra sair sem preocupações cara"

"Companheiro, tá esperando o que? que caia flores do céu, vira homem cacete, se lamentando assim ao invés de agir até eu se fosse uma mulher não iria te querer, vai atrás da novinha cara!"

A forma rude e machista na qual ele falou era um pouco vergonhoso mas fazia sentindo, AQUILO novamente se grudou ao meu peito então me troquei e partir a encontro dela, a pensão se localizava no autódromo, o porquê eu fui alugar uma pensão tão longe, não sei, estava chapado e perambulando sem rumo na noite anterior, até a casa dela eram três baldeações de metrô e mesmo assim ali estava eu, indo convicto e enervante. As 22 da noite bati em sua porta com uma cadeira de praia que comprei no shopping de Jurubatuba, ela abriu com outro pijama, agora um cinza.

"Vamos pra praia?" - perguntei a ela com um sorriso e uma forte transpiração.

"Agora?"

"Amanhã é muito tempo".

"Tá doido, eu trabalho amanhã!"

"Falta, vamos no hospital, você diz que tá com alguma dor e pronto, pega um atestado".

"Não sei não baiano, praia a noite, tá frio".

"As estrelas são as chamas da alma, vamos guria, por favor!".

Saímos da casa dela as 23 rumo ao Guarujá, ela dizia "me deixa pegar uma roupa primeiro, tô de pijama" - eu imediatamente a puxo pela mão dizendo que ela está linda, então corremos até o elevador com aquele espírito alegre e juvenil que dizia "deixe a noite nos guiar", Isabel queria

pedir um Uber mas qual a graça disso? A convenci em ir de metrô e observar as luzes da cidade, por que as pessoas nunca reparam nas luzes?

Em duas horas estávamos caminhando pela praia, toda brisa de uma deserta vastidão de água e areia está diante de nós e era só nosso, nos entorpecia suavemente de uma friagem aconchegante, como seu cabelo voava! Eu lhe contava uma velha história que ouvir sobre um peculiar homem que se apaixonou pela lua. Sentamos nos infinitos grãos de areia enquanto contávamos um ao outro nossos medos, velhas história que vinha a mente, doces lembranças de anos atrás e besteiras quaisquer que surgia a cabeça;

"Se eu fosse uma fruta, qual seria? - a olhei rindo de forma analítica e pensei."

"Uma laranja."

"Por que uma laranja?"

"Isso não fazia parte da pergunta guria!"

"Agora faz e diga logo, acha que você tem alguma vontade aqui rapaz, você bateu a minha porta as dez da noite!"

"Ok ok, a laranja é doce e suave, mas ao mesmo tempo é chatinha de descascar."

Ela me bateu no ombro enquanto eu caia em gargalhadas e ela falava "IDIOTA!".

"Fiz um poema pra você ontem."

"Sério! Quero ouvir, como se chama?"

"Não sei aínda, talvez... O invisível."

Na verdade esse não era o poema, mudei pois me acorvadei em me declarar, o poema seria "Campos de Tangerina", eu havia escrito aos meus 17 anos no auge de minha paixão e guardado em meu peito até os dias de hoje para lhe resitar desaflorando o meu amor aos sete mares.

"Tô ouvindo..." - diz ela me encarando lépida.

"Eu me sinto invisível e eu quero ser invisível
Nesse mundo repleto de cores e caos
Porém eu também quero ser visto em minha invisibilidade
Cansei de ser julgado estranho pelos que podem me ver
Já não sei se sou realmente louco
Ou sou único que ver que o mundo é um hospício
Então eu desejo ser invisível
Mas por favor, em minha transparência, olhe para mim
Então andaremos zigzagueando pelas cores do mundo"

Limpei uma lágrima que escorria de meus olhos pois me sentia em um vaco, ela estava ali cara, ao meu lado, por que sou covarde? Por que tenho medo de ser eu mesmo perto dela? A cada segundo desapareco e me perco nas selvagens ondas do mar que atormentam essa maldita sensação de vulnerabilidade, e eu sei que estou dando voltas e voltas mas estou perdido no vento.

"É lindo, lindo como essa noite"

À abracei calorosamente pois foi a forma de fazê-la sentir uma parte de meu amor. Então pus-me de pé, rasguei minha camisa como um bobo.

"O que está fazendo?"

"Caindo na água, não é óbvio!

"Tá doido! E se ter algum bixo?".

"Eu peço gentilmente pra ele deixa a praia pra gente, vamos lá"

A puxei novamente pelo braço enquanto ela resistia, então a peguei pelo colo e a levei até o mar enquanto seus risos se misturava ocasionalmente com gritos manhosos, a joguei na água e a vi seu rosto se fecha como uma criança entristecida. "Tá tudo bem?" ela não respondia e tampava o rosto como quem não gostou da brincadeira, cai em mim e pensei se fui longe demais, "Isabel, Foi brincadeira." Me aproximei e então aquela rajada de água veio a meu rosto junto com suas doces gargalhadas.

"Vou me mudar semana que vem, no sábado à noite."

"Pra onde?"

"Fui promovida, querem que eu vá passar um tempo em santa Catarina, de lá vou fazer um intercâmbio de 5 meses em Portugal."

Um fatídico azul derramou-se sobre mim porém eu sorrir falsamente e a disse;

"Parabéns! Que incrível, isso foi sempre o que você sonhou, viajar, sair do Brasil... tô orgulhoso".

"É né... acho que foi o que sempre quis mesmo".

Voltamos para casa às 5 da manhã em um ônibus cheio, ela com um pijama molhado e eu sem a camisa, rindo de todos que nos olhava com feições confusas. A deixei em casa e voltei a pensão onde o vizinho maluco treinava lançamento de facas, simplesmente achei normal e não me importava mais.

"Oi, meu companheiro, comeu a novinha? Conta como foi porque a noite deve ter passado rápido e pelo visto até a camisa se perdeu".

"Não transamos cara, eu nem sequer consegui dizer que gosto dela, fomos a praia".

"Como assim não falou que quer ela, pra um escrito que domina as palavras você não sabe dizer um "eu te amo"".

O pior que ele tinha razão. Me dirige a cama e apaguei.

Eu e Isabel passamos a semana inteira juntos, juntos numa ligação idêntica aos tempos da juventude, isso até aquilo acontecer apenas 3 dias antes dela viajar, uma briga estúpida e idiota por falta de maturidade de alguém mimada. A alma humana necessita de profundidade cósmica e do besteirol enérgico, a profundidade geralmente encontramos sozinhos e o besteirol em outras pessoas, quando levamos o besteirol de forma profunda sempre tende a da merda, e meu erro foi acha que ela assim como eu estava brincando. Falando daqueles execráveis assuntos de indústria pop atual, eu citei como a certas artistas fazia um som mais honesto e minimamente mais legal que a outras na qual ela idolatrava como divindade, uma artista simpática mas de som plástico, chato e desalmado. Para Isabel doeu como se eu batesse na mãe dela.

"Você nem liga para indústria pop e tá falando merda, ela é mais bem avaliada e Revolucionária para indústria musical, a outra é uma nazista idiota!"

Ela tinha a mania de difamar o que ela achava ridículo ou ia contra suas ideias, muitas vezes passava do ponto, nisso ela não mudou muito.

"Vai com calma, revolucionário é Beethoven, é Bob Dylan, relaxa! e você não devia levar a sério agregadores de notas, hoje em dia não há relevância".

Se antes parecia que eu tinha batido na mãe dela agora a espanquei, e meu erro foi acha que eu estava batendo num boneco inflável e fazendo piada. Ironicamente ela riu, não de um jeito bom.

"Você definitivamente não sabe nada sobre cultura pop, A.G é lembrada pôr em menos de 10 anos mudar a imagem de atriz da Disney pra popstar que quebra recordes de stream e premiações e ninguém sabe quem é esses Who esquecidos no churrasco".

Continuei achando uma discussão divertida mas tempos depois revisei a conversa e me irritei com o fato de que para ela enaltecer seus ídolos ela menospreza os dos outros, ela sempre teve essa mania estúpida, o que me enraivece.

Eu finalmente percebi que era sério, ela estava muito puta com a conversa, mas por que? Por que as pessoas atualmente acham que são amigos íntimos de seus ídolos, por que as pessoas adoram idiotamente a pessoa em si ao invés da sua arte como objeto de transformação. Quando tentei dizer isso a ela, que a arte está presente no fato de ter algo a dizer e dizer de uma forma transgressora e não nas vendas que se tem, ela fingia que não me escutava e cuspia facas de sua boca.

"De que adianta saber teoria musical e não saber porra nenhuma de atualidades, não se mostra ser cult e sim desocupado.

Sentir que ela queria dizer que pago de intelectual e finjo ser algo que não sou, o que me irritou pois ela me conhece o suficiente para saber que é mentira e mesmo assim ela disse, então a respondi seco;

"E saber atualidades sem saber o contexto não é ser Pop, é ser desinformada".

"Não amigão, isso é ser jovem! se achar melhor por saber um pouco mais, e superior por gostar de músicas ultrapassadas só pra pagar de cult é ser idiota, você passa a mesma credibilidade que um louco".

Essa última frase me fez a odiar pois me desbloqueio uma gama de memórias ruins, porque as pessoas encistem em dizer que eu sou velho, que tenho alma de velho, que tenho que ser jovem, essas mesmas pessoas tolas não sabem o significado de juventude, mórbidas e tristes almas andarilhas de suas próprias bolhas sociais, ser jovem não é gostar do que todos gostam, usar o que está moda e fumar até cair chapado na rua. Elas não sabem que ser jovem é amar a vida e a coisas boas ao nosso redor, como diz o Bob Dylan, algumas pessoas se molham enquanto outras sentem a chuva, e ser jovem é sentir o universo.

"Quão embriagada é a juventude das luzes acessas, a juventude que sabe tudo dentro das grades de seus quartos, os inocentes sem culpa, os tais jovens que se molham na chuva, essa é sua juventude. não tá errada, mas é diferente da minha".

Então assim acabamos nossa conversa, tive a certeza que nunca daria certo, ela era diferente demais, não tinha contato com o mundo real enquanto eu não queria sair dele, se engajava em profetas unilaterais de política enquanto eu não me importava com nenhum deles e sim as pessoas que realmente vivem e amam, ela se fixava em artistas pop de rostos bonitinhos que faziam músicas plásticas de três minutos enquanto eu buscava transcender em arte que criasse um sentido pros buracos negros na rua, e agora sempre que penso nela tenho remorso.

Passei 2 dias sem falar com ela, ela não ligava também então achei que isso ia acabar assim, novamente perdido no vento. Comprei uma garrafa de conhaque e me tranquei no velho quarto de pensão pensando que no dia seguinte ela iria para Portugal me odiando. Eu era uma planta murcha que achava que tinha toda terra ao meu comando até perceber

que algumas folhas estavam caindo. O companheiro de quarto entra e me vê catatônico em álcool e tristeza.

"Qual é companheiro! Reage homem, a muitas putas em todo lugar, vai comer alguém.

Ele era insensível, não sabia falar com ninguém e por isso não tinha um amigo sequer, ele irritava pelo jeito de falar e pelo jeito de como se referia as pessoas, era arrogante e soberbo.

"Por que você é assim hein? Eu juro que tento e realmente tento ser legal com você cara, mas não dá, toda mulher pra você é vagabunda, todo jovem é um merda, todo velho é um idiota, do que você gosta mesmo, por que é assim? Por que tenta se provar macho? ninguém liga!

Vi aquele homem fugaz que sempre tem uma resposta irônica na ponta da língua murchar em um sorriso sem graça, cogitei que ele iria brigar comigo, acho que eu queria que ele brigasse comigo, mas não foi isso que ele fez.

"Eu li seus poemas quando você não estava, você tem talento".

"Mexeu nas minhas coisas?"

"Você não guardou direito então a culpa é sua".

"Você é inacreditável, achei que você só sabia limpar essas armas idiotas".

Ele se sentou na cama, achei que enfim iria se calar com raiva de mim.

"Você tá enganado, eu não acho que toda mulher é vagabunda, eu sei que minha mão era, ela era um anjo cara, me lembro que meu pai bebia e vinha bater em mim e em meu irmão, ela entrava na frente e o

enfrentava, ela não era tão forte então apanhava, mas no fim, ela não deixava meu pai tocar em mim ou no meu irmão."

Ele acendeu um cigarro enquanto se levantava da cama e senta numa cadeira de frente a janela.

"Você fez um poema que eu gostei muito, mesmo sem entender, é confuso mas é bonito, acho que se chama a garota que assassinou o homem ou algo assim, me lembrou minha garota, cara! ela é incrível, e você tá certo... eu não sou uma boa pessoas e não finjo ser, ontem nós brigamos e eu novamente a dei uns murros, ela foi embora e disse que nunca mais ia olhar em meu rosto, me sentir tão bem quando a bati cara, eu era poderoso, eu era o dono dela, mas depois me sentir como se a tivesse perdido eternamente e então pensei em qual é a graça da vida sem ela, e então fiquei triste, era como se eu boiasse como uma merda no rio sabe, que não afunda e só fica pra lá e pra cá até desaparecer, eu era a merda. Então hoje fui atrás dela e a pedi desculpas, a dei flores, ela aceitou e logo transamos, ela aceitou por que ela sabe que eu sou um vagabundo e eu sei que ela é uma arruaceira, não nos importamos e só queremos que tudo se foda, ela é perfeita pra mim e por isso que ela volta e também é por isso que eu me arrependo, merda a gente faz sempre mas temos que ter cara de pau de ir lá consertar sabe? Tudo é uma grande bosta, mas se ficarmos pensando na bosta que tudo realmente é, tudo vai parecer uma merda que não devia ser".

Aquele homem se abriu para mim, e isso me fez me sentir mal, uma culpa que pairou sobre mim, vergonha.

"Me desculpe por ter falado rude contigo, eu não devia mas é que estou cansado".

"De boa, mas o que você vai fazer em relação a sua garota?"

"Amanhã ela viaja, e eu não quero brigar com ela nesse momento e não sei qual vai ser a reação dela em me ver então... deixa quieto".

"Você que sabe companheiro, mas se fosse eu... eu iria lá complementarmente sem vergonha nenhuma."

Toda a noite passou como um martírio sobre minha cruz, aparentemente agulhas grudadas aos meus olhos me impediam de os fechar e quando eu fechava eles doíam, e quer saber, ô ódio que sentir, aquela angústia que marretava meu corpo, fiquei enérgico, bebi 5 xícaras de café e quando o sol bateu a minha janela não deu outra, corri até ela, voei e voei atrás de seus lisos cabelos, enfrentei duas baldeações de metrô e uma de ônibus, meu ônibus foi assaltado por um moleque perrincha que fiquei com muita vontade de lhe dá um pescotapa mas a sorte é que ele tinha uma arma aí eu estava jogando contra uma gigante e preferi não entrar em campo, desci do ônibus peguei outro porém na presa esqueci minha carteira e só tinha cartão, estava sem trocado, falei rapidamente sobre o assalto e o motorista não acreditou e me mandou desce logo eu gritei com ele o que o fez me xingar de caloteiro então o chamei de "Jumento capado do Caraí", ele se levantou e queria cair no soco comigo nisso perdi uns 10 minutos e no fundo tinha pessoas gritando "BORA LOGO MOTORISTA, EU TRABALHO - MATA ELE MOTORISTA -QUERO IR PRA CASA - É BRIGA É BRIGA - EU APOSTO NO CALOTEIRO - SANGUE DE JESUS TEM PODER", essa última frase era de uma senhora que começou evangelizar enquanto eu via aquele motorista de 1.74 com cerca de 105 quilos vindo pra cima de mim, reparei que ia apanhar então desci enquanto gritei "SEU GORDO DO CARALHO!", O gordo, digo... o motorista desceu do ônibus e me perseguiu na rua por menos de 4 metrôs e já começou a fadigar, imediatamente corri até uma avenida onde tivesse um ponto de ônibus e descendo uma escada, bem ali naquele fim de mundo em algum lugar de Santa Cruz a peste de uma menina, digo... a doçura de uma menina estava chorando porque tinha perdido sua avó no shopping, perguntei como pois o shopping ficava uns 30 minutos dali, ela falou que ficou andando pra tentar a encontra. Pensamento burro de uma criança mas tudo bem, criança geralmente é burra e as vezes penso que quero ser tão burro quanto uma criança, aí tudo seria mais fácil e eu não estaria nessa situação, o incrível é que nenhum filho de Deus tinha parado pra perguntar a essa...! criaturinha de Deus, se ela estava bem, agora lá está eu levando essa menina pro shopping a pé porque não tinha dinheiro pro ônibus, ela tinha 9 anos, pensei que sua avó devia tá tendo um ataque do coração e dependendo da idade seria até perigoso e como já estava com presa peguei aquela criança joguei nos meus braços e corri, reparei que ela não calava a boca, eu estava preocupado por ela e todo hora ela falava que a mãe tinha feito aniversário e tinha um presente pra da só que a mãe estava no hospital e ela não podia ir e está triste, o pai dela estava com a mãe e a avó ia comprar a lembrancinha, ela perguntava da minha mãe dos meus tios, dos meus filhos, do meu CPF, juro! Ela realmente perguntou meu CPF porque ela tinha o poder de decorar números eu falei vários números aleatório e ela repetiu tudo errado, "acertei?" - "Sim garota acertou acertou!" Respondi na pressa.

"Você me parece com pressa."

"Não não, só tenho fetiche em correr no meio da rua carregando uns 45 quilos nos meus braços".

"O que é fetiche?"

"Pesquisa depois".

"Tenho a sensação de que você está com pressa!"

A peste, digo... a garota era uma máquina gente! Por que uma criança quer saber o porquê o limão é azedo? E quem sabe responder o do porquê o limão é azedo? Chegamos no shopping em 15 minutos, e eu

perguntava pra todo idiota, digo... pessoa que eu via, tô enérgico, não raciocínio mais direito, a criança burra estava mais inteligente que eu e me deu a ideia de falar com o segurança pra olhar as câmeras, mas antes ela olhou-me e disse;

"Eu acho que você tá realmente com pressa, eu posso te ajudar?

Olhei a aquela criança que teoricamente poderia ter sido raptada sem minha ajuda, que estaria perdida e assustada sem minha ajuda, que dependia de mim naquele momento, vi ela se colocar numa posição de querer me ajudar. Sentei me no banco do shopping e chorei, ela se sentou ao meu lado e me abraçou.

"Oh tadinho, tá triste! Me conta o que aconteceu.

Limpei meu rosto e desabafei com uma criança de 9 anos.

"O que acontece é que quando você cresce tudo fica mais difícil, agora é fácil pra você porquê você é burra e sem preocupações pois tudo tá ok, você toma seu Nescau e joga seu joguinho de celular pois não tem intelecto pra ler um livro pois como falei você tem o privilégio da burrice infantil, mas um dia você vai começar até algo chamado consciência e devido a isso vai ter um vazio inteiro dentro de você que chamamos de solidão você vai tentar tirar isso de você com cachaça, sexo, festas e drogas mas já vou te avisar que não vai dá certo porque na verdade esse vazio é eterno ele não sai de você e você tem que aprender controlá-lo, se não depressão na cara, aí você se apaixona... nossa ô amor! Amor o caralho, seu amor vai ser o oposto de você porque aí vai uma pedrada, alma gêmea não existe garota, desencana disso logo! Não existe ninguém como você o que é bom e ao mesmo tempo uma merda, perdão pelo palavrão mas é a verdade e é pior, pois, o cara que você vai gostar não vai gostar de você e você é a puta de uma covarde que não tem coragem de falar que gosta dela aí é "oi amigo! Olá, amigo! Você é um ótimo amigo", e amigo é o caralho! Ai vocês brigam por idiotice dela pois ela não tem maturidade o suficiente pra ouvir opinião diferente aí você se sente mal escuta um cara doido que gosta de armas e de alguma forma inconcebível ele é sensato e te faz ter um estalo pra sair de manhã brigar com um gordo de um motorista quase ser assaltado por um d'menor e encontra uma criança que não cala a boca e ter que desabafar com ela sobre a garota que ama e que vai perder pois ela está saindo do país ou viajando amanhã, entendeu?

Cuspi tudo como uma metralhadora, no fim só pude ver o rosto perdido da criança.

"Entendi que sou burra".

"Perdão, não deveria ter falado assim".

"Olha se você ama ela vai da tudo certo, só tem que dizer uai!"

Além de tudo a criança era mineira, era uma boa criança, tinha um coração grande pra acompanhar o tamanho da língua, fomos até a segurança que contatou um segurança que contatou outro segurança que estava com uma senhora aos prantos que tinha perdido a neta e BIMBA! Era ela, fomos até lá e a senhora me assediava de tanta alegria e agradecimento, até a menina dá um mingue porque não conseguiria entregar o presente da mãe, a avó a mandou esquecer e entregar depois aí o burro, idiota e estúpido aqui se ofereceu pra levar no hospital São Paulo, e pasmem, era uma Air Fryer, quem compra uma Air Fryer pra dar de presente como uma lembrancinha? A velha me deu 50 reais de agradecimento e lá vai eu com uma Air Fryer de 6 quilos acho eu, até o metro, desço do metro nas escadas rolantes morto de cansaço, entro no hospital e pergunto pela paciente e então um segurança negão chega em mim e diz que não posso entrar no corredor com a Air Fryer e que não sou da família pra piorar, lá vamos nós fazer um escândalo no corredor

do hospital até chegar uma pá de gente ao redor, e cada frase que eu falava se fazia um silêncio e ouvíamos um gemido de alguém que estava morrendo de dor, e em nenhum estante larguei a Air Fryer, até soltei o nome da criança, esqueci de falar mas era Valéria, então escutei um;

"Pera aí, Valéria é minha filha".

O pai era um careca que estava a 10 minutos observando a briga, entreguei a Air Fryer e sair do hospital andando e de cabeça erguida para aquele segurança arrogante, quando cheguei na porta corri desesperado até o metrô, voltei a santa Cruz onde estava Isabel, peguei novamente um ônibus até seu AP, ela estava na rua colocando umas malas em um carro, cheguei nela parecendo um mendigo.

"Max! O que aconteceu?"

"Pera aí você não ia viajar amanhã à noite?"

"Vou passar meu último dia com minha família, chamei um Uber".

"Ok, eu passei o inferno que o diabo amassou pra vim até aqui, tô virado, sem comer nada, fiz uns 10 inimigos pra te dizer que foda-se A.G ou seja lá quem for ou quem quer que seja pois você não é amiga deles, eles não te conhecem, vocês não são íntimos, ela não sabe da sua existência e ela tá pouco se importando com você então que diferença faz? Se a arte dela toca em você de algo forma ou te inspira, isso é ótimo, pois a arte de muitos artistas mudou minha vida, mas eu não sou amigo deles eu sou seu amigo e não vou brigar com você por causa de ninguém tá me entendendo?"

Ela demorou um instante pra processar e na verdade ao me ver ela já ficou feliz então ela riu e me abraçou.

"Você tá fedendo!"

"Longa história".

"Me ajuda a carregar as malas?"

"Já tô fudido mesmo".

Carreguei as malas sozinho, a levei até o carro, nos despedimos já com saudades e então chegou a hora, já se passou tempo demais de sentimentos escondidos, meu peito se vibrou de calor e eu poderia gritar por 1 hora que a amo, então a olhei nos olhos e disse;

"Você é especial para mim sabia? Eu eternamente serei seu AMIGO!"

"E eu sempre estarei disponível pra suas loucuras, você é meu melhor amigo Ever!"

Ela entrou no carro e se foi, se foi como os pássaros que migram ao frio, se foi me deixando em meu inverno de insegurança, ela se foi me revelando minha incapacidade e minha vergonha, ela se foi serena e linda como a noite e eu a observei de longe como um mero ninguém, um vagabundo jogado às ruas, um homem sem nome nem face, repleto de melancolia e sentindo toda a energia se esvair com o chegar da noite, sozinho, sempre sozinho.

Parte 9

Aos meus 7 anos de idade em 2013, me lembro que eu ficava horas sentado na frente da casa do meu avô, ele colocava um de vários gatos entre as pernas e ficávamos conversando sobre a vida de quem passava, me lembro que um dia vi um homem que de certa forma era recorrente sua passagem por ali já que que ele morava na roça e logo perto da residência de meu avô havia um ponto de ônibus, era um cowboy triste, não tinha mulher nem muitos amigos, quase não falava, ele entrava no bar do Arnaldo, o melhor e mais famoso bar da região e pedia sempre uma garrafinha de pinga e suas compras básicas de alimento. Ele passava por nós e dava um reprimido boa tarde. Um dia perguntei a meu avô o porquê ele era assim... triste, meu avô nunca gostou de falar sobre "esse tipo coisa específica", meu avô era um típico macho da roça apesar de ser dominado por minha avó. Ao me contar a história do homem de uma forma rude e crítica até, uma brisa fria e amedrontadora tomou conta de meus pensamentos, pensei na história por 5 noites seguidas e ainda me espantava com o relato.

O nome do cowboy era Aldeon, tinha 4 irmãos e vinha também de uma família caipira de cowboys, mas ele era diferente dos outros, ele se arrumava e se perfumava todo fim de semana para ir com seus irmãos a cidade festejar e cortejar garotas, era simpático com as mulheres e animais, não os agredia como escravos mas falava com eles, garotas então deixaram de o interessar quando ele conheceu um certo amigo, nisso ele tinha já seus 18 anos de idade, esse amigo morreu em um rodeio anos depois, se chamava Lindomar, eles eram inseparáveis, Aldeon nunca teve jeito pra roça mas Lindomar o ensinava com paciência e ele aprendia, eles bebiam juntos, caçavam juntos e trabalhavam juntos, então Aldeon se apaixonou por Lindomar e em uma tarde ele tentou o beijar e

se declarar, Lindomar o chamou de aberração e correu como se aldeon fosse um monstro.

O coitado se encheu de tristeza, certo dia voltava da cidade após fazer umas compras para a mãe quando viu 5 homens o parando na estrada, entre eles estava Lindomar e seu próprio irmão mais velho. Eles o pegaram e bateram no rapaz, foram 5 contra 1, covardes! Dizem até onde circula as línguas que Lindomar puxou uma faca e rascou a calça de aldeon logo após eles o caparam e o deixaram jogado no mato, Aldeon não conseguia chorar, então se espalharam os boatos da Bicha da roça, o marica.

Como eu era uma criança, imaginei o sofrimento empaticamente daquele homem sendo surrado e tendo suas bolas arrancadas e tudo porque ele gostava de um cara. Então o crucificaram por ser ele mesmo, o fizeram viver uma vida sem sentido, uma vida sépia e incolor, o fizeram viver como se dentro dele houvesse um monstro escondido, ele era um leproso aos olhos de quem o via.

Hoje é 09 de outubro e eu estou em um caminhão de transporte com mais várias pessoas que não conheço sendo levado para o Mato Grosso, para onde exatamente não sei, porém lá estou indo eu. Então olho pro garoto ao meu lado e vejo aquela mesma tristeza em sua alma enquanto me ele dizia oi.

Após os ocorridos em São Paulo decidi partir no dia seguinte, me despedi do louco vizinho de pensão e de mais ninguém, em um bar esbarrei com um caminhoneiro que disse que transporta clandestinamente um pessoal caipira pro interior do Mato Grosso do Sul para trabalhar em fazendas, pedi pra ir junto e ele cobrou 70 reais, naquela altura eu tinha um problema, os meus 9 mil havia se tornado menos de 400, agora eu tinha que racionar meu dinheiro. Fui com o caminhoneiro e partimos na aurora do dia.

Aqui nesse apertado e calorento caminhão coberto por um pano branco entra 4 novas personalidades a minha jornada. Ramona, ela é uma dançarina de barzinhos e boates das periferias e subúrbios, é boliviana com um sotaque mexicano, ela dizia que era o charme dela, era bronzeada, linda e tinha uma vivacidade de gingado inquieto, sempre falava, sempre se mexia, sempre soltava um ignorante rápido "Hum!", tinha o Louco Bil, assim como eu ele ficou gamado em Ramona mas ele era... como posso dizer, excentricamente feio e pirado, era calvo aos 26, mas um calco bem avançado se você me entende, e além de ser calvo tinha pouco cabelo loiro na cabeça o que o fazia parecer mais velho. era muito baixo, cerca de 1,60 e não tinha o dente central esquerdo da parte de cima da boca. Ele era cantor, sempre andava com uma viola apesar de amar guitarras, ele era muito bobo e até tarado demais o que fazia as pessoas o chamarem de "Bilifei, camundongo" ou só "o feio".

O último era justamente Ryan, garoto triste e pálido demais que me dera um oi, quando o via eu queria o estender a mão e dizer tô contigo cara, pois claramente ele tinha seus problemas, era o mais quieto ou o que se fazia ser invisível, isso até me dizer oi, então automaticamente o puxei para o grupo.

Passávamos de interior a interior por rotas extremamente suspeitas até chegar numa cidade chamada Porto Rico que dava acesso ao rio Paraná, lá uma balsa atravessou o caminhão e partimos já ao entardecer até a cidadela chamada Taquassuru, lá não havia nada impressionante, no caminho o feio Bil tocava e tocava e tocava incessantemente seu violão com velhos countries e blues americano que ele amava, dizia querer ser um grande cantor reconhecido mundialmente e que um dia ainda seria, não podia perder a oportunidade de tentar apalpar Ramona que o estapeava todas as vezes, e logo Ramona que achava Ryan fofo, desabafa com seu jeito latino irritado o que o vazia rir e soltar uns "É sim - uhum!

Entendo!". Quando o sol decidiu dá um tempo da gente, e as estrelas se interessaram por nós, Bil afinava seu violão e dizia.

"Ei Ramona, se você fosse um violão eu te afinava todo santo dia sabia!"

Ela mordia seximente os lábios e sorria retrucando.

"Hum! Y si tu fueras un tambor, eu aseguraría de tocar-te todos los días "

"Eu gosto das malvadas sabia?" - Ramona caia em gargalhadas.

"Se veja hombre, estoy caliente y tú eres un gnomo de jardín "

"Se a vida fosse fácil ela não seria tão excitante!"

"Oh mi padre, eu lo merezco isto Ryanzito, eu lo merezco?"

Ryan ria, os outros no caminhão nos odiava e constantemente alguém gritava um "CALA A BOCA", mas não tinha coragem de enfrentar a Ramona então não dava em nada.

Aquela noite de 10 de outubro foi uma das melhores e mais loucas noite da minha vida, tudo começou quando o caminhão quebrou perto da cidade que eu havia falado, Taquassuru. Nisso tivemos que passar a noite na cidade até a manhã seguinte pois o motorista ia chamar um mecânico. Nisso fomos até um bar de beira de estrada que estava movimentado devido a uma festa de despedida de alguns jovens que iam terminar a faculdade, eram moleques inconsequentes que queriam curtir antes de entrar na merda da vida padronizada pelo estado que os força a acreditar que o esforço de hoje será o lucro de amanhã, bobagem! Irão se matar 40 anos pra ter uma casa, algo básico e mesmo assim ninguém percebe o como isso é tudo bobagem.

Quando entramos no bar nos deparamos com cervejas Chiquititas de riquinhos chatos, o som tocava um sertanejo universitário xexelento enquanto a bandinha do grupo se preparava para tocar seus bregas idiotas de amor dócil. Estavam todos sentados e rindo e ninguém dançava, as garotas com as bundas grudadas em bancos de madeiras e os garotos em pé com seus sapatênis, quando vimos aquilo tínhamos a certeza de que fomos enviados ali para bagunçar tudo, chacoalhar o espírito daqueles jovens de terninho.

Ramona imediatamente foi até os jovens e começou a dar lições enquanto os seduzia para pagar sua cerveja, ela os fez beber cachaça e Brahma enquanto os oferecia alguns tragos de sua maconha boliviana que vinha com algum ingrediente especial que fez todos ficarem pirados, ela chamou um dos engomadinhos para dançar um tango intenso e contagiante que todos aplaudiam ao balançar do seu quadril, as ariscas garotas se sentiram no dever de representar a juventude e logo todos estavam dançando. então sentíamos o fogo no ar, Bil dispensou a bandinha e pegou a guitarra, cara! Naquele momento eu sabia que o mundo iria acabar. No ar enfurecia as ondas sonoras de um Boogie Wooggie Boogie que fazia as garotas pirarem, os garotos se chacoalhavam e agarravam as garotas ao som daquela guitarra, então a bandinha se tornava uma banda de verdade ao acompanhar com um baixo trovanesco, uma bateria demoníaca e um gaiteiro perrincha e fraquinho que se você o visse não daria nada por ele, mas quando ele soprava a gaita meu amigo! Poderia tá ocorrendo a terceira guerra mundial e ninguém ali estaria se importando, o feio ficava bonito quando sua guitarra eletricamente soava os acordes celestiais que subia aquela tensão sexual e louca no ar, eu suava e suava enquanto me encoxava nas garotas e em Ramona. E o BOOGIE WOOGIE BOOGIE BEE comia solto, até o Feio Bil vim com um solo enervante TRUMM PARUM TICTICTIC TA-TUM que crescia e crescia, então as garotas se tremelicavam tinindo como uma epilepsia e quanto mais o feio Bil enervava mais elas se debatiam chapadas como se estivessem em um ato sexual e a bestialidade animal assumisse o controle de seus corpos e o som ficava cada vez mais alto.

Ramona tinha uns 30 anos e tinha um gingado que as outras não tinham, quando o solo acabou Bil tomou uma água e voltou pro palco e gritou;

"TODO MUNDO TIRANDO A ROUPA AO SOM DO ROCK AND ROLL!"

Dessa vez eu conhecia a música, era Maybellene, porém ele tinha um jeito jovem, enérgico e compulsivo que era um vírus, um parasita, ele era o melhor de todos os tempos, deixava Jimi Hendrix, Chuck Berry, Eric Clapton e Keith Richard no chinelo perto de seus solos Improvisados com seus TRINK TRINK BOGGIE BOOM! Era tão louco que quando percebi todos estavam tirando as roupas e jogando em cima do Feio Bil, nem ele acreditou em ver aquele bar com cerca de uns 22 jovens pelados e se sacudindo. O dono do bar tentou de início parar, mas ao ver tantas garotas nuas ou de roupas intimas ele acabou gostando. Em sequência Bil tocou Johnny B. Goode, Twist and Shoult e Tutti Frutti, o engraçado é que não sabia muito inglês e todas as letras saia em um idioma completamente alienígena e ninguém se importava cara! Estávamos todos numa cósmica viagem ao paraíso.

Mais engraçado ainda era que os jovens nunca escutaram esses tipos de músicas, e provavelmente as drogas e as bebidas ajudaram, mas aquilo foi uma loucura, há menos de 1 mês atrás eu era virgem e agora estava beijando 3 garotas de uma vez. No fogo que se espalhava vi Ramona vim em minha direção e me agarrar enquanto o dono do bar gritava já chega quando viu que os jovens começaram se pegar, aí um jovem chamou todos para sua casa e então fomos, vários deles já chapados esqueceram que estavam sem roupas e foram pelados em

mutirão nos carros. Fomos parar numa fazenda onde imediatamente Ramona me puxou junto a Bil para um quarto que deveria ser da irmã do jovem dono que nos chamou pois era todo rosa e a cama de solteiro, e cara! nunca tinha visto peitos mais bonitos. Isso me fez ver como o sexo é um prazer divino que deve ser apreciando como uma dádiva cosmológica, são duas almas queimando em prazer intenso onde se saciam em choques de energia de um corpo para o outro até se tornarem um ser antropofágico, que sensação! Era um bale de fiações elétricas. O sexo é tratado ou como uma droga pífia para os idiotas pervertidos que só querem transar sem entender toda aquele ritual mágico ou então é tratado como uma papelada de leis de uma firma da advocacia pela velha guarda que praticamente trata o sexo como um criminoso que não pode ser nomeado. Um idiota alimenta o outro no fim de tudo. Só sei que enquanto o mundo estava ocupado existindo, eu Ramona e o Feio Bil Fazíamos a cama tremelicar.

Quando as névoas fervilhantes da floresta se esvaíram, dividimos um cigarro enquanto relaxávamos numa conversa mais profunda que foi o que realmente nos uniu, acho eu, ali deixamos de ser estranhos simpáticos para sermos simpatizantes um do outro.

"Espero que lo hayan disfrutado meninos, isto nunca va a volver a suceder"

"Admita que você adorou" - provocava Bil sentado numa cadeirinha infantil ao lado do carpete da cama.

"Hum! No fue de todo malo, pero eu visto mejor y bien... Mucho más grande también".

Ramona estava atravessada no meio da cama e eu estava na cabeceira com meus pés em suas costas, me pronunciei também.

"Eles tinham armas melhores, mas nós somos exímios atiradores, e isso você não pode negar".

Ela ria de nós "Oh, Dios mío, un boy nerd y un cantor feo, dónde eu cheguei?".

Senti Bil murcha, ele nunca se importou com as piadas mas naquele momento havia o atingido e Ramona também sentiu.

"Vamos, hombre, es una piada. No debería levar isto en serio "

"Eu não levei, do que está falando?"

Ele riu forçadamente pra tentar esconder o constrangimento, tava na cara.

"Não precisa fingir cara, se algo te incomoda só fala, não estamos aqui pra julgar nada".

"E que... eu sei que sou feio, não pedi pra ser assim mas sou e eu me aceito, na maioria das vezes nem ligo, até esqueço que sou feio, só que as vezes é meio triste, nenhuma garota me quis estando em sã consciência, ou só queria pra fazer sexo, ninguém nunca quis ficar comigo, geralmente eu sou a piada de onde estou, tomei pra mim esse posto de bobo da corte mas as vezes penso nisso... por isso quero ser um cantor famoso, aí vou ter todas garotas que eu quiser, as mais bonitas do Brasil e do mundo, aí eu vou poder escolher.. não! Vou ter todas ao mesmo tempo, vai ser insano!"

Ele diz genuinamente de forma inocente, normalmente diria que é um sonho meio fútil mas nunca passei pelo que ele exatamente passou, não sou ele, não posso julgar.

"Por que se importa tanto pra mulheres e sexo cara?"

"Como assim? é o que move tudo né, todos querem sexo ou ter uma garota pra chamar de sua, quando você tá fora do grupo você é o fracassado".

"Qué idiota!"

"Por que me acha idiota Ramona?

"No ves cómo hablas? Dices que quieres a todas las gurias al mismo tiempo, piensas que el sexo es tu Dios, pero el sexo sin sentido es como un chiclete, después de tres minutos pierde su sabor".

"Do que tá falando? Quer dizer que isso que tivemos não foi bom?"

"Esta transa no so fue buena para el sexo, fue buena porque te admiro, si no, ni siquiera hablaría aqui, no se trata de lo físico, sim de lo espiritual".

"Você é bonita, sempre teve qualquer homem a sua disposição".

"Tive mi primera vez a los 12 años, cuando me di cuenta de que podía ter a cualquiera hpmbre trabajando en un prostíbulo en los barrios de mala muerte de Bolivia, me mudei a Brasil cuando mi madre se descobrio, tenía la noción de que eu era una vergonha, y qué fiz aquí en Brasil? Me convertí en una bailarina de luxo, quasi lo mismo, solo que no havia sexo, así que sigo en la misma mierda".

"Todos temos nossa cruz, nossas estradas, mas sei que tudo vai ser bom um dia, tanto pra você Ramona quanto pra você Bil, e quer saber, eu gosto de vocês!"

"Dulce dulce Max, me haces feliz boy!"

"Desculpa Ramona, acho que você tem razão" - lamenta Bil.

"Esquece, sei que me voy a la casa de mi padre en una roça, es una cidade pequeño mas creo que serei feliz, me sossegar, tengo 32 años, siento que la vida pasa, Torna-me en una camponesa que cultiva tempero para facer sopa."

Ela ria ao falar desse estilo de vida, não era a cara dela mas acho que ela já havia sonhado com aquilo, o simples muitas vezes é uma salvação pros perdidos em suas confusões complicadas.

"Nossa Ramona, não me parece muito seu estilo, ser garota de roça"

"Todos puede sorprender"

"Pelo menos você tem um lugar pra ir"

"E pra onde você vai Bil, por que veio pra aqui"

Bil era um vagabundo involuntário diferente de mim, sem família e sem uma cama fixa, ele seguia pra onde tinha trabalho e promessa de uma vida melhor, ele carregava o sangue e as raízes dos velhos sertanejos do Brasil sertão, era Cearense.

"Eu tô indo pra onde posso arranjar um prato de comida, um colchão e cadeira pra me sentar e afinar meu violão, sei que nunca vou ser um cantor mesmo"

"Que isso cara, pra mim você é o melhor guitarrista que eu já vi, eu sou seu fã número 1 o que te torna um cantor comprovado!"

"Y tú, Max, dónde vas?"

"Bem Ramona, eu vou pra onde tem estrada pra ir, pessoas para conhecer e coisas novas e vivas esperando pra serem provadas por mim".

"Então sois dos vagabundos?

"Tecnicamente sim, mas falando assim é meio agressivo" - eu disse, nesse momento sentia que já compreendia tudo que ela falava em por menores.

Ramona riu do meu comentário, ela realmente gostou da gente então nos chamou para ficar com ela, pensamos ser brincadeira mas aceitamos ficar temporariamente com ela, estava decidido, iríamos pra roça do seu pai.

Depois de um tempo eu sai do quarto quando a festa estava praticamente acabada, estavam todos jogados em quartos, sofás e no chão mesmo, só um grupo de jovens que estavam ainda bebendo na cozinha, era 4 garotos e uma negra magnífica. Fui na área olhar as estrelas e reparar como o mundo é bonito, na área vi Ryan, o quieto do grupo, ele estava beijando um garoto ali no escuro, longe de tudo, tentei não fazer barulho mas quando estava rapidamente me retirando pisei numa sacola plástica e fez um barulho repentino, ao me ver Ryan olhou meio assustado.

"Max, desculpa cara, desculpa!"

"Pelo o que?"

Ele estava catatonico e pálido, estava assustado como se tivesse cometido um crime, como se fosse um foragido da polícia, ele se levantou e saiu apressado. Fiquei confuso e olhei o outro garoto.

"O que aconteceu?"

"Não sei cara, do nada ele surtou"

Fui atrás dele mas ele havia sumido, procurei em cada quarto e em cada cômodo mas Ryan havia sumido, olhei a estrada e vi um vuto preto indo embora, sabia que era ele. Em torno daquele breu noturno sobre a estrada de terra, eu caminhei a gritar seu nome, ele não parava. Com o

gelo da bruma noturna entorpecendo minhas mãos e pés, eu acelerava e corria pela estrada de terra gritando seu nome, então Ryan se virou para mim.

"Por que ne segue porra! Eu te conheço a 2 dias, você nem é meu amigo, não sabe nada sobre mim da mesma forma que não sei nada de você, então não há a mínima diferença."

"Eu só quero saber se você tá bem, realmente te conheço a pouco tempo, mas e daí, isso não te faz menos humano pra mim, e o que você acha que ganha saindo no meio da madrugada, nesse frio? você tem razão, eu não sei dos seus problemas mas eu adoraria ajudar se quiser me dizer, mas agora cara... bora voltar cara".

Voltamos para a chácara, fui à cozinha e peguei um Whisky para esquentar o corpo, havia deixado Ryan no sofá, quando voltei à cozinha ele não estava lá, pensei "merda, de novo não!", olhei novamente a estrada mas ele não estava lá, pro meu alívio ele estava logo atrás de mim em frente à casa, não o vi pela preocupação, estava sentado na grama, sentei-me a seu lado, um silêncio reinou.

"Porque correu quando te vi beijando o outro cara?"

"Você nunca pode falar disso com ninguém e pra nenhum dos outros entendeu? promete isso pra mim".

"Mas porque, qual o problema?"

"Se você é meu amigo prometa pra mim".

"Ok, eu prometo, mas quero entender o porquê tanto medo?"

"Você acha isso que faço certo?"

"Como assim?"

"Eu sei que sou uma aberração, sei que tô errado, sei que vou queimar no inferno, mas por uma merda de razão não consigo controlar, é uma droga Max, uma droga, eu sou a vergonha de minha família, sou uma vergonha pro meu pai entende?"

Pobre Ryan, se culpando por ser quem é, ele começou a se interessar por garotos aos 14 anos, quando sua mãe descobriu tentou o tratar em uma roda de oração, ela jogava uma gama de desgraças em cima dele, dizia que o que ele fazia era influência do diabo, que o filho havia se perdido no pecado, quando o pai descobriu teve uma reação diferente, para o pai era apenas falta de vergonha na cara, vagabundagem de viados e então o expulsou, um garoto de 17 anos forçado a sobreviver na imensidão do mundo, apesar de o odiar por saber que o filho é gay, a mãe também o amava por ele ser seu filho, ela o mandou procurar sua madrinha no mato grosso do Sul, o deu dinheiro e aqui está ele e essa é sua história.

"Você é quem você é Ryan, e se você fingir que não, vai ser uma sombra triste e morta de você mesmo, o que adianta se esconder em outras pessoas, no fim só vai está sendo hipócrita e mentiroso, ser você vai fazer pessoas te odiar? Com certeza, mas foda-se, porque pelo menos se é livre, vai ter muitas merdas e consequências e talvez você duvide de você, mas no fim foda-se porque sua alma sabe que você é feliz".

Ele riu da maneira que falei, acho que foi séria demais, porém fiquei feliz pois penso que Ryan entendeu o que quis dizer ou então compreendeu o que já era um começo. O chamei para ficar com a gente na casa do pai de Ramona, ele aceitou, assim como todos nós, também era um vagante nesse mundo, mesmo que precocemente forçado.

As vezes quando olho para Ryan penso em Aldeon, vejo a tristeza de um refletida no outro, quando vi o cowboy pela primeira vez era novo demais pra entender toda névoa sóbria que o cercava, agora quando vejo Ryan meu coração se alegra, pois sei que tudo pode ser diferente pois ele não está mais sozinho, imagino que tudo poderia ser diferente na vida daquele cowboy, e se uma alma quente o confortasse do frio, se ele se permitisse amar e ser amado, será que ele seria feliz ou completo? Se ele tivesse alguém que o abraçasse e dissesse "eu acredito em você", será que tudo na vida dele seria diferente? Será que aquele corpo mórbido e vazio se resplandecerá em luz? Não sei, a verdade é que realmente não sei.

Parte 10

Quando a aurora raiou voltamos ao caminhão já concertado e partimos por mais 4 horas de viagem onde paramos a borda de uma grande cidade. De lá fomos rumo ao interior onde vivia o pai de Ramona, ela estava feliz e ao mesmo tempo apreensiva, a última vez que havia falado com o pai não foi uma conversa muito agradável dissera ela quando chegamos naquela casinha cercada por pinhais, laranjeiras, coqueiros e uma gama de árvores que faziam uma trilha até a cancela que nos convidava a entrar em um cercado de terra onde dentro havia um mini jardim com flores, plantas e alguns bancos de troncos de árvores cortadas, claro que era algo humilde mas mesmo assim era bonito. A casa era antiga, não havia cerâmica ou forro, era telha no teto e cimento queimado e encerado no chão.

De longe um velho moreno de blusa branca veio observar quem vinha, a uns 15 metros pude sentir o velho se emocionar, o homem derramava lágrimas que resultou na Ramona também derramar lágrimas.

"Lúcia, é você minha filha?"

"Soy yo papi, yo voltei, soy yo!"

Ela o abraça naquela cena comovente de um pai que já tinha perdido as esperanças de reencontrar a filha e uma filha orgulhosa demais para ter procurado o pai antes, ela havia saído de casa aos 17, tinha ido morar com sua mãe na Bolívia após ambos brigarem e se separarem, hoje ela tem 32 anos e mesmo assim ele o reconheceu.

"Por onde andaste minha filha, eu pensei que nunca mais ia te ver, por onde andaste minha linda filha Lucia?" Ramona só chorava e dizia "Está tudo bien papá!", até hoje não sei o motivo da briga, mas sei que tudo ficou para trás nesse instante, o nome do velho era Francisco, ele é brasileiro, conheceu a mãe da Ramona nos botecos da noite e a levou para viver com ele, tiveram uma filha e então ela voltou pro seu país, depois ele teve mais dois filhos, um morreu e a outra filha não se importa tanto.

"Quem são esses, seu marido e seu filho? -O marido seria Bil e o filho Ryan".

"No papá, son só amigos que no tienen dónde ir".

"Então são todos bem-vindos, venham, vou fazer um café fresco, vocês estão cansados, vou preparar uns colchões - não, vou esquentar o leite - melhor vou preparar uma feijoada - ou então..."

"Papá, una taza de café está bien, só queremos uno banho".

Bil iria fazer uma piada inconveniente sobre banhos então tampei sua boca para não estragar o momento, e assim entramos na casinha onde havia espaço para todos, tomamos banho e comemos, o velho gostou muito das piadas e o do papo de Bil, mas ele queria que Ramona se casasse comigo por me achar inteligente e não sei o que ele pensava sobre Ryan, ele sempre foi quieto. Em um quarto grande tinha uma cama de casal e um colchão grande que jogamos ao chão, eu e Bil brigamos para dormir com Ramona o que resultou nela dormindo com Ryan e eu tendo que dormir com Bil, ele se mexia de mais, porém com tempo nem me importava mais tanto. Cochilei na certeza de que amanhã seria um novo dia.

Bem, eu passei um pouco mais de um mês com Ramona e os meninos, nesse tempo tínhamos que fazer alguma coisa obviamente para não sermos um estorvo, nos primeiros dias cuidamos de tarefas simples como cortar lenha, catar cacau e frutas, roçar algumas mangas para o velho, e realmente nós o chamávamos assim, o velho, ele nos ensinou tudo, a pescar, a tirar leite e a colher e descascar milho para venda. Com um tempo Bil conseguiu um trabalho num bar da região, onde ele era garçom e também tocava para os bebuns, o velho arrumou um emprego temporário para Ryan como carteiro da região pois o carteiro original havia quebrado a perna e os da prefeitura não chegava ali, então os moradores pagavam alguém para buscar na cidade e entregar na porta de todos. Eu como havia crescido na roça tinha mais dom pra tais tarefas e me tornei o ajudante do pai de Ramona.

Assim vivíamos, trabalho ao dia, conversa e diversões a noite, as vezes íamos no bar onde Bil trabalhava e bebíamos e dancávamos, éramos felizes em meio a natureza e meu Deus... A natureza! Nada era tão lindo como os rios de águas limpas e as árvores verdes que se balançavam ao vento, digo... nada exceto ela. Uma tarde eu andava pela floresta carregando algumas frutas quando de relance eu a vi a beira do rio, uma mulher de uns 20 anos, alva e rosada com lindos e ondulados cabelos negros que refletiam a maré dos mais lindos rios, estava com um leve vestido branco, tinha um rosto angelical e era tão limpa que nem parecia desse mundo, parecia está dançando ou caminhando lindamente, eu parei e a observei por 2 minutos, me apaixonei cara! Quando ela percebeu que eu a olhava ela correu de mim, fui atrás gritando que não havia perigo em mim, mas ela sumiu entre as árvores. Quando contei aos outros o velho disse que não havia nenhuma garota com aquelas características, eles acham que eu vi coisas, mas sei que é real, eu a vi com meus olhos em sóbria limpidez mental.

Em um desses dias fomos na cidade grande, o velho tinha uma caminhonete. Lá eu e o Bill fomos numa barbearia. Me fez lembrar que nessa viagem eu passei umas 5 vezes pelas barbearias e sempre observo homens em alegres conversas fúteis e inesperadas, já presenciei as clássicas objetificações de mulheres bonitas, uma louca discussão sobre

se transar com uma mulher, com fisionomia de mulher e rosto de mulher mas com um pênis era válido ou se vazia de um homem gay, já vi até discussão entre comunismo e capitalismo. E os homens levam a sério a quase chegar ao ponto de brigar, mas no fim saem se abraçando e rindo, e toda aquela discussão não serviu para nada. Isso é algo que me alegra um pouco, saber que todas essas merdas não representam nada perante uma amizade.

Quando voltamos vi de relance na floresta novamente aquela linda jovem se banhando nas águas do rio, ela acenou para mim e imediatamente gritei.

"OLHEM, OLHEM LÁ! no rio, a garota que falei!"

Eles olharam, mas acho que devido o carro está em movimento eles não conseguiram ver.

"É verdade, ela tá do lado do papai Noel não é Max, desencana homem"

"Juro Bil, eu a vi, era a mulher mais linda que já vi".

"Você tá precisando de um chá de buceta homem, tá tão necessitado que tá vendo coisas já".

As pessoas têm o costume de não acreditar nas maravilhas vista pelos outros e de se limitarem ao que seus sentidos julga ser real. Já anoitecendo eu estava meio chateado por isso e fui relaxar sozinho numa pedreira, Ramona foi até mim com um mingau nas mãos, ela se sentou ao meu lado.

"Es estranho né Max?"

"O que Ramona?"

"Verme aquí, no campo, antes de ser bailarina en las discotecas de los jueves, todo aquele ruido y movimiento, ahora todo está en calma".

"E o que você acha de tudo disso?"

"A decir a verdad me siento más digna, tengo 32 años, no soy joven como tú, já vivido mucho y creo que tenía que parar, eu necesito disso creo eu, tranquilidad, viver como una buena chica de campo".

"Bem, você tem a seu pai, não está mais sozinha, acho que isso conta também".

"Max! Te tengo aquí, a Bil y a Ryan también.

"Ramona, você acredita em mim, digo na minha história, da garota no rio?"

"Sí, acredito. Pero no necesariamente que sea como nosotros, tal vez sea un espíritu o una santa, que nos rodea y nos protege".

"Você acredita nisso, em espíritos e fantasmas?"

"Eu sei que existe um Deus nos céus, alguém olha por nós, alguém vê toda a merda que fazemos e memso assim nos amar por que senal não existiria tantas maravilhas nesse mundo, e se existe tal ser pode existir aquilo tudo que os outros chamam de lendas ou mitos, ninguém sabe a verdade Max".

"Sei que hay un Dios en los cielos, alguien nos cuida, alguien ve toda la mierda que hacemos y mesmo sin nos ama porque si no teria tantas maravillas en este mundo, y si existe un ser así puede haber todo lo que otros llaman leyendas o mitos, ninguem sabe la verdad Max".

Talvez Ramona estivesse certa, talvez possa existir anjos e demônios, fadas e duendes, fantasmas e espíritos, mas não acho que seja o caso da garota que vi, ela era real, eu sei que sim.

Num domingo à noite, pegamos a caminhonete do velho e fomos os 4 a cidade, fomos curtir e descontrair, eu observava cada vez mais Ramona se apegar a gente e principalmente a Ryan que era o mais desligado, muito disso se devia ao fato dela não poder ter filhos devido a dois abortos que ela fez, no último a cirurgia ocorreu de forma errada e ela danificou o útero, ela só tinha 19 anos na época, acho que queria curtir a vida, acho que ela não sentiu o peso dessa condição na época mas as pessoas crescem e seus sonhos podem mudar, Ramona criou um instinto materno sobre Ryan na esperança de contorna um problema que ela atraiu pra se, e não digo julgando.

Ao caminhar pelas ruas do centro eu deslumbrava cada prédio acima de nós, as pessoas se acostumaram olhar só para o chão e se esquecem de como é lindo olhar para cima, olhar pro horizonte, eu me via pequeno em meio às grandes construções feita pelo homem e aquilo me fez ter medo, um lindo medo. Somos capazes de criar luz para afasta o breu da noite e mesmos assim nos atolados em trevas e jogamos bombas uns nos outros, ao olhar o espaço eu pude ver Deus, Deus não está do nosso lado, Deus está chorando por nós, chorando por ver tamanha maldade que possamos fazer, mas em seus prantos Deus roga, roga por todas as almas confusas e execráveis que regem o mundo, e ao sentir o doce de suas lágrimas sobre a terra eu posso me permitir ter esperança.

Na hora contei isso a todos, estávamos sentados numa pracinha tomando sorvete. Penso que deixei o clima um pouco tenso.

"Max, eu não sei falar bonito e sei que sou burro, senão eu não queria ser cantor, mas nesse pouco tempo de vida aprendiz a só não se importar, coisas acontecem, pessoas se matam, países brigam e não a nada que possamos fazer além de viver nossas vidas".

Bil tocou no meu ombro tentando saber se eu entendia seu ponto antes de conseguir falar Ramona entrou na conversa também.

"Te equivocas, podemos fazer algo, podemos amarnos, no es mucho para todos, pero ya es un comienzo, además viviemos aquí a disfrutar y relajarnos y todavía quiero ir al cinema, y comprar algo de maquillaje que pagarán algunos de los caballeros".

Bem leve subiu se a voz de Ryan, ele que raramente impunha sua opinião sobre nossas discussões, ele que sempre escutava em seu silêncio, ele que agora se sente íntimo a falar.

"Sabe, eu queria ser igual a vocês, eu queria achar que tudo é belo e que tudo se resolve, eu queria me confortar em saber que existe um sentido e que não preciso necessariamente saber qual, porém sou covarde, eu não sou vocês e tudo soa para mim como clichê, e eu me assusto por pensar assim por que não sei de onde vem meu medo, eu realmente não sei de nada.

"Não somos tão diferentes, eu não só acredito no que eu acredito, eu escolho acreditar por de tal forma faz sentido pra mim" - eu disse para o jovem garoto não mais confuso que eu.

"Mi Ryam, no eres un cobarde en absoluto, eres fuerte y belo, eres humano".

"Entramos num assunto meio paia não acham, eu gosto de tocar violão e guitarra, eu gosto de mulheres e trepar com mulheres assim como gosto de macarrão, e é isso né.

"Bem, é isso!"

Bem, tudo prosseguia florido como jardins elétricos de outono, éramos felizes e aquela sessão de pertencer e ser abraçado por pessoas que você aprendeu a amar é inesquecível, suavemente confortante. Mas todo muro cria suas rachaduras, e a nossa começou pelo Ryan, um dia ele me encontrou no rio onde eu pescava a tarde e me disse que havia se

apaixonado por um rapaz, um motorista jovem que cruzava as rotas fazendo entregas em um caminhão. O encorajei seguir seus instintos, e 5 dias depois Ryan comunica a todos que está de partida, eu e o Bil os desejamos felicidades mas Ramona se retirou da sala aos choros, não queria aceitar que o jovem pródigo iria partir. O encorajei a falar com ela. E assim ele foi dizendo ternuras em formas de finas palavras de conforto, não me lembro ao certo, mas foram palavras parecidas a essas;

"Ramona, você sabe que te amo, você foi uma mãe ou uma irmã que me deu carinho e amor quando minha família não se importava mais, eu não vou te esquecer, na verdade sempre vou vir te visitar mas eu sei que tenho de seguir minha própria estrada como diz o Max."

E assim Ryan partiu tomando as rédeas de sua vida não mais como um menino inseguro e perdido, mas como um homem forte e preparado para ir atrás de seus sonhos e da felicidade.

Então continuamos nós três e o velho pai, mas pressentia que algo me chamava e me induzia a continuar, acho que esfriei meu espírito de peregrinação ao ter gotas daquela vida pacata. Até que um dia fui posto à prova pelo divino, tive a visão de que ainda tinha trilhos a trilhar. Eu pairava pelo rio, observando a natureza e o mundo quando vi meu reflexo na água, me aproximei e meu reflexo se tornava uma chuva de fogo que descia do céu em alta velocidade, então tudo era sangue, sangue ao meu redor, eu estava na água e eu era a água, descendo e descendo cada vez mais, de meu corpo brotava algas e limos enquanto minha carne apodrecia, os raios de luz se dilatavam aos meus olhos em uma escuridão verde de uma água morta e doente que entrava em meu estômago e pulmão. não podia me mexer e ao meu redor girava sobre mim duas grandes cobras que me rondava, eu sabia que era a morte e o medo, a ampulheta da vida e do pós mundo que vinha me triturar em pedaços e

me testar a dignidade. meus pulmões ardiam e a água suja entrava dentro de mim, as cobras me olhavam e rosnavam em fortes rugidos de uma besta satânica, meus olhos pesavam e automaticamente eles se fechavam para a luz.

Então, em um canto vinha ela a mim, dançando na melodia da vida e da morte, transcendendo a dor e toda a natureza das preces mundanas. Com ela se expandia em toda luz de Vênus, com ela a podridão da minha carne se restaurava em juventude e vida abundante, as serpentes do mundo sumiam e tudo se refletia nela, ela que me segurava em suas santas mãos. Eu senti minha mão tocar seu cristalino rosto, eu senti meus dedos deslizarem pelo macio de sua pele luminosa, eu senti o calor de seus seios e vi o mar de Marte em seus olhos e depois me vi flutuando em todo espaço sideral em meio os cometas e corpos celestes, acho que entendi tudo, acho que saquei a do universo! Quando o homem se permitir enxergar as cores do senhor ele então descobrirá o sentido do respirar.

Abri meus olhos e me vi estirado a lama com Ramona chorando e gritando meu nome enquanto seu velho batia em meu rosto. Ele me perguntava várias coisas mas não sei como tudo aconteceu só sei que aconteceu, e sem dizer nada a respeito eles me levaram para casa. Desenvolvi uma febre curada por algumas sopas e chás de café-beirão, Bil riu de minha cara e fez piadas que me alegrou mas algo em mim havia mudado, Ramona foi a única a perceber, acho que a partir daquele dia fiquei mais sério, refleti sobre cada pessoas e cada estrada que conheci, eram um daqueles momentos que traçamos linhas em nossas vidas e tentamos conectar tudo, tudo que somos.

Quatro dias após, chovia por toda aquela terra esmeralda. O calor emanava do chão em nossos corpos. Era três da manhã, Bil teve que dormir no bar por causa da tempestade, eu observava de relance a chuva e as gotas d'água que caiam em baldes espalhados pela casa. Estava na

janela do quarto e Ramona se escorou ao meu lado, estava diferente, triste e conformada.

"Puedo verlo todo muy bien".

"Oi?"

"Cuándo te vas embora?"

"Sinto que devo partir amanhã, mas isso não significa que..."

"Eu sei, puedo entenderlo, no tienes que disculparte por nada, no te equivocas, te amo y sei que algún día volverás a hablar de nada y nos divertiremos".

Pude ver as profundezas de seus olhos negros em toda sinceridade.

"Eu irei Ramona, eu irei".

Naquela madrugada ela tirava suas roupas enquanto caímos na cama em um rito sexual prazeroso, todo suor não mais incomodava, era parte daquilo e o calor do mundo não mais existia, só havia o nosso calor e nossos abafados gemidos e a sensação de dois corpos se trepando em harmonia até o fim da noite.

Sai na manhã seguinte, o velho me levará a cidade e no retrovisor via pela última vez Ramona acenando para mim. Na cidade fui até o bar falar com Bil, bebemos algumas doses e então ele tocou uma última canção para mim.

Ele Tocava "This land is my land" do Woody gurith, e eu chorava aos versos que surgia, era profundos, era lindo, ao fim da canção ele fez seu último monólogo.

"Ei Max, eu sempre digo muitas piadas e futilidade, mas no fim elas tem seu charme, é amor cara, curta tudo como se estivesse fazendo amor nas nuvens".

PARTE 11

Voltei a vida na estrada rumo ao sul do Brasil, sempre achei a região sul bonita e com ótimas paisagens. Agora tudo que carregava era menos de 200 reais no bolso, poucas roupas e utensílios numa mochila e um velho rádio que vivia a tocar os antológicos sons de samba, blues, jazz e rock and roll. Caminhei por 9 horas pela BR-163 até uma cidade relativamente grande chamada Caarapó ainda no mato grosso onde dormir num motel vagabundo na qual a noite me custou 50 reais. Cruzei a fronteira do Mato grosso com o Paraná no dia seguinte, por uma enorme ponte que dá na cidade de Guaíra já no Paraná, lá gastei alguma grana num almoço divino e numa garrafa de Whisky.

Consegui uma carona até a cidade de Cascavel, de lá segui a BR-277 até não saber mais por onde estava me metendo. Me via feio, estava com uma barbinha suja e pelo por grande parte de meu corpo, as roupas já estavam perdendo a cor, numa das estradas do Paraná encontrei um ambulante com uma menininha, estavam com suas coisas numa velha kombi onde eles dormiam e viajavam, pensei que não devia gastar mais dinheiro, porém me lembro como hoje o sorriso e atenção que aquela criança malvestida esbanjou em minha direção. Suas palavras fofas e carismática me fez pensar no por que deles estarem nessa situação, a garota não tinha escolaridade, talvez o pai a ensinasse em casa, eles eram nômades que pairavam de lugar a lugar e a menina provavelmente não tinha amigos, então me veio à mente meus amigos da vida e do eterno lanço de meu amor, eu tenho amigos, eu tenho uma casa e eu também tenho a estrada... eu tenho tudo e isso me faz ser um cara de sorte, gastei meus últimos trocados comprando alguns doces e um pingente com ela.

No terceiro dia peguei a pior estrada da minha vida, era uma longa estrada que nunca chegava as cidades próximas, não tinha comida nem água, cambaleei nas rochas borbulhantes de calor, vi a sombra da morte e sua cavalaria me cercava até que em um som poético de corvos negros anunciando a poesia da vida encontrei velho um posto com alguns vagabundos, enviados por Deus ou pelo destino num sinal de que no fim, o mundo sempre dá seu jeito. Todos os guerrilheiros da guerra da sobrevivência com suas feridas a mostra e escondidas, almas que tem tudo para serem perversas, porém há graça no fim da linha de seus olhos. Me aproximei e vi qual era a deles e eles me abraçaram como um velho amigo.

No dia seguinte já perto de uma cidade de verdade ouço um velho carro Estrada vermelho parar ao meu lado, a buzina toca e lá dentro há ele, um jovem elucidante e delinquente, um galã que ao mesmo tempo era um selvagem das ruas, me lembrava o Marlon Brando em sua juventude e o James Dean em sua beleza, sua voz me fisgou ao ecoar de forma humorada e graciosa.

"Oi, meu chapa, a caminhada tá boa ou quer uma carona?

Entrei em seu carro no banco da frente, antes de falar algo o olhei admirado, ele tomava uma coca de garrafa de vidro, possuía um cabelo liso e solto que fazia tempo que não via um pente, estava descalço e com uma calça Jeans mais uma regata branca. Nesse instante soube que ele não era qualquer um, era um de mim.

"Obrigado pela carona cara, você não sabe o sufoco que passei nessa estrada".

"Sei muito bem, o diabo que a pós pra mim passar por cima, mas pra onde vai chapa?"

Contei-lhe meus objetivos, minha jornada, contei que não tinha destino certo mas que depois do Sul iria pro Norte, ele pirou excitado, era um homem do mundo.

"Meu chapa, eu vou com vocês, eu te levo ao norte se você for comigo a Argentina, parece estranho, mas acho que eu ter te encontrado foi um sinal, eu acredito em sinais mas minha irmã diz que é idiotice, acho que ela é idiota isso sim. Tô indo levar a cinzas do meu pai pra espalhar no rio da prata em Buenos Aires, o velho morreu a um tempo, é argentino, fã do Maradona, sabe como é né... qual é seu nome mesmo?"

Era incrível! Eu tinha acabado de o conhecer e ele já queria partir numa aventura, essas pessoas são intrigantes, não possuem medo da vida ou da morte, não possuem receio de ir e vim, não necessitam de permissões ou aprovações, são elas por elas.

"Meu nome é Max, Maxuel, e o seu?"

"Meu nome... - ele riu pra mim é logo ergueu o pescoço - meu nome é David Garcia, e então chapa, o que me diz, quer vir comigo?"

"Dizem que a Argentina é linda nessa época do do ano".

Conversamos descendo pela rota BR-153 sobre centenas de coisas pessoais e besteiras. A melhor coisa de conhecer alguém é justamente catar pontos em comuns entre você e quem você conhece, são sempre as mesmas perguntas manjadas, porém toda vez ainda continua radiante.

Chegamos numa cidade nova ao meio-dia, eu estava sem dinheiro, mas David insistiu para que fossemos num restaurante. Ele disse pegue o que quiser mas escolhi só um prato de macarrão quando o vi escolher... feijoada, batata frita, bife malpassado, arroz temperado, galinha cozida, farofa e de sobremesa quatro porções de pudim. Isso daria uns 400 reais e ele não parecia ter esse dinheiro, então ele sorriu pra mim é disse.

"Relaxa meu chapa, tá comigo tá com Deus, vamos comer hoje porque o amanhã ninguém sabe".

A comida chegou em nossa mesa, ele juntou suas mãos em oração e disse com fé e em voz alta "

"Que o diabo morra, amém!"

Decoramos tudo rapidamente, era uma refeição daquelas que a tempos não comia, estava muito bom e a todo momento ríamos dos rostos de todos os esnobes daquele restaurante, velhos engravatados com garotinhas jovens de nariz empinado. David chamava minha atenção "Olha cara, olha pra mim, eu sou o senhor bola murcha com minha novinha que me passa sífilis" Ele imitava o jeito deles comerem e chamava o garçom de forma caricata de forma que todos reparavam que estávamos tirando com a cara deles. No fim de tudo David se virou pra mim após um arroto longo se levantou e disse:

"Bora em bora chapa"

"Pera aí, é a conta?" - Acho que no fundo eu sabia como tudo iria terminar.

"Que conta chapa, eu não tenho dinheiro e tenho certeza de que você também não, vamos embora"

"Como assim, isso é roupa cara, é crime, a gente pode ser preso?"

"Relaxa, a única câmera que tem aqui tá logo acima do balcão com um fio cortado, e isso não é roubo é economia, e se você fosse ficar ia dar problema pra você então bora vazar meu chapa!

Naquele instante fui contra todos os princípios que minha mãe havia me ensinado na vida, estava me sentindo sujo e envergonhado com uma imensa culpa em minha mente, achava que a qualquer segundo a polícia iria tá atrás de mim, estava desesperado e com muito ódio. Pensava em um jeito de dizer ao David que pra mim estava de boa e eu queria o deixar, ele percebeu que eu estava em alta mutilação mental.

"Chapa, não fizemos nada de errado, acredite, só estávamos com fome".

"Como assim, aquele restaurante pertence a alguém, um trabalhador, e a gente o roubou! Cara, isso é antiético"

"E o que você queria que fizéssemos?"

"Pedir a alguém, sempre há uma alma boa no mundo, o mundo sempre dá um jeito entende?"

Neste instante David virou o carro no meio da estrada e deu meia volta até a cidade onde saímos, ele acelerava mais e mais.

"O que está fazendo? Por que está voltando?"

"Você vai ver"

Senti medo dele voltar no restaurante, sentir medo de ser pego. Porém ele me guiou durante 15 minutos até uma zona triste e suja onde havia dezenas de moradores de ruas que invadiram uma pracinha que antes para crianças, o local cheirava a merda e a fumaça.

"Esse não é o lugar, mas dê bem uma olhada meu chapa."

Ele diminui a velocidade para que eu olhasse e logo aumentou novamente, me conduziu até um bairro nobre onde talvez por ação ou sinal divino o portão estava aberto e um homem sem camisa estava na frente. O homem nos olhou desconfiado mas simpático.

"Opa, querem ajuda amigos, estão perdidos?"

David buzinou e riu para o homem.

"Estamos procurando a rua Carlos Jardins"

"Ih rapaz, estão meio longe, fica a duas quadras daqui a rua Carlos jardins" - disse o homem simpático.

"Obrigado amigo".

David buzinou mais uma vez e partiu. Logo se virou pra mim e me disse.

"Pode me dizer o que você viu lá atrás chapa?"

"Como assim?"

Me lembro muito bem o que eu havia visto, era uma mansão branca, uma grande piscina com crianças e adultos envolta em um provável churrasco com som, estavam felizes e fartos, mas esse seria ponto de David, desigualdade.

"Você sabe quem é aquele homem que acabou de falar comigo chapa?

Disse que não sabia quem era.

"Alberto Diaz, Vereador da cidade e dono daquele restaurante na qual comemos de graça, eu não sou um ladrão chapa, mas sei o que é fome, não é a primeira vez que entro lá, aquele homem foi eleito pra cuidar do povo mas na verdade ele tá cuidando apenas da sua família, eu não julgo não tenho nada contra, mas aquela casa não veio apenas do salário dele, seus restaurantes não foram feitos só com o seu salário, e você viu o povo que o elegeu morrendo nas mãos do satanás naquelas praças imundas que a cada semana a polícia vem começa a bater em todo mundo, não somos errados por querer comer de quem nos tira o alimento, não estamos errado".

Tudo isso foi um pouco demais pra mim, voltamos a estrada e eu estava pensativo, nos falamos poucos nesse tempo então uma luz bateu sobre mim, olhei para ele e rir, eu ria e ria até minha barriga doer e meu maxilar começar a vibrar em dor, David ria contagiado a ponto de não conseguir dirigir direito então o carro ziguezagueava pela pista em vários solavancos que fazia-nos rir mais e mais, ele não sabia porque eu ria e não se importa, e eu não sabia porque comecei a gargalhar e também não dava a mínima.

Partimos de rota em rota e em cidade a cidade durante um dia até chegarmos ao Rio grande do Sul, pouco antes na cidade de Santa Maria David combinou um plano comigo, ele chegava no posto e pedia uma garrafa de gasolina, então eu vinha com o carro e chamava atenção do atendente enquanto David metia o pé, então eu o encontrara nos fundos e então nós partíamos, essa foi a primeira de muitas vezes que fizemos isso. Em Uruguaiana decidimos ir há uma adega, lá conversamos e bebemos por horas, falávamos muitos assuntos que tínhamos em comum, eu era apaixonado pelos Beatles e ele preferia os Stones, eu amava os filmes do Spielberg e ele preferia o Scorsese, eu gostava de comida caseira e ele de lanches. Éramos quase sempre o contraponto um do outro o que fazia a conversa flui de forma íntima, e nunca se tornava pessoal ou rancorosa. Algo que ambos concordam era que havia dois garotas negras extremamente lindas saindo do bar naquele momento, estavam meio desgostosas com algo ou só entediada. Tentamos imaginar o que havia acontecido.

"Bem chapa... eu acho que elas marcaram pra sair e se divertir, pegar geral sabe, mas acho que a noite não foi tão recheada".

"Eu já acho que uma delas tá passando por maus bocados e elas estão tentando esquecer, mas não dá, aí estão voltando pra casa" - disse eu depois de um grande gole de licor.

"Nossa chapa, olha pra gente, acho que vou tentar ser psicólogo"

"A cada paciente que se suicida você perde prestígio, tá ligado né".

Ao ver as garotas se afastarem naquela noite David tomou uma decisão rápida e se apressou, ele deixou um dinheiro na mesa, provavelmente não era o suficiente pelo que bebemos, mas ele fez parecer que tinha até mais.

"Vamos chapa, seja o que for vamos falar com elas".

Pegamos o carro rapidamente partirmos logo atrás delas, David desacelerou ao lado delas para acompanhar seus passos.

"Oi, garotas! Querem uma carona? eu e meu amigo estamos à disposição"

"O que me garante que vocês não são dois estupradores tentando nos capturar?"

A garota que acabou de falar se chama Fabrícia, pele escura meio bronzeada e cabelos alisados, vestia um cropped preto e um shot curto, tinha pernas carnudos e era mais espontânea que sua amiga. Sua amiga se chamava Luiza, negra baiana de nascença, cabelo Black cacheado, vestia um macacão jeans e por baixo algo meio amarelado, diferente de Fabrícia era mais tímida, mas nem tanto e nem algo exagerado.

"Olha moça, eu acho que se fossemos estupradores não estaríamos tentando capturar vocês em um Strada".

"E por que você acha que nós iríamos entrar num carro Strada?"

"Não sei, vocês fumam?"

David mostrou a ela um saco de maconha verde Argentina que diz ele ter guardado, elas entraram e fomos direto para casa de Fabrícia, pelo menos teríamos um lugar para passar a noite.

Chegamos à casa de Fabrícia, era uma casa pequena mas havia um quarto e uma sala grande. Fomos pro quarto e Luiza ligou o som em algumas músicas Trap na qual eram pavorosas mas isso não importa. Sentamo-nos no chão um em frente do outro em um quadrado, David tirou a erva Argentina e a acendeu, a brincadeira era que a erva ia passando de um a um até acabar, tínhamos que ser rápidos, deveríamos acabar com o cigarro antes que o efeito chegasse a nós. Na terceira vez minha já comecei a sentir o carpete do chão em meu próprio corpo, todos já estavam anestesiadamente felizes demais. Tudo era apenas eu, como se eu fosse o quarto, como se tudo falasse comigo, como se eu e o chão e as paredes fossemos feitos da mesma matéria. Olhei para os outros, Luiza dançava e dançava e sensualizava, Fabrícia se virava para nós e dizia coisas como;

"Pera aí... meu rosto, esse é meu rosto, de quem é esse rosto? Quem?... eu existo caralho!"

Tudo que falamos ela não entendia e tínhamos que gritar, David só sorria e preparava mais e mais. Em um momento eu caí sobre a cama do quarto e não conseguia me mexer, a espuma me engolia como areia movediça, eu viajava em um mundo espacial e brilhante, só voltei a realidade quando Luiza simplesmente caiu no chão e começou a chorar e a gritar, era como se um fantasma a estivesse assombrando, ela estava catatônica, provavelmente uma bad-trip.

Eu não tenho o costume de fumar e acho que o divino estava ao meu redor, pois juro que me curei na mesma hora, como se todo efeito da droga fosse eliminado do meu corpo, olhei os outros dois e estavam felizes, no chão havia cápsulas, reparei que não tínhamos usado só

maconha, mais psicodélicos também. Não sabia o que fazer com Luiza então a levei para sala e a dei água com açúcar e limão, fiquei conversando com ela por uma hora até ela está melhor e todo medo passar.

"O que você sentiu, o que você viu?" - perguntei seriamente a ela depois de muitas piadas na tentativa de fazê-la rir e se sentir melhor.

"Foi amedrontador, os móveis queriam me matar, eles tinham ganhado vida, eu sabia que não podia ser real mas só era real entende? Foi estranho."

As drogas naturais podem te mostrar um mundo, mas ninguém deve usá-las por motivos idiotas e fúteis como por causa de amigos ou status, só irá te fazer viciar, e se você tiver problemas, elas podem intensificar, drogas são armas que podem ter seu lado mal e bom, o lado claro e o lado escuro da força.

"Obrigada por ter cuidado de mim".

"Não fiz nada demais, fiz o certo".

"E os outros?"

Os outros apagaram no quarto, claramente as garotas também não tinha o costume de usar drogas e David se passou em oferecer. Aos poucos reparei que Luiza estava dando em cima de mim;

"Sabe, eu gostei de você, gostei mesmo. Você é diferente e isso me excita!"

"Ué! Diferente como?" - respondi sem graça.

"Sensível, protetor, profundo, atencioso, verdadeiro e..."

A cada palavra ela se aproximava, até não ter mais jeito, ela me beijou e foi muito bom, em mente eu dizia que não queria, mas o tesão me subiu fervilhante, é uma experiência que quem teve não pode esquecer, algo difícil de controlar e possivelmente uma das maiores ruínas da humanidade apesar de ser mágico. Foi como se toda a droga do meu corpo voltasse pois acordei pelado com ela em cima de mim e não me lembro de nada mais.

Bem, com as garotas dormindo, acordei David, meio que abrimos a geladeira da garota e fizemos um café da manhã, comemos e íamos partir.

"Nossa chapa, essa noite foi louca! Vamos nessa vamos" - Para David era como se o ontem não tivesse existido, era como se as garotas nem estivessem ali.

Antes de ir acordei Luiza que ainda estava no sofá e a disse que foi incrível e que ela era demais, porém tínhamos que partir e então fomos.

Descemos as estradas tortuosas de ouro para o inverno da alma das rotas cristalinas da Argentina, a ventania cortante se estripava ao vidro do carro e minha alma também se angustiava em tormento, um peso sobre meu peito e meu coração, eu estava chorando e não sabia ao certo porque até aquela pergunta;

"Chapa! você tá bem? Está chorando".

"Eu não sei, não sei... simplesmente não sei".

"Do que tá falando cara, tudo tá perfeito".

"Eu sei, tudo pra mim sempre é perfeito, tudo é lindo".

"Então porque a melancolia?"

"Eu realmente não sei - então me veio à mente o rosto de Isabel e de Clara, meu primeiro amor - amigo... eu acho que sou um idiota, sempre pensei que era diferente, mas acho que estava me enganando."

"Como assim chapa, do que tá falando?"

"Há duas pessoas nesse mundo que eu já amei, no sentido romântico, e apesar de não ter feito tanto, eu já transei algumas vezes nessa minha estrada mas nenhuma foi com quem eu realmente amo, não que tenha sido ruim devido a isso, todas as garotas eram interessantes e tinham algo de fascinante, mas não faz sentido, a gente deveria transar com quem nós realmente amamos, não é? Se não o sexo não tem sentido."

David me olhou friamente pensando no que acabei de dizer e raciocinando mais rápido que o normal dele para me dá uma resposta.

"Então o sexo não fez sentido pra você?"

"Bem, fez a meu ver".

"Cara, o sexo não é uma aliança, o sexo é um ritual de vida, o sexo é um ritual de virtude, há amor, se não houver amor nunca é bom, porém é um tipo diferente de amor cara, é um prazer ancestral, é carne a carne, ame com a alma, mas transe com o pau, e se tá vivo, faça amor.

Ele riu pra mim depois disso, não sei se o que ele falou foi algo absurdo, idiota ou filosófico, porém sei que rir também é e como um remédio fez toda minha angústia passou.

Ao entardecer estávamos na fronteira com a Argentina, demos nossa identidade e então estávamos em ternas espanholas, a primeira coisa que fizemos foi furtar uma mercearia cujo dono era um velho xenofóbico, lembro-me que entramos falando em português e o velho começou a nos observar de cara fechada, e então sussurrou "macacos de

cima", apesar de ter escutado eu iria agir normalmente, mas David pisou em pé e disse.

"Vai tirar satisfação".

"Deixa quieto cara".

"Não você não entendeu, VAI TIRAR SATISFAÇÃO!"

Nessa hora eu saquei, me virei até o velho com ousadia nos pulmões e disse;

"O que você disse mesmo?"

"Pegue logo o que precisa e dá o fora".

Aquele velho era tão chato que ele mesmo fazia a discussão escalonar, depois de 5 minutos ele nos expulsou com um rifle velho que potencialmente era de festim. David saiu com pacotes de bolachas e duas cervejas entre os bolsos e a jaqueta.

Aquela noite dormimos no carro, foi uma das noites mais fria que já enfrentei, as 4 da manhã tivemos que ligar o carro e partir para nós aquecer. As 7 estávamos em Buenos Aires, cidade grande, porém com um ar de pacata aos nossos olhos, tudo era novo e lindo mesmo as coisas mais simples como um homem que tocava viola para suas 3 filhinhas com roupas caipira dançarem com suas tranças, uma delas tocava gaita lindamente, queria muito deixar uma grana, mas já não tinha nada, víamos as ruas e quase não havia carros, tudo era como uma obra de arte desde as calçadas aos portes, as pessoas preferiam caminhar a usar seus carros poluentes. Apesar de uma boa parte das pessoas serem idiotas e racistas, a maioria era boa, era um povo lindo, tende a existir uma rivalidade entre o Brasil e a Argentina, mas no fim não enxergo assim, somos irmãos de uma mesma casa, o mesmo sangue latino, o mesmo bairro criminalizado pelo centro. E lá havia pessoas incríveis como o

Paolo, o Paolo era um garçom que tinha o desejo de sair mundo afora, se entrelaçar em meio a estrada e ser guiado pelo destino e pelo sol. Eu e David chegamos à lanchonete onde ele trabalhava, não tínhamos dinheiro então iríamos sair sem pagar, então aquele garçom magricela de olhos verdes veio até a gente.

"Vocês são brasileiros né? Estão em viagem?"

"Viagem eterna meu compadre, sem rumo" - respondeu-lhe David.

Entusiasmado Paolo se sentou ao meu lado, ele viu que éramos àquilo que ele um dia deseja ser, peregrinos.

"Meu nome é Paolo, eu quero um dia sair por aí também, por onde vocês estiveram? Como é simplesmente largar tudo e cair na estrada?"

O engraçado é que mesmo sendo parecido o espanhol não é fácil de se entender, então as vezes nem sabíamos sobre que falávamos, com Ramona era mais fácil, ela misturava e saia algo palpável. A toda hora Paolo ia atender alguém e voltava para perguntar coisas sobre a vida sem rumo, eu olhava para David com pena do pobre Garçom já que íamos passar a perna nele, mas assim tínhamos que fazer para não morrer de fome. Ele veio até gente uma última vez e perguntou do porquê a Argentina, falamos sobre o pai de David e então Paolo nos fez uma proposta, ele pediu para que esperássemos ele e não precisaríamos pagar nada. David ficou tentado.

"você por acaso saberia um lugar bom para pegar mulheres?"

"Eu sei os melhores!"

"Então iremos esperar, mas só porque você insiste".

Eu ria da tamanha cara de pau de David e ele me dizia que sempre há tempo para novos estilos de garotas. Saímos os três da lanchonete e Paolo pediu para que o levarmos em casa primeiro, ele tinha uma mulher chamada Marta e uma menina de 4 anos chamada Poliana, ele tomou um banho enquanto tomávamos café. E também tomamos banho e fizemos a barba, era uma família linda, quando vi a forma na qual eles se interagiam um vazio cresceu em meu peito, acho que senti inveja, uma inveja boa, acho que no fim isso é o que realmente importa, uma família com esposa, filhos e amigos. "Meus amados amigos e família muito distante de mim, por onde andam nesse momento?" pensei eu. Quando saímos foi de partir o coração ouvir a menina Poliana urrar para o pai.

"Fica papai, fica!"

Logo fomos até uma espécie de boate de rock argentino anos 80, tinha muito jovens e idosos, e quase não havia pessoas de meia idade, ali duas gerações distintas se encontravam em meio às cervejas quentes e baratas a luz do néon. Nos juntamos um grupo de garotas e garotos argentinos que brincavam com roleta de shot de Whisky, em menos de 1 horas David sai com uma Argentina do cabelo azul. Eu me juntei a uma Argentina bronzeada que me paquerava, sempre fui lerdo e cabaço demais pra reparar nessas coisas, mas Paolo me deu um toque, Paolo que como uma alma boa não bebeu e nem se engraçou por nenhuma garota, para ele bastava ver o jeito estranho e espontâneo de dois navegantes de estrada. Se não me engano o nome da beldade Argentina que me cercava era Vanessa, certamente pelo seu jeito ela estava mais interessada no fato de que eu sou estrangeiro ao invés de bonito, ela me levou até fora da boate onde nos beijamos, mas algo era estranho. Sempre que colocava minha mão em suas costas ela as tirava inconscientemente, eu poderia tocar qualquer lugar menos as costas, me intriguei e a perguntei enquanto a beijava e me arrependi logo em seguida. Ela se assustou e então parou, ela repetia.

"Desculpa, não consigo, desculpa, não consigo mais!"

Então foi se embora.

Voltei a boate com aquele vazio dentro de mim intensificado, não tinha dinheiro para um drink, para beber e tentar esquentar o frio que sentia, me via de cabeça baixa e não era por causa da Argentina, eu nem sei por que era, Caralho! Por que sentimos coisas que não compreendemos? Não sei, mas prefiro acreditar que isso é bom.

"Aceita um drink amigo?"

Então uma garota falou comigo num tom doce e em um sotaque argentino perfeitamente horroroso, seus cabelos ondulados em corte Chanel, um Pierce prateado em seu nariz e roupas leves em cores psicodélicas, ela tinha um olhar que refletia a felicidade que fugia aquela madrugada.

"Aceito sim, mas você é brasileira também né?"

"Brasileira de Belém do Pará, filha do boto acredita?"

"Acho que não esbarrei com ele, mas se acontecer digo que sua filha me pagou uma cerveja".

Uma simples conversa se torna um trajeto de almas quando isso ocorre, isso é a conexão de duas pessoas que nunca se viram. Ela era incrivelmente compatível, era como se eu conduzisse uma balada de loucuras e ao invés dela fugir ela dançava ao meu ritmo e ia além, ela levitava. De Stairway to heaven a banjos e ocarinas, a conversa fluía para folclore Celta, dos celtas para mitos gregos e hinduístas que seguia para Van Gogh, esoterismo e tabuas de esmeraldas, Magia, Beatles, Apocalipse, Jesus Cristo e amor e ódio no mundo. Enfim perguntei seu nome, Melissa, esse era seu nome, ela pediu meu número, mas eu não tinha mais celular então antes dela partir eu profetizei;

"Não precisamos de celulares, o mundo fará a gente se encontrar Melissa"

"Com certeza vai - retrucou ela com um sorriso de pena".

Pouco depois fomos embora, dormimos na casa de Paolo e no dia seguinte o agrademos, sua esposa também veio se despedir, era uma boa família, algo assim que um dia eu quero para mim, mas até lá tenho estrada a percorrer, partimos para o grande Rio da Prata o que levou um tempo curto até, subimos numa enorme pedra onde David jogou as cinzas do pai pelos ares até se esfarelar nas águas do rio. Sentamo-nos naquela pedra e observamos o nada pois algo não estava certo, sabíamos que algo incomodava.

"Chapa! Tem algo errado".

"O que man?"

"Porra, eu saí do cú do Brasil até a Argentina pra jogar as cinzas de meu velho nesse maldito rio que ele falava quase todo dia pra ser só isso, não teve nada demais simplesmente já era, foi só isso.

"Sabe o que eu acho, eu acho que quem morre é burro, por isso quero ser imortal".

"Você tem razão chapa, ser imortal... e tem mais, vou ser eternamente jovem, se os burros morrem os idiotas envelhecem".

"Jovens imortais" - rir em virtude pois sabia que eu acreditava em cada ponto do que disse.

"Chapa, eu tenho medo de ser meu pai, o argentino que tem que ser jogado no rio por um filho que ainda não tenho, mas que tara no meu lugar, é estranho, é constrangedor. E você, do que tem medo na morte?

"Eu tenho medo da morte em si".

"Por que, você sabe que ela vai vir, não tem o que fazer".

"Acho que a morte é aquele aviso que nos lembra que a vida tem fim, que deveríamos tá fazendo algo que tem sentido, mas se o que estamos fazendo não tem sentido. E aí?"

"Mas como Saber?" - David riu de nervosismo pois era algo abstrato demais e nada fazia sentido e ao mesmo tempo tinha seu ponto.

"Sabe meu maior medo, acho que é ser só, morrer só, não ter alguém que amo ao meu lado para contar idiotices e a ouvir falar de coisas que não ligo, mas com entusiasmos. Eu tenho ótimos amigos nesse mundo, tenho muitos até, eu conheci muitas pessoas, isso tem que valer algo, não é?

David absorveu o que eu disse, ele provavelmente teve uma viagem interna analisando os pros e os contras de toda uma vida e humanidade, ao fim, em plena serenidade ele tocou em meu ombro e me disse;

"Meu chapa! pode crer que vale a pena, é bonito demais pra não valer e disso eu sei".

PARTE 12

Conseguimos um bico de 2 dias na Argentina após termos se passado por mecânico para uma idosa carismática, ela nos fazia bolo e café, comíamos metade do bolo e a outra metade escondiamos numa sacola e levávamos para o carro onde dormíamos, me sentia mal por enganar a velha mas de certa forma David entendia muito de mecânica, desentupimos sua pia, trocamos alguns canos e instalamos uma bomba que levava água para um pequeno jardim, ganhamos 150 mil pesos o que equivalia a 350 reais, o suficiente para cairmos na estrada novamente e em menos de 4 horas estávamos novamente no Brasil.

"Chapa a Argentina é incrível não é? As pessoas são boas, é claro que tem umas arrombadas do carai mas não tira o brilho da boa gente".

David era meio argentino, o sangue espanhol corria em suas veias e ter estado lá novamente após a infância era como se ele conecta-se com suas raízes, então estava Empolgada e continuava a falar.

"Na verdade chapa, é assim em todo lugar, existe três tipos de pessoas nesse mundo, 10 porcento são as arrombadas, esses políticos e ricos porcos que brincam com a gente, eles têm tudo e sempre querem mais, eles que fazem as portas das guerras, abaixo deles estão os 30% dos burros, são alienados, são ovelhas sabe, só repetem o que não entendem, eles fazem os imundos continuarem seus circos, mas não são más, são só burras mesmo. Porém 60%, a maioria... são espíritos normais, humanos e calorosos, pessoas dispostas a ajudar e promover a paz, não são santas claro, todos erram, mas essas pessoas entendem o valor da empatia".

Quando eu escutei não tinha certeza se acreditava, mas era curioso, pessoas são curiosas, de longe a melhor e a pior coisa que se pode acontecer a alguém.

"David, o que pode acontecer daqui pro futuro, como estaremos? As vezes penso que poderemos sempre estar fadados a mesmas coisas, uma linha reta, não... uma estrada, as vezes desviamos seu percurso pro bom ou pro ruim, nas no fim sempre voltamos a mesma estrada".

"Olha, daqui pra frente iremos evoluir, a incrível tecnologia irá facilitar tudo, as grandes multinacionais irão facilitar tudo pros cidadãos, a globalização vai facilitar numa cultura harmônica entre países - ele emanava um cinismo cênico na forma de falar - e vai por mim, isso vai fuder tudo, vamos perder aos poucos a empatia e nos tornaremos apáticos, vamos esquecer as tradições que um dia moldaram tudo isso, vamos aceitar tudo sem questionar e se questionarmos vai ser por dogmas que os políticos perversamente irá impor a nós, iremos as ruas levantar bandeiras sobre a qual não sabemos o do por trás, e se de alguma forma a cultura for presente no todo, vai ser por pessoas digitais tentando fingir ser diferente, e isso vai amassar até surgir aquilo"

"Aquilo o que?" - perguntei abismado de curiosidade.

"A resistência chapa, a nova contra cultura, a galera que vai trilhar o lado escuro da rua, sempre foram uma reação, um respiro para um pulmão poluído".

O incrível da estrada é que essas conversas sempre chegam em meio a papos banais, e desde as mais idiotas a mais pessoais, você se recorda de todas. Corríamos acelerado pelo RS, repetimos a estratégia de roubar gasolina, e metemos marcha para próxima cidade, o que eu não esperava e que já me acostumei é fato de que na estrada tudo pode parecer meio surreal e estranhamente surpreendente. Ao sair de uma das cidades encontramos uma garota caminhava pelas ruas com uma mala nos braços e um casaco pendurado nos quadris. Gritei que David parasse ao lado e quando ele parou a moça me olhou desaflorando um sorriso, era...

"MELISSA!, Como chegou aqui?"

"Max! Eu sou do Pará lembra, tô voltando pra casa".

Eu saí do carro e a abracei, a partir desse momento iríamos iniciar uma jornada de três amigos rumo ao Pará.

"Aquele dirigindo é o David, ele estava comigo naquela noite na Argentina - David sempre espontâneo grita um oi - estamos indo Pará o norte também, a gente quer conhecer a Amazônia, você pode vir com a gente, vai ser legal, o que me diz?"

"Não sei não, acabei de conhecer vocês pode ser demais não acha".

David sai do carro com seu sorriso branco e diz.

"Olha, a gente não tem dinheiro, mas não falta boa vontade, nesse carro sempre cabe mais um".

Então há a conexão, Melissa Olha para ambos - "Então vamos nessa" - Ela entra no carro e assim a gente parte do RS.

Quanto mais adentravamos sobre as ruidas e feridas estradas do Sul rumo ao centro oeste íamos nos conhecendo por atividades bestas de passa tempo, lembro que tínhamos um certo gosto parecido e então ficávamos horas ouvindo álbuns na sua maioria dos anos 60 como The Mamas and The papas, Joni Mitchell e Bob Dylan. Paramos num município do Paraná onde resolvemos fazer uma parada, Melissa era a única que tinha ainda uma boa quantia de dinheiro. Eu e ela fomos até um mercadinho enquanto David conversava aos risos com um atendente do posto de gasolina que era vidrado no seu time do peito, o Corinthians, quando você gosta muito de algo e encontra alguém com o mesmo tipo de amor que você, é hipnotizante e David sabia disso. Voltamos ao carro com algumas bebidas e suprimentos e entramos no carro e fomos embora, a alguns metros David se lamentada cinicamente.

"Oh não! Esqueci de pagar a gasolina cara, que erro meu, o cara era tão gente boa. Fazer o que né, agora já era e bola pra frente não é não meus caros?"

Olhamos pra ele rindo, eu sabia que não tinha sido coincidência, David é esperto demais pra isso, ele era um gênio vivido e todos caiam em suas lábias. Ele sabia falar com qualquer um, desbloquear qualquer um. na Argentina ele fez uma moça de face fechada pagar nosso almoço, ele viu que ela estava estressada e foi conversando com ela até de alguma forma ele descobrir que a moça havia perdido um filho e ido viajar para tentar superar, ele se aproveitou sim da situação da moça, porém ele foi o único que teve a empatia de a entender, de a consolar, mesmo por uma parte egoísta ele fez algo bom de coração.

Começamos a beber e a beber até David mostra um de seus cigarros de cogumelos argentinos, era uma péssima ideia usar enquanto dirigíamos e sabíamos disso, mas porque não? Fazemos coisas idiotas assim o tempo todo e vamos melhorando com o tempo, a energia cinética fluía por nós ao efeito da erva, a estrada ficou larga e coisas imóveis ganhavam vida, um boneco de pelúcia pendurado no retrovisor central ganhou vida e falava com a gente, todos podiam entender que ele estava conversando, era incrível, o boneco queria dar em cima de Melissa e eu sentia ciúmes não sei por que, eu só queria matar aquele boneco.

"Eu só acho que todos deveríamos ficar pelados aqui, exceto os homens, ninguém quer ver o Legolas argentino e o outro paspalho, eu me interesso na Chanel" – dizia o boneco com uma voz estridente e fina e lerda.

"Oh Senhor pelúcia, não acha que está passando dos limites?" - respondia Melissa quase babando em sua leveza.

"Só vou passar com você meu anjo".

"Quem esse boneco chamou de Legolas argentino?" - David se indignava com o maldito boneco.

Aparentemente de alguma forma o tempo passou e não reparei, pois já era tarde, Melissa estava sem camisa apenas de sutiã e com óculos escuros, David estava de batom vermelho e uma fita na cabeça, e ainda bem que nem sei como eu estava, mas todos ríamos e então vimos um garoto de uns 20 anos andando na estrada, paramos ao seu lado e não conseguíamos controlar os risos, David foi o primeiro a falar com o jovem.

"Buenas tardes companheiro, estas perdidos?"

"Não senhor, tô indo pra cidade, fica a uns 40 minutos".

Melissa abre o vidro para o garoto que se assusta ao ver três jovens visivelmente alterados.

"Oi rapaz, quer uma carona, sempre tem um lugar".

"Eu tô bem, vou caminhando mesmo".

"Vamos el chapo, ela não morde".

O rapaz então aceitou a carona, fazíamos várias perguntas em sequência e ríamos de suas respostas gaguejadas. Então eu olhei para o

retrovisor e vi novamente o boneco me humilhando, ele dizia que foderia Melissa e fazia gestos obscenos, então o mandava calar a boca e ele me respondia. Eu mandava David fazer o boneco calar a boca e David Gritava "CALA A BOCA PORRA!", Melissa nos dizia para nos acalmar e o jovens morto de medo nos olhava com a respiração ofegante, eu peguei o urso e o puxei no meio enquanto falava "SEU MERDA SEU BOSTA, SEU BURRU DE MERDA" o rasguei e joguei na rua, quando chegamos na entrada da cidade o jovem pediu pra sair, ele falou que ali já estava bom e que tinha que resolver algo, com certeza era mentira, e realmente nos alteramos, éramos um risco naquela estrada, fomos em frente e quando o efeito alucinógeno foi inteiramente embora já era noite e estávamos no MS, quando o efeito se vai seu peito é preenchido com uma preguiça sórdida e uma agonia vazia e sem sentido. Ninguém falava nada e algo veio como um piscar em minha mente.

"Se vocês pudessem fechar seus olhos agora, e pudessem imaginar qualquer cenário de desejo nas tuas mentes, onde vocês estariam em qualquer lugar que vocês quisessem, com as pessoas que vocês quiserem, fazendo o que vocês quiserem, um cenário de felicidade total, qual cenário vocês imaginariam?

Melissa foi a primeira a responder, ela fecha seus olhos e relata seu prazer maior.

"Bem, se eu fechar meus olhos posso me ver com minha irmã, ela é 3 anos mais nova, seu nome é Mara, é tarde e ela tem medo do escuro, só tem 8 anos, estamos sozinhas em casa como sempre. Ela vem me acordar na minha cama dizendo que não consegue dormir, eu ligo o YouTube e coloco um álbum que adoro e que queria apresentar para ela. É Nashville Skyline. Estamos só nós e somos felizes, sem ninguém mais, eu dançava junto a ela e no fim íamos dormir juntas viradas uma para outro e sussurrando palavras".

"Sua irmã deve ser muito especial pra você".

"Ela era muito especial sim!"

Melissa tinha perdido a irmã aos seus 17 anos, ela acha que se tivesse sido mais presente talvez se sentiria menos culpada, ela era jovem e costumava sair muito, mas ela não tem nada direto que a envolva a sua perda, eu não sei como é perder um irmão, mas provavelmente é algo corrosivo, como perder uma parte de você.

"Eu sinto muito!" - lamentei.

"Faz tempo, câncer".

O clima se esfriava e então David mudou o assunto e começou a falar sobre ele, ele falava de se poucas vezes.

"Bem, se pudesse estar em qualquer lugar, eu estaria aqui mesmo ué, onde mais eu poderia estar? Não tenho família, não tenho mãe nem pai, eu tenho bons amigos espalhados pelo mundo e um carro, e com ele vou aonde eu quiser, eu poderia ter uma casa, mas é como dizem, pedra parada cria limo, eu poderia ter muito dinheiro sim, mas o que eu iria comprar, uma casa de praia com piscina? Eu posso a qualquer momento ir a um rio no Amazonas ou na Bahia, eu sou vagabundo, e não do tipo que não gosta de trabalhar, mas do tipo que qualquer lugar é meu lar, e sou feliz assim, com uma boa música, inteligência e uma alimentação diversificada, todos vivem.

A partir dessas palavras tentamos adivinhar um pouco da história de David, mas ele é uma pessoas normal como todos, com histórias iguais a todos. Apenas nos ligamos nas ondas de cansaço que batia a nossa porta, ele me perguntaram também sobre meu cenário, eu dizia que não sabia ainda, e era verdade.

Decidimos parar o carro no meio da mata, pegamos uma coberta que pertencia a Melissa e jogamos sobre a grama, deitamos os 3 sobre a coberta e nos embrulhados com uma manta peluda, olhavamos as estrelas e falamos sobre coisas belas na qual estávamos cansados demais para lembrar. Mas antes de adormecer olhei para seus rostos já roncando, ali descobri a resposta para minha própria pergunta. O meu cenário... eu estou numa praia a madrugada, vazia, estou sozinho no nevoeiro em solidão e então vejos meus amigos acenar para mim, estão rindo, meu coração se alegra, vejo Hugo, meu fiel escudeiro atentando Clara, pegando em seus cabelos, vejo Junior cantando pra sua namorada Leia nas areias cristalinas e luminosas, Vejo o doce Aristides e Henrique com suas piadas, vejo Denis com meus pais fazendo um churrasco a beira, vejo Pedro jogando vôlei sozinho e gritando para que os outros se juntem a ele, vejo todas pessoas que amo num mesmo ambiente, é lindo! Um prisma que transforma energia incolor em um arco-íris apaixonados, mas não consigo entender do porquê estou tão distante, vendo tudo através de uma janela do outro lado do muro.

O raia do sol invadia nossos olhos e nós saboriavamos o gosto de um hambúrguer gorduroso na sólida manhã, David nos disse que teve um sonho, na verdade uma revelação.

"Gente, temos que ir à praia. Eu tive um sonho e a gente estava em direção à praia, só pode ser um sinal!"

Estávamos no Mato Grosso do Sul e a praia mais perto era no Rio de Janeiro e isso levaria um dia inteiro.

"Aqui é o Maro Grosso do Sul, não tem praia".

"Chapa, é só ir ao Rio ou a Bahia mesmo, não vai demorar tanto, eu sei que foi uma visão, havia águas se mexendo violentamente".

Seria difícil convencer ele a esquecer essa ideia até Melissa o engabelar.

"Bem, talvez não seja praia, mas se um enorme riacho, na antiguidade uma entidade celta chamada Maia revelava visões a alguns homens atrás das águas, eles deviam encontrar um riacho místico onde ali eles receberiam um chamado".

"Que tipo de chamado?"

"Uma mensagem que o chama para vida, uma resposta cósmica".

Tudo isso entrou nas profundezas do cérebro de David como bala de revolver, ele se levantou apressado.

"Temos que encontrar esse riacho".

Caímos na estrada a procura do tal riacho místico, uma fábula que era real naquele instante, sem sentido e sem uma construção lógica mas real pois a buscávamos.

Chegamos num riacho no norte do Mato Grosso sul onde ao olhar o local precisamente David apenas disse "Não" e voltamos a estrada e passamos por mais 4 rios até chegar no Estado de Goaias. No caminho Reparei nos jeitos trejeitos de Melissa, como ela fala e como ela se comporta, já me adianto e digo que estou apaixonado por ela. O homem sempre as observa por suas curvas e linhas, então a respiração fica forte pórem agimos naturalmente pois atração é um Instinto corpóreo, seja por atitudes como a forma dela falar ou simplesmente o externo como suas pernas, rosto e sordidamente os seios. Mas nunca pode-se confundir atração instintiva com sexualização idiota e animalesca. Curioso o fato de que já me apaixonei tantas vezes que daria uma constelação no céu de aeon, e todas as vezes foi verdadeira e intensa a sua maneira, desde as que nem se quer eu tinha chance, as idiotas e passageiras e também as

poucas na qual me relacionei, e tudo é sempre novo novamente. Um cair eterno em um funil de flores coloridas.

Voltando a cronologia da estrada, acabamos por parar numa espécie roça onde David saiu para mijar, víamos ele se afastando e andando a adiante, gritavamos mas ele não respondia, o seguimos até o som do cair de águas. Tudo para David era um sinal. Ele seguiu cegamente o tal sinal. Encontramos uma cachoeira linda, a queda tinha uns 8 metros e a cor da água era um azul de bolhas brancas, era limpa. Havia lá um grupo de jovens caipira da região mesmo, David sorridente dizia "É aqui! KA KA KA! É AQUI!". Ele seguia o Rio.

"Vai aonde David?" - gritei ao ver ele se afastando de nós.

"Em busca da revelação, em algum lugar ou momento irei a encontrar" - ele está decidido.

"Vamos com você" - diz Melissa.

"Não, tenho que fazer isso sozinho, me esperem aí mesmo" - então se vai David como um louco a partir pelas pedras e mato.

Se tudo isso tinha um sentido não sei mas foi aí que cair em paixões por Melissa, vemos David se afastar em suas visões e busca por sinais leviaticos até que a sós nós nos sentamos sobre a rocha gelada a beira do riacho, sem dizer nada, sem pensar em nada, sem grosnar ou latir, apenas escutamos tudo, tudo que nossos ouvindos podia ou não podia escutar. Me lembro de quebrar em seguida o rito místico de intimidade com algo idiota, ela rir e eu morro mil vezes por ela, falamos sobre a vida e a falta dela, eu lhe disse que queria ser uma borboleta para poder sempre pousar em seus vestidos de aroma jasmim, ela me disse que as borboletas dançam como as virgens, nuas e radiantes sobre o fogo do sol. O vento era um acorde de arpa entre a floresta enquanto ela despia em minha frente e eu morria mil vezes por ela novamente.

3 horas depois volta meu amigo David com suas visões, estava firme e convicto. O perguntei se havia encontrado o que procura e ele me diz que sempre o teve, e que as águas e suas sereias o mandaram seguir em frente e sempre em frente. O que não diz nada mas pode-se dizer muitas coisas se você permitir, não foi uma parada inútil e nem indevida já que de alguma forma trilhamos uma estrada de revelações do presente, David achou sua verdade, Melissa achou sua devoção e eu encontrei o renascimento para mil mortes.

Depois de mais dois longo dias de viagem e paradas com direito a pequenos delitos de roubo de gasolina de outros carros, paradas em adegas moribundas e calejadas, motéis baratos e uma forte noite de amor no banco de trás de um carro Strada modelo 2005, chegamos a Belém do Pará numa quitenete de dois quartos herdada por Melissa, sentei me na bancada daquele décimo andar e olhei a cidade, lembrei-me de meu pai e de quando era um miúdo dormindo abraçado numa cama de colchão fino nas noites da roça, me sentir sozinho vendo todos aqueles prédios distante de mim, tremir de medo, por onde meu pai anda agora e por onde andam todos?

Parte 13

Me encontro 2 meses depois numa sala de visitas dentro de uma cadeia, a minha frente está David e seus olhos pesados, a tocha apagada de um atual viciado que um dia fora um vagabundo a vagar energicamente sem destino, agora um desconhecido com a barriga a frente da cabeça se lamentando para mim. Me pedindo para pagar uma fiança de 3 mil reais na qual não eu não podia, não tinha tal dinheiro. Ele rir para mim e percebe que tem que pagar pelos seus erros, nessa vida e na próxima. Como refúgio me pergunta sobre Melissa e com total pesar eu minto para ele.

"Ela acorda cedo todo dia e me beija suavemente, vamos pro trabalho juntos e estamos tão felizes quanto crianças no parque, pensamos em viajar para o Amazonas, ela fala muito de você, te xinga de sem prestígio e arruaceiro, mas em seguida relembra de nossa jornada pela estrada, estamos felizes e tudo flui".

David se alegra, apesar de tudo que o tempo lhe fez, ele ainda nos amava da mesma forma que ainda o amo. Tudo terminar nessa sequência de diálogos:

"Você vai voltar aqui para me ver?"

"Sinto muito, mas tenho que partir".

David joga seus olhos para baixo, penso que ele segurou muito bem a vontade de chorar que se fazia visível tanto em sua face quanto na minha. "Eu entendo... eu prometo que vou melhorar e quando eu melhorar vou atrás de você pra gente pega as melhores rotas".

"Eu sempre vou estar esperando".

Infelizmente espero até hoje, soube que ele foi solto, porém em menos de um mês foi preso novamente por roubar a loja de um posto de gasolina, o que me parece irônico, mas depois disso, nada mais sobre ele eu soube.

Sair da cadeia cinzenta no fim da tarde de um dia nublado, passei pelas praças e vielas, cruzei com drogados, famílias e comércio. Já tarde cruzei uma rua na qual nunca havia passado. Era meio morta, mas com uma luz azul néon que brilhava de uma casa noturna, passei direto e na esquina cruzei com 3 garotas, uma delas era trans e usava um colar com crucifixo, a outra era uma negra de cabelos lisos e a última não parecia ter mais de 19 anos, era cheia de sardas no rosto claro. marcando ponto na noite, me sentei na esquina da frente bem no paralelepípedo, me encararam por um tempo então a mulher trans foi até mim e me perguntou se eu queria pagar por um programa com uma delas e eu a disse não, só estava ali. Ela voltou e não disse nada, seus olhos se compadeceram por mim e eu pude sentir, 25 minutos depois um homem passa numa moto e para em frente a elas e tira uma arma enquanto grita "Tá aqui seu pagamento vadia!" Ele atira 3 vezes contra a mulher trans. Em seguida sai dali com sua moto preta como a morte. A trans sangra no asfalto enquanto suas amigas se desesperam e eu silenciosamente continuo falecido a frente.

Pessoas surgem, multidão e ambulância, a seguir vem a polícia e jornalistas, então desapareci até uma catedral católica, entrei no meio da missa as 20 horas e parei ainda falecido. A Deus pedi um sinal enquanto olhava aquele templo em sua beleza gótica com estátuas e detalhes, o padre em suas prece e servos pagando suas promessas junto à hipócritas

fingindo se importa com seus portões de arrogância, então uma menina de 4 anos corre pelos corredores com seu irmãozinho mais velho, a mãe desesperada querendo controlar aquelas crianças, ela a chama e as crianças não ligam, elas se sentam no tapete vermelho do corredor principal uma de frente a outra e vigiam os pombos no telhado, a menina corre para as laterais e a mãe pede ao irmão para que a traga de volta e então o menino parte em busca de sua amada irmãzinha.

Se fossemos a metade da divina pureza de uma criança, nosso mundo seria uma balança que pesa entre o amor e a inocência. Elas são a chave da vida, elas são as tábuas de esmeraldas, mas preferimos as corromper. Olhando despedido de minhas de minha soberba, as crianças me deram um pouco de felicidade.

Sinal, coincidência, acaso ou puramente nada, não importa nada além do fato de que sair daquela catedral renovado, tudo estava muito cinza até aquele momento. Cheguei em casa e no sofá estava Melissa com seu pijama me dizendo "Eu te amo", reponde-lhe "E eu sempre vou te amar". Me dirigir ao quarto e fiz uma pequena mala com minhas velhas coisas e voltei a sala.

"Por quê está partindo Max?" - No fundo ela sabia o porquê.

Antes eu não saberia responder essa pergunta, mas agora tenho a certeza de que preciso;

"Por que você não é real".

A deixei na madrugada e com uma mochila em minhas costas desci o elevador, olhei o celular que apitou uma mensagem em meu WhatsApp;

"O que sou pra você agora e o que devo fazer?" - era o que estava escrito em sua mensagem.

Antes de largar o celular no carpete do mesmo elevador eu a respondi com o último ponto final;

"Você é a minha ilusão e sinceramente, você deve ser real agora!".

Bem, como isso chegou nesse ponto? Na verdade, nesse tempo em Belém eu deixei de escrever, muitas coisas aconteceram e talvez eu passe muito rápido por tudo, talvez eu não fale do meu amor com Melissa de uma forma tão intensa como realmente foi, mas relato memórias distantes nesse momento. Ao chegar em Belém tentei iniciar uma vida normal, arrumei um emprego numa empresa média de marketing, e curtia as noitadas pelos clubes com Melissa e tudo se seguia com o sexo fervilhante e alguns minutos de conversa, eram os melhores momentos, eu falava e falava e ela me escutava e retrucava construtivamente, falávamos em ter filhos, em casamento e em viagens, ela trabalhava como secretária e ambos queríamos algo a mais, nesse tempo David se drogava e bebia como nunca, havia criado tanta pança em um mês quanto o beijaflor bate as asas em um segundo, era o lado aposto de um imã, enquanto eu e Melissa subíamos ele decaia e decaia. Tentou emprego como zelador, segurança, chofer e ajudante de mecânico. Não durou em nenhuma e então teve sua primeira prisão por furtar um notebook de uma mulher, pagamos sua fiança de 900 reais e decidimos que ele não moraria mais conosco, no entanto o ajudaríamos com tudo, arranjamos um local pra ele ficar mas na verdade ele só piorou, vivia a beber e se drogar com putas e fazia alguns bicos, já não falava muito comigo, eu o visitava mas raramente o encontrava então deixava cartas ou mensagens, depois de 1 mês e meio descubro que ele foi preso por uma ligação dele mesmo de dentro da cadeia. Estava sendo acusado de quatro crimes diferentes, de comprar e usar grandes quantidades de drogas ilícitas, dirigir drogado,

furto de dinheiro e por fim por fazer sexo com uma garota de 17 anos enquanto estava drogado em seu carro.

Pouco antes e durante isso, minha relação com Melissa ia se plastificado e tudo começou com a perda de sua avó, ela a amava muito e quando soube que a perdera ela se afeiçoo a mim como um Deus cultuado, tudo que eu gostava ela também gostava, tudo que eu fazia ela se interessava, tudo que eu bebia ela também bebia, todos meus desejos ela satisfazia, e eu me sentia o rei do mundo, como se encontrasse a garota perfeita para mim, a garota que me entendia e que era como eu. Sem perceber eu era um Assassino, um facínora e ladrão. Ela se adequava a mim em mentiras que ela mesma acreditava pois estava abalada demais para ser ela e eu me a fazia ter medo, eu a fazia se afasta dela mesma mesmo não querendo isso.

Melissa deixava de ser ela e desintegrava a cada segundo perto de mim, antes era forte como uma artista, agora uma escultura ao meu bel prazer, antes um furação intelectual e agora um livro que repete citações e parábolas, antes uma alma divertida e misteriosa e agora nada além do que eu, eu que sempre quis alguém parecido comigo, que rezei por uma alma gêmea que atendesse meus gostos, percebo agora que tudo que precisamos é singularidade.

Melissa passou a ter delírios noturnos e um senso de submissão que me degradava, e então eu deveria ser dela, nesse tempo compramos um celular para mim na qual ela me monitorava, eu já não podia sair, ela sempre estava ali a meu lado, e ela nunca era ela, não aquela belsade mística e única na qual me apaixonei e morri, ela era fria tentando ser quente, uma atriz num circo sem fim e aquilo me enlouquecia.

Numa noite de sexta voltávamos do cinema e eu tagarelava sem parar falando de tudo que o filme havia nos apresentado e a cada frase ela soltava vícios de linguagem como "SIM! eu também achei isso, você tá certo! Conte mais! Você está sempre certo!" E então toda empolgação se esvai de mim até que paro de falar, olho os outros casais e por um instante tenho inveja de todos. Em casa ela quer sexo mas não consigo, tenho a incerteza se ela irá fingir, o receio já tomou conta de minha mente e toda hora me pego pensando se a cada coisa que ela faz é real ou não, me lembrei de quando acabamos de chegar em Belém e saímos na noite até um restaurante rústico onde foi servido um prato típico irlandês que diziam ser místicos, cometi o erro de fazer piadas e então passamos metade da noite discutindo o místico e o outro mundo, o inferno e seus demônios e toda conversa era feita de contrapontos que instigava nosso raciocínio, e ao fim sentávamos nos bancos de pracinhas e nos amávamos olhando as estrelas.

Um amigo me apresentou um projeto futuro de jornalismo, ele era fotógrafo e iria para uma ilha na Amazônia onde havia uma tribo chamada Taquarari, onde os indígenas viviam em conjunto a natureza de uma forma exclusiva deles, algo diferente com outros costumes, algo que não sei ainda, mas que brilhou Minh 'alma. matutei essa ideia por 3 dias até que pedi demissão do meu então atual trabalho. Cheguei em casa e a vi no chão da sala perfeitamente azul, bem no fundo ainda a via do jeito que um dia a vi, ela olhou para o meu rosto baixo e sacou tudo, ela não burra.

"Se você for eu irei me matar".

Seu olhar penetrou as grades de meus olhos, será que ela falava a verdade, será que nesse momento ela era real? Tive medo e então percebi que estava acorrentado. Eu que prometi viver eternamente em flashs de liberdade não podia aguentar aquilo, eu tinha que me libertar e a libertar de mim também.

O telefone toca, era David da cadeia depois de 1 mês sem dar notícias. Naquela mesma noite me despedi de um amigo, naquela mesma noite vi alguém morrer, naquela mesma noite pude sentir a presença de Deus, naquela mesma noite me libertei das correntes que criei e na naquela mesma noite eu nasci ainda eu.

Me martirizo pensando se fui covarde ou se fiz o certo, eu era um problema e sem mim ela vai encontrar uma forma de viver, mas talvez poderíamos encontrar essa forma juntos, talvez não saberíamos como, talvez estaríamos fadados a recaídas, talvez meu amor houvesse sumido, talvez eu não saberia de nada.

Eu a levo no passado há um motel de luxo, estamos sentados na banheira e ela põem minha mão sobre a dela na água quente.

"Já pensou em ter filhos?" - me pergunta Melissa.

"Eu acho que não seria um bom pai atualmente".

"Você está enganado, você seria melhor que eu".

"E qual seria o nome da criança?"

"Se for menino e Matheus e se for menina... Gloria!"

"Então vou rezar pra ser menino, Gloria é uma tragedia!"

"Idiota!"

Caminhamos pelo setor de bolachas no maior atacadão de Belém, ela ensaia dramaticamente suas pesas vindas de sua cabeça e que escreve num papel. E eu, bem... eu levo o carrinho e a deixo brilhar;

"Por ti, navegarei aos mares do deserto com minha nau de juras de amor, oh Henrietta de Avalon, rainha das torres ladrilhadas de beleza purpura, diga-me agora, quantas vezes devo morrer por ti?"

"Morra uma vez e renascera para mim!"

"Não seu idiota, está errado. Morra para te mesmo e renascera para mim. Vamos de novo".

O sol de despede de nós em um fim de tarde nublado onde as nuvens gritam e cai as bancadas de chuva. Eu a seguro pelas mãos e corremos na rua apressados para chegar em casa.

"Calma Max, calma!"

"Vamos nos molhar se não corremos".

"Já estamos molhados, e qual o problema? É só água. Pensei que fosse mais viril".

"Diz quem não conseguia nem correr ".

"Aposto que corro mais que você!"

Ela como como uma folha no vento da chuva e eu flutua sempre atras dela.

Deitados na cama a madrugada, pelados e suados e felizes e satisfeitos... deslizo meu dedo em seus fios de cabelos e ela reluz num sorriso extraordinário ela me diz;

"Te amo!".

Parte 14

Cintilante es, as águas do rio Amazonas que me leva a barco pelas suas trilhas e bosques, e machucada é minha alma e meu coração que chora por deixar alguém que amo, muitas pessoas fariam de forma diferente, mas cada pessoa é uma pessoa e eu não quero ser uma doença e nem um parasita, eu sei que ela é forte e que construirá um muro mais forte do que os que ela já criou, um muro com escadaria para o céu e suas dimensões.

Estou a caminho de uma aldeia indígena onde quero aprender a viver como pedras em nascentes formando passagens para as águas. Quero esquecer o tamanho do mundo e todos seus problemas, quero saber que ao meu redor ainda tem vida e que toda bijuteria luxuosa ao redor não é de nada. E assim eu desço para ancestralidade.

Sai do Pará em um ônibus rumo a Manaus, foi uns 50 reais gastado na passagem e quando cheguei me dirigi a um barqueiro indicado pelo meu amigo fotógrafo, me cobrou uma boa grama para me levar até a tribo, ele era velho e tinha um jovem negro que o ajudava e aquele cara era demais, eu ria de tudo que ele falava e ele nem fazia piada só tinha uma feição muito engraçada e um jeitinho hilário, seu apelido era Negão. Muito diferente do dono do barco que era mais fechado e bebia sempre uma pinga numa garrafa de água, ele era o cara mais mentiroso que já vi, contava história do tipo que dizia que ele já matou um jacaré de 6 metros na faca quando caio no rio, que já lutou com uma onça aos 14 anos de idade e que foi picado por uma cascavel e o veneno nem fez efeito pois a cobra morreu e ele chupou o veneno (isso nem faz sentido, mas era divertido). Esses momentos me tirava a tristeza que me acompanhava.

As vezes eu penso que demoro algum tempo escrevendo sobre pessoas que passaram muito rápido por minha vida mas elas me marcaram e fizeram parte disso tudo, eu as carrego comigo por isso as descrevo, todo ser humano é complexamente interessante, mas voltando às memórias... lembro me dá minha primeira impressão ao chegar na aldeia Taguarari, todas aquelas pessoas me olhando. Para chegar lá não é fácil, é uma ilha dentro da floresta amazônica que fica bem longe da cidade, há um tráfego de barco algumas vezes na semana que vai para lá e mesmo assim é isolado, "perfeito pra mim" pensei!

Havia cerca de 230 indígenas na aldeia, todos tampavam suas partes íntimas baixas, mas realmente usavam poucas roupas tirando muitos poucos ali que iam constantemente a cidade e se adequaram as roupas modernas. Tirando eles, havia alguns estrangeiros como eu, que foram por meditação espiritual ou trabalho jornalístico ou literário, sei lá. O líder da aldeia era um senhor de uns 60 anos que aceita as pessoas e tem o prazer de mostra sua cultura, é um sábio e grande homem, seu nome era Porã, quando cheguei me levaram a ele que me fez algumas perguntas e me deu boas-vindas com um chá quente e um abraço. Ele gostava de apresentar sua cultura e suas maravilhas que eu estava a disposto e ansioso a aprender, um rapaz me levou a uma tenda onde os visitantes ficavam e lá dormiria comigo outros 4 estrangeiros que na verdade não tive muito contato.

O rapaz que seria meu tutor já tinha esse costume, era um dos poucos estudados e que completou o ensino médio, seu nome era Guaraci. Fomos bons amigos, ele queria conhecer o mundo afora e eu queria conhecer a beleza daquele mundo, então eu lhe contava sobre minhas viagens e lugares que já fui e ele me apresentava tudo sobre sua cultura. Ele me levou para caçar, para jogar seus esportes, colher alimentos e catar cocos e bananas e principalmente a pescaria que foi o mais maravilhoso pra mim, não porque eu amava pescar, mas quando

chegamos ao rio pude ver as moças lavando roupa a beira-rio, e lá vi uma índia que olhou para mim com um sorriso tentador, fiquei sem graça o que só atrapalhou a pescaria na qual eu já era um fiasco. Pegamos alguns peixes pelo menos.

Nunca tive coragem de chegar nela pois a tradição era clara, eles deviam casar e desfrutar do casamento pois a mulher é uma raiz pura e virgem e o homem um destemido protetor dos seus costumes. Bem, havia uma pequena parcela de índias que iam a cidade e se deitava com homens as escondidas, mas a maioria eram sim puras. E Yoki era do tipo santa, tinha uma saia de palha ou sei lá o que era aquilo, tinha os seios pintados de tinta preta, uma tiara e umas listras no rosto junto há uma manchinha roxa que era uma espécie de queimadura.

Certa noite eu converso com Guaraci em volta de uma fogueira e perguntei sobre as garotas da aldeia, desejo é desejo em qualquer parte do planeta e com um sorriso Guaraci me falava de várias garotas e como eram (Ele falava com um sotaque que eu não saberia reproduzir em textos).

"As garotas são bem tímidas e protegidas, tem as mais bonitas e as mais feinhas também, e o que mais gosto nas garotas da cidade é que são mais ousadas e diversas, mas as daqui tem um jeito natural se você me entende, um charme e um jeito mais puro, eu sou apaixonado por Janaina, ela é a mais linda e pura das garotas, vou casar-me com ela ainda".

Infelizmente Janaina não era pura, eu via as vezes ela saindo junto as garotas que iam a cidade e lá se deitava para homens brancos. Claro que não falei pra ele mas isso é algo que ele vai perceber e alguém melhor virá.

"Mas por que a pergunta, não me diga que tá gostando de alguém da vila?" - Podemos ter a visão erronia que os indígenas são sérios e fechados, porém são divertidos e brincalhões e até irônicos assim como a gente.

"Me fale um pouco sobre a garota com uma queimadura aqui na bochecha?"

"Hum!, ele tá gostando de Yoki KAKAKAKA... ela é da dela, nunca vi ela com nenhum homem, meio sem sal pra mim".

Com o passar do tempo meu desejo diminuiu e o estilo de vida simples já tomara conta de mim, eu acordava ao fim da madrugada e pegava uma canoa que me conduzia aos mangues, tive meus contatos com diversos animais como jacarés, peixes gigantes e cobras. Deitei me sobre um gramado determinada manhã e algo passava sobre mim, algo gelado e escamento, a serpente era uma sucuri de uns 3 metrôs que passou pelo meu peito sem me fazer qualquer mal, eu não era seu inimigo, eu era apenas um corpo na grama, ela não ligou pra mim e passou direto, no início eu paralisei mas então percebi que a natureza não é algo ruim, ela pode ser difícil mas sempre há a harmonia em tudo e tudo se constrói ao nosso prazer se termos fé.

Assim como um sol aparece no céu no dia exato que você quer sair e logo depois de dias chuvosos, assim como aquilo que tinha tudo para dá errado e mesmo assim dá certo e te anima, assim como você encontra uma boa alma para te guiar quando está perdido, assim como você se apaixona após achar que o amor não valia a pena e assim como o destino me colou a caminho de Yoki quando já não pensava mais nela.

Toda tarde por volta das 16 horas quando o sol começa a fraquejar eu e Guaraci íamos catar algumas frutas porém nesse dia Guaraci tinha

ido a cidade e eu fiz o percurso sozinho, na mata ouço um choro vindo do rio e quando fui atrás do choro era Yoki sentada na lama com um corte na perna algum animal havia a mordido mas não era nada demais, ao me ver ela agiu fortemente, eu lavei minha camisa e amarrei a perna dela, enquanto tentava puxar assunto. Ela falava com sotaque mais lento que o normal. Sentei me ao seu lado e perguntei se ela já tinha ido à cidade grande, ela disse que já foi algumas vezes para vender doces e essas coisas. Ela me perguntava muitas coisas como "Como é metrô?" Eu respondia deixando tudo mais intrigante a minha maneira e assim já era tarde, voltamos a aldeia e no outro dia ela levou um doce para mim, assim nos tornamos amigos.

Provavelmente o que fiz foi errado, porém marquei com Yoki e Guaraci que os levaria em um parque de diversões, e assim o fiz, peguei o dinheiro que ainda tinha e saímos as 15 da tarde de uma sexta, horário em que o jovem Negão levava alguns turistas para dá passeios sendo contratado agora por outro patrão, fomos com ele a Manaus e lá comprei um vestido florido para Yoki na qual ela adorou, pela primeira vez a vi de rosto liso e puro. Guaraci usou minhas roupas e fomos a um parque onde tive dinheiro suficiente para 3 brinquedos, algodão e pipoca doce para cada, além de uma birita e um cachorro-quente na qual não pude comer pois faltou grana, mas estava contente por eles.

O primeiro brinquedo foi a barca, quando ela subia a ponto de parecer que íamos cair, eu olhava Yoki gritando de medo e Guaraci solta a suas mãos loucamente e então a barca desvia trazendo aquele frio na barriga, logo fomos no guarda-chuva onde vimos a cidade brilhante de cima e ao descer vomitamos as pipocas. Por último esperamos 1 hora na fila para entrar na montanha russa e foi incrível, aquilo ia subindo devagar nos fazendo ficar apreensivo e quando descemos, Yoki desmaiou

por sub segundos e voltou com todo vapor de emoção que nunca tiveram. Pensei sozinho que da mesma forma que as pessoas da cidade estavam fora das maravilhas espirituais e toda conexão antimaterialista da aldeia, as pessoas da aldeia também estavam excluídas de toda diversão tecnológica e piscante da cidade grande.

Passamos a noite na cidade passeando de jardim em jardim e eu os fiz beber vinho pela primeira vez, tomamos uma garrafa inteira e tudo depois ficou ainda mais alegre.

As 5 da manhã voltamos a aldeia onde algumas pessoas deram nossa falta, mas falamos que estávamos pescando e que a canoa virou por isso não levamos os peixes, sei que tive uma fama de má influência entre algumas moças.

Guaraci me apresentou técnicas de meditação espiritual ervas da vila, eram exclusivas para homens, mas fazíamos eu, ele e Yoki. Íamos numa caverna e sentávamos de frente um para o outro e tomávamos um chá quente que descia pelo estômago como um sonífero que relaxava cada parte do meu corpo e arrepiava tudo ao mesmo tempo, era incrível, eu poderia ficar horas olhando as grutas e as pedras da caverna que seria algo maravilhoso como tudo estava sendo, todos os problemas que já tive deixaram de existir e todos que poderiam aparecer estava fora de cogitação. Eu me sentia Deus ou um Kami oriental, numa energia alinhada a grãos e grãos e um subto prazer que me engolia pelas formas e cores que iam surgindo por um canto de pássaros.

Nesse mundo tudo tem um porque, ou pelo menos acreditamos que tenha ou simplesmente necessitamos de um porque, os porquês podem fazer precipícios se tornarem pequenos buracos no asfalto velho no sentido de que fica mais fácil julgar ou compreender aquilo na qual

conhecemos, acordei com a notícia no rádio que um pai abusa sexualmente da própria filha de 9 anos, pessoas dizem que ele agressivo, que ele já passou pela cadeia, que sua família não é flor que se cheire, que ele bebia muito e vários porquês que faziam as pessoas entenderem como aquele cara foi capaz de abusar da sua filha, algumas pessoas vão dizer que aquele cara teve uma infância de merda, seu pai também era agressivo e batia em sua mãe, que ele teve que trabalhar em lavoura de cacau aos 9 anos de idade e que as ruas o bateram muito. Tudo isso de certa forma é válido, mas se não existisse motivos, se ele nunca sofrerá nada e simplesmente fez o que fez, isso seria apenas monstruoso.

Por isso temos sempre que buscar um sentindo ou uma resposta pelo menos, um sentido pra vida, pra morte, pra dor, pro respirar, pro amor, pra guerra, pra fome, pra rebelião, pro nascer do sol e pro crepúsculo, pra batata que brota na terra e os pássaros que sobrevoa o ar, um sentido pro escuro e seus pesadelos, pro chorar e o sorrir, pro beijo e os tiros de espingardas, pro sim, o não e o talvez. Não precisávamos saber o sentido de tudo pois nunca saberemos, porém para tudo deve haver um e ele deve estar por aí soprando do Sul ao norte e do norte ao leste, como garças em migração, e precisamos dele.

Na hora mais escura eu clamei por sentido, e como flash de liberdade ele me veio. Após 22 dias na tribo Taquarari eu suava pelo trabalho árduo, mas prazeroso junto a natureza, junto com meu amigo Guaraci catávamos batata doce nos ramos, algo me preocupava aquela manhã, uma angústia se precipita em meu estômago que se revira junto uma sede inacabável na garganta. Eu estou ali com minhas mãos na areia quando escuto Yoki gritar meu nome, sorriu e me levanto quando tudo se congela e uma picada como agulha atravessa minha perna, eu olho ao chão e uma cobra coral me olha de baixo, ela me sussurra a palavra morte e eu choro para ela. Caminho gelado para Yoki e a ela eu me esforço pata

rir antes de uma dor vulcânica me derrubar e meus olhos enxergarem apenas o nada.

Passei duas semanas da minha vida entre a vida e a morte, ou eu apagava em não existência ou eu agonizava em dor e febre, meu Deus! eu não queria morrer ali, eu não queria morrer, passeia toda minha vida dizendo que só os idiotas morrem e eu não queria ser um idiota, poxa! o que eu fiz de marcante nessa vida? Sempre sonhei alto, eu quis poder escrever roteiros e fazer filmes para cinema e quem sabe ir pra Hollywood... nem cheguei perto disso, eu sempre quis escrever livros que pudessem marcar a vida de pessoas ao redor do mundo e nem um conto de criança eu tinha feito ainda, eu queria me casar com alguém que eu amasse e que me completasse, juntos teríamos 4 filhos, Lisa, Alysson, Tell e Clara. Três garotas e um garoto, e nem o amor da minha vida encontrei ainda. Sempre quis aprender a tocar instrumentos e ter uma banda que tocasse e se importasse com o mundo, sempre quis mudar o mundo de alguma forma, mas nem sequer consigo mudar os meus defeitos. Sempre queremos mais do que podemos ser, mais do que podemos fazer e mais do que podemos sonhar. Eu não ligo, eu quero ser, quero fazer e quero sonhar até minha mente explodir e se ela explodir eu colo e faço ela voltar a funcionar pois não quero morrer e afinal de contas... quem quer?

Entre chás, remédios e repouso eu sentia alucinações, em minhas visões, eu via minha família distante de mim e eu nunca os alcançava, via meus amigos e eles não sabiam quem eu era, vi minha cachorra no céu, ela morreu quando eu tinha 14 anos, eu a amava. Eu vi uma criança com asas chorando por que não sabia voar e sua família estava nas nuvens, uma menina tira de seu coração um cata-vento e a criança com asas sorrir levantando voo e então a menina morre, antes dela se apagar eu a pergunto o porquê dar seu coração e ela aponta pro céu e desaparece, eu acho que estou numa montanha, e o céu está amarelo e a criança está com

a família, 3 grandes asas batendo ao vento e cada batida soava em uma cor diferente que se juntava em um arco-íris, eu sentia meu coração parar e todo aquele mundo perdia a cor, eu não queria morrer! Eu quero nunca morrer!

O gosto do pirão de farinha é da farinha molhada era constante em minha língua, as alucinações se repetiam e as dores vinham toda noite como uma amante calorosa, e eu percebi que estava numa canoa remando contra uma correnteza colossal que me levava as cataratas do fim do mundo, remando ou não, eu só prolongaria o tempo de queda e eu sabia, mas se eu morresse ali eu era um inseto na mata, ninguém se importaria, ninguém saberia, eu quebraria minhas promessas que não cumprir, eu desapontaria minha mãe que espera eu a abraçar em algum momento no amanhã. Eu já não sinto dor, já não quero comer, já não alucino, já não tenho febre e já não remo mais, eu estou sumindo dentro de mim e migalhas do que fui e sou caem naquela cama dura no coração da Amazônia.

Quando eu era uma criança de uns 7 anos creio eu, fui a praia pela primeira vez com meu irmão, pai e mãe. Era algo mágico, era incrível e imenso! Eu estava no universo de contos de fadas, meu pai dizia para eu não ir fundo na água pois o mar era traiçoeiro, como algo bonito poderia ser mal? Eu me aproximei da água com meu irmão, eu ria pro meu irmão e então a onda veio e me puxou com minha boia e tudo, meus pés não encostaram na areia, a água invadia meu rosto e eu só conseguia olhar pra cima e o céu estava lindo mas mesmo assim eu tinha medo, eu me mexia mas não conseguia pedir ajuda, eu não falava ou gritava eu só estava quieto e com muito medo, pensei que o mar me levaria e todos peixes iriam comer uma parte de mim, mas meu irmão estava ali e ele segurou minha mão como um Deus Ex Machina e me tirou do escuro azul do mar.

No presente a cobra conseguiu me derrubar, eu não falava ou pedia ajuda mais, eu desisti de remar e fechei meus olhos sabendo que meu irmão não estaria ali novamente, o sonhador irá ao reino do sonhar com todos os que desistiram de viver e todos que tiveram seus sonhos roubados, perdi o medo do mar, pedir o medo do escuro e também perdi o medo da morte. Mas quando cheguei ao fim do rio alguém me sussurrou "Você não precisa cair se não quiser", eu abrir meus olhos e Deus falava como um estrondo de trovões nos ares e sua voz era absorvida por meu corpo como vinho doce e suave, eu não caia... eu inacreditavelmente voava sem precisar de asas, então me ajoelhei e chorei a Deus e ele me respondera;

"Você filho da terra e dos mares, tamareira em busca de sol e alma em busca de verdade, saiba que você escolheu a vida e do teu amor eu lhe concedi a libertação, vá e viva, vá e ame, vá e lembre-se que o meu mundo é belo!".

No mesmo instante eu acordei, acordei sem dor e sem febre, acordei de um sono de minutos, acordei ligado no universo e em seus cometas, como o filho pródigo eu decidir voltar com tudo para casa, para os meus amores e minhas lembranças, mas com a noção de que tudo havia apenas começado. Dois dias depois eu partia da aldeia, me despedi de Guaraci e do líder Porã que me acolheu a sua cultura, foram dias que me curaram de minhas insônias e vermes próprios, me realocaram a natureza pura e árdua que resplandecia toda verdade dos homens e seus animais.

Antes de partir pude ver Yoki me chamar, ela que antes pura se despia a mim em sua tenda, Ela que sempre em alerta, ali abaixava sua guarda e escondia em seus cabelos e no desprotegido rosto sem maquiagem, fizemos sexo e trocamos palavras que suspiravam como um abrigo em meio tempestades, ela me disse para nunca olhar para trás e assim eu fiz quando sai daquela ilha de barco, e do barco peguei um

ônibus até Belém e de Belém eu voltava a minha terra, a meu estado, e de Salvador eu pegava um ônibus a minha terra Natal. Um ponto no nada esquecido pela humanidade e protegida pelos espíritos das florestas e riachos, uma tangente das capitais com passos lentos e muitas vezes retrógrado, onde muitas pessoas não espera nada, lá está o lado reluzente de meu coração, meus amados amigos, meu primeiro amor, o abraço de meus pais e mil e uma memórias de algum tempo perdido no tempo.

Parte 15

Existe momentos que você para no tempo e flutua pela própria consciência em angústia, a gravidade atinge seu estômago e um frio espiral roda dentro dele e o seu redor é vazio, então você procura um nada para te entreter, mas nada tira o tédio e você tem medo do que sua mente pode te trazer. Minha mente me trouxe aos meus 4 anos onde meu irmão 4 anos mais velho me acordava às 11 horas da noite, horário na qual a gente marcava para sair de nossas camas numa roça escura e sem eletricidade para irmos para a cama de nossos pais, nos encolhíamos no meio deles e podíamos ouvir nossa mãe reclamar "vocês não têm cama não?" Meu pai nem percebia de tamanho o poder do seu sonhar. Então ali dormíamos todos juntos e eu achava que aquilo era para sempre, o sempre foi só até aquela noite, o para sempre foi até às brigas vim e todos os dragões da separação, das mortes e das palavras mal faladas.

Agora chego a minha cidade natal e não tenho saudosismo nem o brilho que deveria ter, é como se o lugar que eu mais conhecesse fosse algo estranho e por isso tenho medo, nada mudou aparentemente, mas muitas pessoas não estão mais ali, eu saio da rodoviária e caminho pela rua e cada pedra no chão que piso gruda uma parte de meus velhos pecados e me atormenta.

A desolação dos meus sapatos gasto se deu na minha velha rua na qual todos olhavam para mim e eu sabia disso, passava por todos, mas sem olhar para trás, nunca olhando para trás e assim indo sem vergonha e sem medo até ver que ninguém sabia meu nome e ninguém se importava, eles olham por segundos quem passa e nunca mais esses instantes irão retornar para o reino de suas mentes e desaparecerão no vale do esquecimento.

Parei-me de frente minha antiga casa onde passei 12 anos de minha vida e lá dentro estava minha mãe provavelmente cozinhando a melhor comida do mundo em seu novo fogão que ela tanta ama, mandei algumas cartas, mas nunca pode receber alguma, eu entrei pelo corredor e vi que desde que sai houve muitas reformas e mudanças o que é bom. Eu bati palmas e gritei timidamente, eu estava com uma certa barba e roupas bem velhas na verdade, mas quando ela apareceu no vão da porta lhe faltava ar e de seus olhos caiam tantas lágrimas que se fossem transformadas em água mataria a cede do mundo. Naquele momento ela chorava como se desce a luz pela primeira vez novamente e aquilo me fez chorar e recitar um forte "Mãe".

Nos abraçamos e não demorou para ela me sequenciar de perguntas diversas e rápidas e eu tinha todo tempo do mundo para responder, até porque eu estava comendo suas deliciosas cocadas! Ela me perguntou o que eu queria e respondi um banho, entrei naquele banheiro xadrez onde a descarga vivia dando problema na minha juventude e então tomei me um banho longo e quente após fiz a barba e me deitei sobre seu quente colo e cochilava como criança.

Minha mãe como uma mãe sempre deu o mundo por mim, muitas vezes brigamos ou discutimos por coisas idiotas, as vezes quando nossas mães se vão pensamos nessas brigas, mas isso é idiotice, essas brigas são normais e devem acontecer sim, não devemos nos punir por isso, mas devemos recordar das melhores coisas desse mundo como duas crianças indo no meio da noite se entrelaçar com seus pais e hoje percebo que sim, aquilo era para sempre porque até hoje vivi em mim.

Então logo após seguir caminho até meu pai, bati palmas e gritei seu nome na escadaria de sua casa e da janela ele abriu e me ouviu dizer;

"Pai! Sou eu, Davi"

Ele sorriu e disse um "Oh Vii" abriu a porta para mim e eu o abracei, ele não chorara nem nada. Perguntou como eu estava e claro muitas perguntas a menos que minha e numa velocidade que o permitia pensar no que perguntar. Meu pai nunca foi de conversar muito com nenhum de seus 3 filhos, na verdade ele falava muito com meu irmão, mas só sobre trabalho o que para mim não conta. Acho que desde a separação fomos nos distanciando com o tempo e todas aquelas molecadas de menino. Meu pai é um homem da roça e de uma geração de couro e borracha. Antes que eu me despedir-se dele ele tocou a mão na minha orelha e a mexeu amassando-a, logo após ele entrar e eu sair à rua comecei a chorar consecutivamente pois eu sabia que ele me amava incondicionalmente. Meu pai nunca foi de demostrar emoções que sentia então desde criança aprendi o ler, o seu jeito de dizer que se importava é o mais bonito para mim, é a mais bela forma de conexão que é o toque humano, quando você tem a oportunidade de tocar em alguém que você gosta todas as linhas de seu corpo transmite amor e amor incontável, amor real, amor da alma pois necessita intimidade multa para ser tocado e poder tocar.

Talvez o momento mais triste de minha vida foi protagonizado por ele, quando eu partia para são Paulo e o via pela última vez, ele parou sua moto ao meu lado e conversarmos alguns minutos até a despedida onde eu disse que gostava muito dele e então eu vi o homem que não chora chorar e dizer que me ama por 3 vezes seguidas e aquilo me destruiu, uma turbina de avião me esmagava ao ver partindo em seu sofrimento interno, e como artista... Sem olhar para trás.

De todos meus amigos o primeiro que bati a porta foi Hugo, Hugo que sempre está ali para tudo sem se importar para a hora ou ocasião, desde jovens entediados íamos toda tarde caminhar ao anoitecer com as últimas fagulhas do purpuro sol alumiando nossas conversas tão sérias como qualquer conversa de adolescente e tão despretensiosas como qualquer conversa de amigos. Ele não foi o primeiro por preferência ou algo do tipo, quando se está em um grupo na qual ama todos é idiotice ter um preferido, gosto de todos de um modo diferente, sou uma pessoa para cada e para todos reservo meu carinho genuíno. E na verdade nos encontramos como qualquer fim de semana de qualquer dia, parecia que nada havia mudado além de nós mesmos interiormente e isso é bom.

Não falarei como foi o encontro com cada um, porém não posso deixar passar uma de minhas melhores memórias da vida até porque tudo é isso, memórias. Lembro-me de estar com todos numa noite em volta uma mesa na casa de Clara, sempre fui o bobo da corte, menino estranho e engraçadinho que agrada todos pelo bom humor, mas esse não sou eu, ou pelo menos o verdadeiro eu, mas quero que todos gostem de mim, quero mostrar para eles que sou legal e simpático e por isso sempre sou o palhaço. Mas era uma noite azul demais para atuar. Ao ver todos ali eu tinha muitas coisas pra contar, toda uma jornada, uma parte de uma vida, histórias e pessoas, o que eu fui, o que eu sou e o que me tornei e as coisas que vi, fiz e experimentei... Mas quando eles começaram a falar, me calei, estavam tão empolgados quando eu e tremelicavam em astúcia para me contar tantas fofocas e acontecimento que simplesmente me calei e ouvir empolgado todas aquelas coisas na qual não me importo, fofocas baratas e sem sentido algum. Foi maravilhoso pois eu olhava para seus rostos e os movimentos de suas bocas soprando o ar e me vinha a mente o quanto os amo, e que está ali já era tudo.

Os conheço tão bem quanto um homem conhece a um irmão, o quieto e reflexivo Pedro na qual também é meu primo, uma alma incrível, no entanto perdida as vezes. Com ele eu chego o mais perto de ser eu, ele fica horas ouvindo minhas maluquices como se fossem coisas normais em seu jeito introspectivo e sincero, o soltado calado que parece distante

e quando você acha que está falando pra se mesmo e desanima, ele demostra ter ouvido e absorvido cada palavra e cada virgula.

Henrique é quase o oposto, um bicho do mato de tímido que se revela um leão de humor negro e companheirismo, nada é profundo para ele e as coisas são leves e humoradas como folhas boiando nas águas, mas seja no fogo ou no deserto... Ele está ali falando algo estranho para quebrar o silêncio como um uma vela eterna e banhada ironia e um senso aventuresco.

Aristides, apesar do nome horrível ele é o homem de maior coração que já conheci, tudo é intenso e tudo é no agora, tantos planos apaixonados que nunca se realizaram, tanto projetos... Mas nunca o importou se eles iriam para frente ou não, para ele o importante é o agora, ele quer muito e sonha muito e eu nunca o direi para voar baixo pois o seu coração merece todo o céu, todas minhas loucas ideias são sustentadas por seu magico olhar de positividade.

Junior e Leia é um casal, o primeiro e único do grupo, a gentileza da mulher que é serena quando deve e arisca quando precisa, alguém com o sorriso que atravessar montanhas e a inteligência que atravessar correntes no nada que se completar com a loucura do homem que está aqui, lá e em todo lugar, um sábio sem barba e um artista sem sapatos com seu violão e sonho de tocar numa banda de bom reconhecimento.

Denis o enigmático, muitos podem o odiar, mas se o odeia é porque nunca o conhecerá de verdade, ele é fiel e verdadeiro como o sol e para mim alguém que quero sempre perto está, sempre o mais espontâneo e reflexo da humildade que um amigo poderia carregar, talvez o mais sábio, talvez o mais racional e com certeza o mais antigo dentre minhas amizades eternas.

Ivi é como... A inocência de uma criança traquina, alguém levada por uma infantilidade irritante e errônea na qual eu entendo, amo e surfo nessas ondas junto a ela pois sei que internamente ela tenha seus medos, e para eles também estarei lá quando ela precisa. Ao mesmo tempo ela esperta e entende como as coisas funciona, talvez ela tenha o melhor e mais diversificado papo com suas conversas que nunca se repete.

Clara é o meu amor, talvez o maior de todos, alguém de muitas feridas e muitos cortes, frágil como vidro, porém forte como aço. Costumávamos brincar que nos odiávamos e brigávamos toda hora e todo santo dia, mas no fim eu sempre lhe dizia o quanto a amo, por isso sei se que nunca teria uma chance com ela, me falta normalidade para não a fazer sofrer. Sempre que explodo em dor, é ela com quem alívio minha tortura mental. Ela nunca foi uma sábia e nunca me deu respostas reluzentes, porém ela tirava todas minhas dores com seu jeito de ser que me fascina. No início doía a amar, hoje sei que a tenho para eternidade.

Ter todos ao meu lado é lembrar por tudo que já vivi e todos lugares por onde passei, todas trevas na qual atravessei, tantos espinhos que me espetaram e tantas fezes que eu olhava pro céu e dizia que tudo ia ficar bem e no fim tudo realmente ficava bem, eu sou um homem de sorte e o mais sortudo desse mundo, e descrever pessoas que gosto é a coisa mais difícil pra mim pois o fato deu as verem de forma complexa e milharmente variante, faz eu olhar com admiração e carinho. Eu as via por uma janela secreta dessa vida onde eu podia observar cada um deles naquela mesa sorridentes e rodopiantes e eu não estava lá, estava a suas costas bem fundo, porém enormemente feliz pois eles estavam felizes.

Todas as coisas devem passar pois o tempo é um moinho que gira pelo vento do respirar e cada ventania é única. Aos dias eu passeava com minha mãe em casas de parentes e a ajudava no que fosse preciso e a

noite eu me encontrava com meus amigos para continuar as turnês sem fim de uma série de conversar inacabadas onde nos reuníamos no jardim da cidade sob a prata da lua, o verde das árvores e a luz forte da cidade. Eu podia ouvir Ivi falar alguma fofoca besta com Clara como se aquilo fosse uma descoberta universal alienígena. Pedro sempre sereno fala algo como "Meu Deus gente" e Clara crescia como se ela fosse a dona da fofoca e dizia um "pois é! E tem mais" então ela fala mais coisas como "Então o marido dela descobriu a traição..." e eu ouvia Henrique com seu humor mordido "Tem que mata, eu mandava matar e ressuscitava pra matar de novo, aí eu enterrava o corpo e jogava ácido por cima pra desaparecer com todas as provas." Então Pedro jogava seu bordão com um leve sorriso "Meu Deus!" e Ivi reclamava "Para de ser estranho menino" e em contrapartida Aristides fica em seu celular e a cada segundo vinha com uma informação que ele falava apenas para Hugo e ele falava com uma grande empolgação como se tudo fosse novidade extrema "Olha, o novo filme da Marvel que vai lançar - Vish! Olha o novo trap nas paradas de sucesso - vê essa melodia que vou aprender no violão! - Ah não cara sou muito fã do Shrek acho que vão estragar a franquia!" Hugo é talvez o maior parceiro entre a gente pois ele vai na onda com suas respostas que agita e satiriza de um jeito amigável como "É isso aí man, O Shrek é foda mesmo - podpah podpah é isso aí - Muito foda cara, show!" E sempre ele metia o sorriso mais sínico que já vi até ele começa a atentar Ivi dizendo que ela vai morrer solteira e aí ela surge com suas porqueiras de pôr água na boca e cuspir nos outros, Henrique sempre irônico "É por isso que não trago mais, só me faz passar vergonha" e então os meninos a pegam e tentam tampar a boca dela enquanto Clara rir de longe pronta para bater em quem falar alguma coisa com ela. Em algum momento nós sempre falamos de Junior e Leia que já não estão na cidade e lembramos de como eles são e aí surge a maior sequência de diálogos de Pedro "rapaz, Leia deve tá doutrinando o coitado do Júnior que nem sabia lavar um prato a tempos atrás" Hugo dava sua contribuição "O nosso brother também é mole por que se fosse eu... fazia a mulher sempre lavar prato, homem não faz essas coisas não" então ele ria da própria piadas fortemente o que me fazia rir e fazia as meninas ficarem putas "Leia tá certa! Junior com vinte e tantos anos na cara rapaz, tem que ajudar mesmo" falava Ivi e assim o tempo passava e quando reparávamos era hora de ir embora e partíamos pelas ruas como loucos em risadas, nojeiras e corridas... Clara e Ivi se infantilizando e falando uma linguagem diminutivo e idiota enquanto os meninos chutavam tudo que vinha pela frente. Menos Pedro que só acompanhava em silêncio com o seu "Meu Deus gente!" E então brigávamos e discutíamos e então chorávamos se abraçando até um ir embora pra suas casas e assim terminávamos a noite.

O porquê contei tudo isso? Acho que lembrar me fez sentir-me bem, sempre que estou sozinho eu sou umas pessoa diferente pois penso demais em tudo e isso me deixa triste, pensar nesses momentos bons me deixa triste e com medo de nunca mais ter isso novamente e acho que por isso tenho tanto medo da morte, mas já aceitei a melancolia como parte de mim assim como a alegria, paixão e qualquer outro tipo de sentimento.

Nesse mundo existe duas sensações incríveis, a primeira é quando você sai de casa com coragem e convicção e a outra é quando você volta para casa com amor e saudade. Não importa quantas milhas você caminhe nesse eterno mundo de meu Deus, não importa quantas estradas você pegue ou em quantas rotas dirige pois no fim... Você vai se ver velho e cansando pois o tempo chega pra todos e uma nova geração irá lhe substituir e você será a velha guardar agora pois está no seu limite, então você sentará sobre janela de uma quarto observando a chuva molhar as pedras do asfalto e verá que todo homem sempre precisará de um abrigo para enterrar seus ossos, não importa a rota, no fim o destino é sempre o

mesmo, é sempre o seu lar pois seus lemas irão perder o sentido e se tornarão rotina, e aqui estou em meu abrigo de tempestades, debaixo das asas de minha família e ao lado dos risos de meus amigos e me perguntando "Meu Deus! O que mais irei de querer nesse mundo, é isso que faz sentido". Ademais... só resta sonhar, e sonhar é um campo eterno.

Parte Final

Bem, eu me conheço muito bem para saber que não me conheço por completo e de uma coisa nessa vida sei... Eu ainda sou novo demais para parar de correr contra o sol e como já disse e repito, minha alma rodopia por aventura e meus pés ardem e gritam para que eu siga em frente seja aonde for, pois, maior que meu amor pelo mundo e pelas pessoas é minha curiosidade pela vida e seus segredos.

Eu abandonei meu emprego e sai estrada afora porque vi algo humano em um parque, eu cresci no tormento de uma separação e conheci meus ídolos que formaram meu caráter e minha sede pelo saber, eu conheci uma jovem moça vulgar ter o sonho mais honesto que já vi, conheci um velho homem que dirige a falar das coisas de seu passado como se fosse no hoje, eu conheci uma prostituta que luta pela vida em felicidade enquanto sua alma chora o aborto do filho que ela mesma fizera, eu vi uma forte chuva divina matar pessoas e derrubar colossais prédios humanos ao mesmo tempo que um arco íris brilhava em um céu azul, conheci um artista que me levou para seu mundo escupido de pessoas coloridas e lá eu vi novas cores com as lentes das flores, lá eu vi meus pecados e minhas negras nuvens que rodam meus ombros encorpados de dor, eu perambulei as noite da cidade grande com loucos poetas excitantes e reencontrei um amor que me revelou minha covardia, criei uma vida do zero com uma família de estrada pelas rodas do interior e as deixei pelo calor da juventude, eu caminhei com um irmão de estrada que me levou além dos limites da fronteira até o meu amor, me entrelacei em amor verdadeiro por alguém que nunca tinha visto antes e me afastei por ver o desconhecido se tornar a eu mesmo, me conectei ao mundo e sua natureza em árduo trabalho e uma paixão selvagem e a ela também partir com uma promessa, reencontrei todos que me fizeram eu e por eles chorei minha admiração.

As vezes vemos as coisas como um foguete delirante que decola ao espaço e pela vidraça da cabine do capitão vemos infinidades de planetas como se tudo pudesse ser nosso e então criamos a nós mesmo, pois ali achamos que já vimos o bastante pra ser alguém, nos tornamos rebeldes astronautas numa odisseia espacial contra nossos pais e contra a justiça dos que dão as ordens e conhecemos milhares dês rostos que te faz se sentir bem como um alien que você é, mas sem perceber todos aliens são os mesmo e você olha pra terra e lá não está você, quem é você a final? Não dá para migrar de mar em mar enlouquecidamente como uma locomotiva a vapor pois sabemos o que faz as máquinas se locomoverem. O que te faz funcionar? O que nessa imensidão te faz saber que você vive?

Meus queridos amigos, deixei de quebrar copos no instante que percebi que os vidros podem sentir dor e a água nos revelar a beleza ao redor, é como olhar o mundo e em tudo enxergar linhas e cores metricamente prefeitas que demonstre que tudo tem uma essência limpa se você as vê nas cores exatas. O pincel sempre está em suas mãos e você também é o criador. Os rostos serem lhe olharam como um idiota, e eu prefiro milhares de vezes ser um idiota, um estranho, um bobo da corte ou um esquisito, eu só não quero não ser eu mesmo dentro de todas as pessoas na qual me descobrir ser.

O inverno que chegou quebra meus ossos e eu me vejo sozinho em meu quarto com todos meus troféus e diplomas, as tais oportunidade de uma vida feliz me encaram com o olhar do vigário e a lareira esquenta meus pés enquanto a janela me mostra toda a rodovia pronta para morrer e se reconstruir com os jovens amantes se apaixonando em pistas velhas de skate e todo charme brando da bandinha de rock ensaiando seus trocados com sonhos de lotar estádio. As velhas se reúnem no parque para falar dos velhos centros de baladas onde dançavam e paqueravam

enquanto os velhinhos mexem suas peças de dominó. E assim se vai o velho circo que não tem mais seu público pois as peripécias e a magia das crianças estão em novas coisas, e nesse novo mundo há coisas boas e coisas ruins e eu não vou ser o profeta que dizerá qual é qual, sendo que eu só sei o que eu acho que acredito.

Mas se me perguntarem no que acredito, eu acredito numa nova geração com um efeito blackout nessas terras que Deus criou, acredito que olharemos todo o ódio e daremos ferozes gargalhadas de como isso não faz sentido, um mundo onde uma flor grita mais alto que uma bomba e um disparo, que amaremos os outros em irmandade celeste e então faremos Deus sorrir para todos ao invés de chorar, e ninguém jamais dirá que Deus está do "nosso" lado pois sabemos que ele é tudo. Toda natureza e toda matéria e nós mesmos.

Bem, então eu partir, partir para algum lugar na qual ainda não sei, peguei um em táxi espacial em direção ao nada e a algum lugar, partir em terras desconhecidas pelo lado escuro da rua em friagens de sombras mortas observando o por sol purpuro e agora confiante por saber quem sou, saber o meu propósito nessa vida, isso é o que todos procuram e eu encontrei o meu, podem os cometas do inferno caírem da atmosfera que eu serei o filho do mundo, podem eles me acharem feio pois sei que sou a aurora do sétimo selo dos céus e se 10 mil balas de revólver penetrarem minhas pernas eu não me preocuparei, pois sei que posso voar com todas minhas asas que um dia colhi em meu jardim e também sei que não sei de muito nesse vazio silêncio que é o universo cósmico, mas conheci pessoas o suficiente pra ser o que sou e nem tudo que contei pode necessariamente ser verdade mas nada que contém também é mentira pois acredito no que aqui descrevi e magicamente as revivo sempre em meu coração e mente. Pois é isso que sou, eu sou um observador, Eu sou um telespectador do mundo e toda suas maravilhas... EU SOU O **MUNDO**

FIM.